

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A INTUIÇÃO FONOLÓGICA DO APRENDIZ DO CÓDIGO ESCRITO

Dissertação submetida à Universidade  
Federal de Santa Catarina para a  
obtenção do grau de Mestre em Letras,  
área da Fonologia.

ARCELONI NEUSA VOLPATO

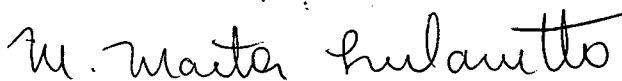
FLORIANÓPOLIS - SC

FEVEREIRO DE 1990

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

área de Fonologia e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras

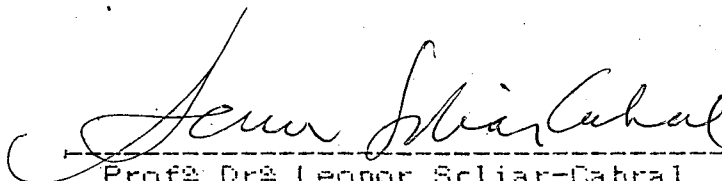


Profª Drª Maria Marta Furlanetto  
Coordenadora do Curso de Pós-  
-Graduação em Letras - Linguística



Profª Drª Leonor Scliar-Cabral  
Orientadora

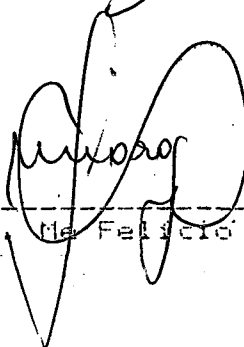
BANCA EXAMINADORA:



Profª Drª Leonor Scliar-Cabral



Profª Drª Hilda Gomes Vieira



Prof. Mr Felício Wesling Margott

Alberto (in memoriam)

Laura

Twin

## AGRADECIMENTOS

As crianças, sem as quais este trabalho seria impossível.

A Prof. Leonor, pela paciência e apoio que emprestou a este trabalho.

A direção, professores e funcionários da Escola Básica Brig. Eduardo Gomes e da Escola Alferes Tiradentes.

A Arcelaide, Arceli e Arcelei, pela força.

A Leila A. Costa e Maria Beatriz da Ros, grandes amigas.

A Prof<sup>as</sup> Cleia Abdalla e Vitorino Serafim, pela colaboração.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, Coordenadora, professores e funcionários.

Ao CNPq, pelo auxílio financeiro que permitiu a realização deste trabalho.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho teve como proposta demonstrar e compreender a intuição fonológica desenvolvida pela criança na sua apropriação do sistema escrito, embasando-se no trabalho de Read (1975).

A pesquisa foi realizada com 160 crianças de nível sócio-econômicos distintos, pertencentes à rede municipal de ensino: Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes, no Campeche, e à rede particular: Escola Alferes Tiradentes, no Centro. As crianças freqüentavam a primeira série de escolarização a nível de alfabetização.

A coleta de material transcorreu entre abril e setembro de 1986, onde foram obtidas as produções gráficas para posterior análise e conseqüente inferência das regras fonológico-grafêmicas internalizadas pelas crianças.

A análise do trabalho aponta um ser cognoscente dinâmico, capaz de estabelecer seus próprios critérios de gradação ao acesso do sistema de representação da escrita, para posterior domínio das regras ortográficas vigentes.

## SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO .....	5
CAPÍTULO II - METODOLOGIA .....	30
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS .....	40
3.1. Problemas grafêmicos .....	41
3.2. Ideograma .....	42
3.3. Letra .....	43
3.4. Problemas de troca de traços fônicos .....	44
3.4.1. Modo de articulação .....	44
3.4.1.1. Sonorização das plosivas .....	45
3.4.1.2. Sonorização das fricativas....	46
3.4.1.3. Ensurdimento das plosivas ..	47
3.4.1.4. Ensurdimento das fricativas	48
3.4.2. Zona de articulação .....	48
3.5. Problemas grafêmicos .....	50
3.5.1. Traçado das letras .....	50
3.5.2. Assimilação .....	56
3.6. Complexidade crescente .....	58
3.6.1. Complexidade crescente .....	58
3.6.1.1. Encadeamento e segmentação ...	58
3.6.1.2. Problemas de segmentação .....	60
3.6.1.3. Problemas de segmentação:	
Clíticos .....	61
3.6.2. Repetição das mesmas letras com alguma	
diferenciação .....	64
3.6.2.1. Vogais .....	64

3.6.2.2. Vogal e alguma consoante .....	67
3.6.2.3. Omissão das consoantes .....	68
3.7. Padrões silábicos .....	68
3.7.1. CVC .....	68
3.7.2. Encontros consonantais .....	79
3.7.2.1. Dígrafos .....	79
3.7.2.2. Split .....	83
3.7.2.3. Clusters .....	85
3.8. Diacríticos .....	86
3.8.1. Diacrise .....	86
3.8.2. ,Til .....	87
3.9. Limite de extensão métrica do vocábulo .....	88
3.10. Emergência das letras -	
Estratégias próprias das crianças .....	88
3.10.1. Ultrageneralização .....	89
3.10.2. Fonema no nome da letra .....	98
3.10.3. Homonímia .....	100
3.11. Intuição fonológica .....	101
3.11.1. Escreve como fala .....	101
3.11.2. Desinência de plural .....	104
3.11.3. Neutralização .....	105
3.11.4. Ultracorreção .....	109
CONCLUSÃO .....	113
BIBLIOGRAFIA .....	115
ANEXOS .....	118
ANEXO I .....	119
ANEXO II .....	130

## INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização tem sido vivenciado como o ato mecânico de codificar e decodificar a escrita e a leitura, porém ele deve ser repensado em termos de (re)construção crítica da cultura humana; como (re)criação conceitual de um objeto.

Na alfabetização tradicional, mecânica, são utilizados inicialmente exercícios de treinamento de coordenação motora e percepção auditivo-visual e então apresenta-se a aprendizagem da leitura e da escrita propriamente dita; uma projeção skinneriana. Anula-se a capacidade intelectual do indivíduo, criativa e criadora, pois é um "treinamento". Torna-se o indivíduo capacitado a associar fonemas e grafemas, desde que ele tenha aprendido a desenhar "direitinho" as letras.

As palavras atravessam todas as dimensões do nosso meio, que está sempre em mutação, por decorrência estamos sempre reconstruindo; a palavra compõem o nosso dia a dia. Nossas crianças são seres ativos, que compreendem o mundo



que as cerca e constroem suas próprias explicações acerca deste mundo. Cada indivíduo possui estruturas mentais diferentes e tem seu próprio caminho para determinar a realidade e gradativamente desenvolver suas hipóteses sobre o sistema da escrita.

De acordo com essa visão, a criança organizadora do seu conhecimento, é necessário vislumbrar o seu acesso e a sua forma de apropriação da escrita por um outro ângulo. Antes de depender de qualquer prontidão motora ou perceptual, deve estar atrelada ao desenvolvimento cognitivo da criança, que determina a "prontidão" da criança para atuar como ser ativo e pensante. Assim, é a sua interação com o objeto a ser apreendido que determina ou não o seu sucesso, os estágios percorridos e a seqüência que fará nessa apropriação. Seria uma atitude onipotente da nossa parte imaginarmos que um ser capaz de gerar o seu próprio conhecimento limitar-se-ia a vivenciar somente aos seis ou sete anos o sistema gráfico ou porque não tenha curiosidade ou porque não exerça atividades de leitura.

Este trabalho seguiu a orientação de Read, que trabalhou com material coletado de crianças americanas que iniciaram suas primeiras produções espontaneamente, sem a interferência formal da escola. Nossos sujeitos estavam no seu primeiro ano escolar e pertenciam parte à escola particular, parte à escola pública. Tiveram liberdade de grafar o que desejavam, da forma como desejavam. Resguardamo-nos o direito de não ter, na sala em que foi coletado o material letras de espécie alguma.

Hipotetizávamos a presença dos pretensos "erros" como não sendo realmente erros, mas como inferências fonológicas efetuadas pelas mesmas demonstrando o grau de abstração a que estavam capacitadas. Com esse espírito foi desenvolvido o trabalho, a fim de que viesse elucidar o real labor efetuado pela criança e o conhecimento adquirido colaborasse com lingüistas, psicolingüistas, pedagogos, professores e todo pessoal interessado e comprometido com os fatos científicos de cunho humanista vinculados à aquisição da linguagem escrita.

Esta dissertação consta de uma introdução e quatro capítulos. No primeiro capítulo, caracterizamos os padrões evolutivos da escrita desde o pictograma, até a escrita alfabética. Foram ainda enfocadas as principais conclusões de diversos pesquisadores de forma a traçar o perfil da criança desde os primeiros momentos em que se evidencia o seu primeiro interesse pela escrita, que remonta ao seu primeiro ou segundo ano de vida, quando há ambiente, naturalmente. Foram ainda abordados os principais tópicos do artigo de Read (1975) que embasa este trabalho.

No segundo capítulo, que se refere ao método, enfocamos a pesquisa de campo, os sujeitos e os procedimentos adotados.

O terceiro capítulo apresenta a análise das produções obtidas das crianças.

No quarto capítulo sumariamos as evidências encontradas no capítulo anterior, de forma a dar uma visão

No quarto capítulo sumariamos as evidências encontradas no capítulo anterior, de forma a dar uma visão global das conclusões chegadas.

Há ainda dois anexos, o primeiro mostra o teste de linguagem Sciliar-cabral (1982) e o segundo é composto do material coletado dos garotos.

## CAPÍTULO I

### REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil e em muitos outros países do primeiro, segundo ou terceiro mundo não vivemos numa sociedade ágrafa. Deparamo-nos, hoje, com "out-doors", placas de sinalização, rótulos, luminosos, cartazes, camisetas estampadas, agendas, listas telefônicas, ou qualquer outra forma de contato gráfico que nos é imposta. Tramitamos por entre um sistema de representação que é aspergido sobre nós e que se infiltra em nosso organismo cognoscente à revelia. A escrita é hoje convívio obrigatório para todo aquele que deseja obter e acompanhar o desenvolvimento científico e/ou tecnológico.

Gnerre (1985) chama a atenção para as sociedades ágrafas e a oralidade, aponta o aprendizado criativo e individualizado da fala versus o aprendizado massificante da escrita, já que tendemos a considerar os alfabetizados donos de um forte desejo de serem alfabetizados e sumariamente desprezamos suas características individuais ou geográficas. Concordo com o lingüista em respeitar a oralidade, crendo mesmo que o seu declínio em determinadas culturas gerou um processo de decadência numa série de

tradições, contudo, uma sociedade com sistemas gráficos de representação está mais próxima do desenvolvimento científico e tecnológico, pois mesmo sociedades que possuem os seus próprios sistemas escritos já enraizados, mas que não acompanham o desenvolvimento científico e tecnológico apelam para uma segunda língua (hoje o inglês) com o intuito de se apropriar destes conhecimentos. Além disto, conforme veremos nesta dissertação, a apropriação da escrita também é criativa.

A escrita confere maior clareza no entendimento dos fatos, uma vez que possibilita a objetivação do saber de uma forma mais estável e permanente. O seguinte trecho de Heródoto, "Enquetes", é utilizado por Bouton (1975) para ilustrar o caráter dúbio nas comunicações, que não através da escrita. Na Guerra entre citas e persas, os citas enviam um mensageiro que apresenta a Dário, rei persa, uma ave, um rato, uma rá e cinco flechas. Duas interpretações são apresentadas à mensagem: a primeira é feita pelo próprio imperador persa. Dário interpreta os objetos como símbolos das rendições dos citas. Diz: o rato vive na terra e se alimenta das mesmas colheitas que o homem, a rá vive na água e a ave é a imagem fiel do cavalo. Segundo a sua interpretação, os citas entregavam assim suas terras, suas águas e a si próprios. Quanto às flechas, significavam a rendição de suas armas. Gobrias, um desertor, contra-argumenta, fornecendo uma segunda interpretação que diz: a menos que o seu povo, os persas, se transformassem em aves para fugir pelos céus ou em ratos para se esconderem na terra ou ainda em rás para mergulharem nos pântanos, seriam trespassados por flechas sem poder ver sua pátria novamente.

Um "bilhete" teria impossibilitado a multiplicidade da comunicação; objetiva e racionalmente, teria veiculado a real intenção dos citas, já que a escrita requer clareza, lógica, concisão e precisão de linguagem, diz Abud (1987). Em suma: coesão e coerência. No entanto, mesmo os textos escritos podem se prestar a várias interpretações, conforme seu grau de ambigüidade e polissemia.

É buscando a tradição que as diversas culturas têm agido ao longo dos anos, no sentido de registrar graficamente atos ou pensamentos. Leroi-Gourhan (1) situa a origem da escrita por volta do ano 50.000 antes de nossa era para o musteriano evoluído (2) e 30.000 anos antes de nossa era para o aurignaciano (3). Por volta de 20.000 a figuração gráfica tornou-se corrente e por volta de 15.000, ela atinge uma destreza técnica quase igual à dos tempos atuais. Assim, o pictograma (4) evoluiu para a representação silábica e posteriormente para a fonológica, para o alfabeto, reproduzindo mais ou menos o sistema fonológico e a linearidade da cadeia falada. Enquanto muitos sistemas logográficos foram inventados em diferentes épocas e locais, o surgimento do sistema alfabético situou-se apenas uma única vez na história, com os comerciantes do Oriente Próximo: nenhuma outra escrita conseguiu dar esse salto, nem no Egito, nem na China, nem no México. Esta transcrição não pode ser mais que uma aproximação: tem-se que restringir o número de sinais e, ao mesmo tempo, conservar uma informação suficiente, diz Bresson (in Bouton, 1984) Descuidamo-nos assim da entoação ou das variações alofônicas e qualquer trabalho no sentido de aperfeiçoá-la implicará o aumento do número de sinais. Para Bresson (in Bouton, 1984) a função da

escrita não implica de modo algum uma transcrição demasiado fiel (5), só requer uma aproximação suficiente para assegurar a identificação dos morfemas.

Praticamente não há uma única representação gráfica que seja exclusiva de uma dada língua falada, haja visto que muitas línguas utilizam o mesmo alfabeto. Bouton (1975) diz que cada letra incorpora os valores fonológicos de cada língua. Muitas línguas se ligam às formas escritas que são como que cicatrizes dos acidentes da evolução fonológica que esta língua sofreu ao longo dos anos. Consideremos ainda que a escrita é convencional, estabelecida por eruditos, muito mais preocupados com a exatidão filológica ou etimológica, diz Bouton (1975). Assim, cada letra na escrita alfabética, segundo o contexto, poderá revestir valores fonéticos distintos. Existem muitas palavras que não podem ser corretamente escritas usando-se as regras de conversão dos sons para os símbolos. Essa limitação é patente quando um computador é programado para escrever, conforme estudos de Hanna, Hanna, Hodges e Rudolf (1966 in Jorm:1985). Esses pesquisadores programaram o computador com trezentas regras de ortografia, contudo o programa não funcionou bem. Das 17.000 palavras apresentadas ao computador ele errou mais da metade, desempenho inaceitável para um adulto letrado. Eles crêem que a despeito de todas as regras armazenadas pelo falante, ele possui e utiliza uma espécie de dicionário mental, onde armazena toda a ortografia da língua dominada. Diríamos que o computador ainda não conseguiu resolver o problema de converter as variantes em invariâncias, o que o cérebro humano faz.

A construção de uma primeira forma de representação adequada perfaz um longo percurso histórico até a obtenção da forma final de uso coletivo, uma vez que no caso de uma criação de representações, nem os elementos, nem as relações estão predeterminados, o que já não ocorre quando o sistema está codificado, pois tanto elementos como relações já estão predeterminados, diz Ferreiro (1985).

As condições da evolução da escrita durante sua história dependem de fatores diversos: condição econômica da sociedade, progresso intelectual e faculdade de abstração e conhecimento da língua falada. Meillet (in Bouton, 1975) diz que a estrutura da língua condiciona cada invenção decisiva na evolução da escrita. O desenvolvimento da escrita parte de uma representação figurativa do significado para um código formado de signos abstratos, símbolos dos sons da língua: os sistemas de escrita alfabética, cujas unidades romperam qualquer elo com o sentido da palavra que obedecem as regras particulares e específicas.

Diferentes classificações foram propostas pelos estudiosos dos sistemas escritos que evoluem rumo a uma economia e entendimento maior a cada tempo. Dos sistemas pictográficos, pouco claros aos leitores não participantes das comunidades, aos sistemas ideográficos, pouco econômicos, uma vez que cada símbolo corresponde globalmente a um conceito, voltamo-nos para um sistema alfabético ou silábico onde um número restrito de sinais possibilita um número infinito de mensagens. M. Cohen (apud Dubois, 1973:223) distingue três etapas na sua classificação histórica:



- a. pictogramas
- b. ideogramas
- c. fonogramas

A classificação de Cohen foi posteriormente contestada por Leroi-Gourhan (ibidem) que questiona o primeiro estágio unicamente figurativo do caráter realista e concreto e o separa dos pictogramas aos quais nomeia de mitogramas. Os três estágios anteriores foram hoje substituídos por uma classificação distinta em cinco categorias:

- a. fraseogramas - inscrição que transmite mensagens inteiras sem distinguir palavras;
- b. logogramas - designam palavras, unidades semânticas do discurso;
- c. morfemogramas - marcam as unidades mínimas dotadas de significação; os morfemas;
- d. silabograma - distinguem as diferentes sílabas;
- e. fonogramas - marcam os elementos fônicos.

É momento de distinguirmos entre a situação da escrita em seus papéis enquanto representação ou codificação. Abud (1987) fala do processo de aquisição da língua como sendo habilidades básicas de leitura e escrita e alfabetizar significa ensinar o código escrito correspondente ao código oral, habilitando o aluno a decifrar e a utilizá-lo com compreensão. Trata-se, pois, da aprendizagem mais ou menos sistemática da relação arbitrária entre os grafemas e as representações fonológicas; da ordenação morfológica e léxica das palavras e da articulação sintática das frases e

dos textos. A alfabetização possibilitaria ao homem uma mudança de comportamento diante do universo, continua Abud, o que lhe possibilitaria integrar-se à sociedade de maneira crítica e dinâmica, logo constituiria uma das formas de promover o homem, tanto do ponto de vista social, como individual.

Essa promoção só aconteceria se nos referirmos à escrita como coloca Ferreira (1985), como objeto de conhecimento, como uma aprendizagem conceitual, que é produto de uma construção mental, portanto, tarefa cognitiva central e não exatamente como apropriação de uma habilidade conforme cita Abud (1987). Questiono também o efeito dessa habilidade, tal como coloca Abud, na transformação de um indivíduo em crítico e dinâmico. O indivíduo deve formalizar conceitos e proposições para interagir na sociedade. Se concebemos essas aquisições como um código de transcrição, seu domínio estará restrito sumariamente à aquisição de uma técnica com implicações no método, procedimentos e materiais, assim cada vez mais a alfabetização seria vista e discutida como um processo tecnicizante, no qual o fator tempo seria preponderante para a avaliação e sucesso dos métodos.

Ferreira (1985) expõe que se concebermos a escrita como uma representação, entenderemos que as palavras são equivalentes entre si apesar de pertencerem a classes morfológicas distintas, o que nos leva a compreender por que alguns elementos assim como entoação, próprios da oralidade não são totalmente retidos na representação.

A escrita é um produto de construção mental da humanidade, a partir de uma tomada de consciência da linguagem. É o uso funcional de linhas, pontos e outros sinais para lembrar e transmitir idéias e conceitos. Luria (1983) situa-a como o mais inestimável instrumento de cultura.

A aquisição da representação escrita, embora estejamos acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de aprendizagem escolar, começa muito antes da escolarização. Marozzi et alii (1975) apontam a escrita como uma imposição do meio para a criança: quanto mais elevado culturalmente for esse meio, mais ela sentirá a necessidade de escrever, de comunicar-se no tempo e no espaço com aqueles que a cercam e que freqüentemente se utilizam desse recurso.

A organização social criada para controlar o processo de aprendizagem é a escola. É na escola, portanto, que devem aprender o sistema de representação matemático e o sistema de representação da linguagem. Felizmente o fato de que tenham que ir a escola para "aprender" é ignorado pelas crianças que elaboram seus problemas com profundo grau de complexidade e abstração e tratam por si mesmas de construir suas hipóteses, construtoras que são de seu conhecimento.

Luria (1983) remonta a origem do processo de desenvolvimento da escrita à pré-história do desenvolvimento das formas mais altas de comportamento da criança, que possui assim praticamente metade do conhecimento necessário que a habilitará a dominar a escrita em curto espaço de

tempo quando chegar à escola.

Em Frith (1980) encontramos a colocação de que leitura e escrita ocorrem por processos diferenciados. Comumente pensa-se que a criança domina o conhecimento preenchendo lacunas que venham a se fazer presentes para o atendimento de suas necessidades. Se, ao contrário, pensarmos em estratégias desenvolvidas pelas próprias crianças, ser cognscente, inclusive para suprir suas necessidades intelectuais, explicaremos a abordagem de novas situações. A distinção dos processos de aquisição da escrita e leitura embasa-se nos seguintes padrões relacionados por Bryant e Bradley (1987).

- crianças que lêem e escrevem uma palavra ou não lêem e não escrevem essa mesma palavra. O que categoriza palavra lida e escrita ou palavra não lida e não escrita;
- crianças que lêem uma palavra, mas não a escrevem;
- crianças que não lêem uma palavra, contudo escrevem-na.

Enquanto processos distintos, por qual deles iniciar?

Em alguns países como os Estados Unidos, com pedagogia tradicional, a escrita é precedida regularmente pela leitura, o que já não ocorre no Brasil, ou em toda a América Latina. Ferreiro (1985) remete sua teoria à visão que se possui do ensino da escrita: se visamos simplesmente a um ensino de um código de transcrição, é possível dissociar

escrita e leitura, enquanto aprendizagem de duas técnicas diversas, porém complementares. Se compreendemos a estrutura do sistema de escrita como algo conceitual, capaz de ser pensado e compreendido pela criança, temos processos que fazem com que ela produza atividades de produção e interpretação simultaneamente. Pela visão de Ferreiro (1985) a possibilidade que se apresenta de dissociarmos as duas atividades ocorreria se as tomássemos simplesmente como código de transcrição, ao contrário de os considerarmos como processos associados e paralelos.

A criança com seis ou sete anos já construiu suas hipóteses, desenvolveu estratégias e estabeleceu funções semelhantes à representação alfabética, porém, ao chegar à escola, ela perde toda a técnica desenvolvida por si própria (Luria, 1983).

Luria (1983) estabelece a escrita como imitativa. A criança parte do indiferenciado imitativo para chegar ao diferenciado imitativo, passando pelo diferenciado sem entendimento. Um grupo de crianças de três, quatro ou cinco anos anota sentenças que lhe são apresentadas objetando exclusivamente sua inabilidade para efetuar a tarefa; rabiscarão o papel imitando exclusivamente a movimentação dos adultos. Estes rabiscos não apresentam qualquer representação de significado ou qualquer esforço de memória. Nem fazem a ligação 'escrito' à idéia que ele contém. Numa segunda fase, qualquer marca que ela registre será ainda despida de conteúdo por si própria, marcará exclusivamente a organização de comportamento da criança, partindo daí a presença de um significado, que entretanto não é ainda

aparente.

Na próxima etapa, a criança precisa criar um sistema de representação para ler e escrever no mais real sentido da palavra. Precisa diferenciar os símbolos e fazê-los expressar um conteúdo bastante específico. Somente então a escrita tornar-se-á estável e independente. Assim, a criança salta dos rabiscos imitativos ao estímulo apresentado com conseqüente produção gráfica, transforma o signo-estímulo em um signo-símbolo. Passa do ato ao processo.

Número e forma são dois estímulos que levam a criança da fase indiferenciada para a fase diferenciada. O primeiro a romper os limites é o número, que na nossa atual estruturação escrita permite gravar o sistema matemático, o que levará à funcionalidade e capacita a criança a ler, pela primeira vez, o que escreveu.

Luria (1983) supõe que a escrita seja entendida em si, pela criança, bem mais tarde: ela sabe que os símbolos gravam tudo que quer, mas não entende como. O ato gerará o entendimento.

Ajuriaguerra e Auzias (apud Bouton, 1975) colocam que todo indivíduo, num dado momento de desenvolvimento, manifestará aptidão para escrever. Essa potencialidade decorre do amadurecimento de vários sistemas e só se tornará efetiva via uma aprendizagem. Bouton (1975) mostra etapas bastante semelhantes às apresentadas por Luria (1983). Desde que a coordenação motora o permita, a criança rabisca. A destreza se aperfeiçoa depois dos primeiros traços

espontâneos e vai adquirindo pelo desenho o valor simbólico do sinal gráfico.

Entre dois ou três anos a criança começa a rabiscar, principalmente se vê os outros a sua volta escrevendo, o que nos remete ao ato imitativo de Luria (1983). A criança é estimulada ao ato imitativo pela impulsão motora. Ela é estimulada no ambiente para liberar processos que não estão ainda totalmente canalizados. Seus traços primitivamente contínuos tornam-se seccionados: a princípio verticais, tornam-se horizontais. O que virá a se confirmar nas pesquisas de Ferreiro e colaboradores. São determinados diretamente pela maturação neuro-motora e localizam-se no papel de acordo com o esquema corporal.

Entre três e quatro anos, resultantes do amadurecimento das atividades sensório-motoras, a criança começa a dar mais firmeza ao traço e a diferenciá-lo. A criança passa a interpretar um desenho após acabá-lo; e mesmo havendo uma certa coincidência entre forma e traço com a sua interpretação conceitual, uma não é determinada pela outra. A etapa seguinte é vencida quando há antecipação do desenho que efetuará.

Entre quatro e seis anos seu desenho torna-se ainda mais preciso e rico em detalhes. É tarefa agradável para a criança que gosta de colorir. É educação básica na formação de função simbólica da criança. Ao lado desses desenhos figurativos a criança situa linhas onduladas ou retas, seqüenciadas ou não, círculos ou curvas, esboçados linearmente, revelando assim uma intuição da existência da

configurações abstratas simbólicas.

Esporadicamente as crianças seqüenciam letras, em função da explicação de adultos e grafam o seu nome. É a via de acesso ao simbolismo gráfico com toda a evidência gerada pelo simbolismo oral já adquirido. A aquisição da escrita pode se fazer por iniciativa pessoal, anterior à idade escolar e fora da ação familiar, como é o caso da soletrações inventadas pelas crianças inglesas e estudadas por Read (1975).

Bouton (1975) situa como início propriamente dito da aquisição da escrita a cópia de letras para posterior cópia de palavras, onde se manifesta a percepção das formas e dos símbolos visuais. À cópia segue-se o ditado, muito mais complexo: esse mecanismo parte do estímulo auditivo à organização de gestos grafó-motores.

Escrita e oralidade são fonologicamente discrepantes entre si. A escrita não está restrita ao nível fonológico e não utiliza sempre valores gramaticais com apenas uma expressão gráfica, como por exemplo, (s/ss/ç/c), (s/z/x) para o mesmo fonema, assim a convenção da escrita necessita de que uma longa aprendizagem se encadeie às anteriores: a da ortografia. A criança constrói uma série de conhecimentos, contudo, necessita apreender e subordinar-se a convenção já existente.

Se, contudo, a criança após o ditado partir para a escrita espontânea, esta se apresenta como muito mais complexa. O sistema gráfico deriva da fala interior e



subentende uma realização articulatória virtual: o escrito passa pela fala que está sempre ligada à cópia e ao ditado. A criança só atinge esse estado quando associa a forma fônica à forma gráfica.

Ao analisar o surgimento da representação, Uygotsky (1983) propõe como ponto de saída uma fase ainda anterior àquelas apresentadas por Bouton e Luria. Propõe a origem da escrita nos gestos. O autor conecta os processos de brincadeiras, desenhos e escritos para explicar o progresso da criança de um simbolismo de primeira ordem como é a fala para um de segunda ordem, como é concebida a escrita, por derivar da fala.

Ferreiro et alii (1982) elaboraram um trabalho com crianças entre três e seis anos e estabeleceram as seguintes etapas genéricas por que passam as crianças no seu acesso à escrita:

1. não há distinção entre garatuñas produzidas nas diversas sessões;
2. faz marcas que distinguem a representação de um objeto representado por palavras (formas fechadas);
3. embora a criança não distinga entre desenhos e escrita, suas marcas tendem a ser pictográficas;
4. apresenta uma distinção parcial entre desenho e escrita;
5. distingue entre desenho e escrita;
6. distingue entre desenho e escrita, contudo, nega-se a escrever por perceber sua inabilidade com o código convencional;

7. adquire muitas das regras da escrita conhecendo muito dos sons que as letras representam;

A etapa lógica seguinte é o domínio de pequenos textos simples. Essas sete etapas evolutivas distribuem-se em quatro níveis. Em Ferreiro et alii (1982) encontramos:

NÍVEL PRÉ-SILÁBICO - encontramos escritas que não apresentam correspondência entre grafia e som (:19)

NÍVEL SILÁBICO - a criança compreende que as diferenças das representações escritas se relacionam com as diferenças na pauta sonora das palavras (:25): procura efetuar geralmente uma grafia para cada sílaba;

NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO - neste nível coexistem duas formas de fazer corresponder sons e grafias: a silábica e a alfabética (:29). A sistematicidade se estabelece no sentido de que a cada grafia corresponde um som. Há a possibilidade de falhas que são abrandadas pelo conhecimento meta-fonológico da criança, que então se desenvolve;

NÍVEL ALFABÉTICO - a escrita é organizada com base na correspondência entre grafemas e fonemas.

Desde que Ferreiro trabalha com a concepção da escrita, essa fase seria mais convenientemente denominada fonética, como propõe Lemle (1983).

Ferreiro teoriza sobre a aquisição da escrita baseando-se na teoria de Piaget.

Em ambiente urbano as crianças estão expostas, desde o seu nascer, a uma sociedade letrada. Convivem com material escrito e com o uso que a sociedade faz dele. As crianças observam e colecionam uma série de informações. O ato de escrever uma carta, envelopá-la, subscrever o envelope, postá-lo. Observam a pesquisa ao guia telefônico, a agenda pessoal, busca de informações nos rótulos em supermercados, as anotações colhidas de atos da escrita, que são extensões da memória. A construção de um objeto de conhecimento implica muito mais do que mera coleção ou observação de informações. Implica a construção de um esquema conceitual que permita interpretar informações ao recebê-las para transformá-las em conhecimento; que permita processos de inferência acerca de propriedades não observadas de um determinado objeto e a construção de novos observáveis, na base do que se antecipou e do que foi verificado, comenta Ferreiro (1985).

Resultante do desenvolvimento lingüístico e cognitivo, amadurece por volta dos sete anos no falante a consciência metalingüística, que lhe capacita refletir sobre a língua e como são veiculadas as mensagens lingüísticas. Com a consciência metalingüística, a criança está capacitada a manipular explicitamente a língua falada para apreensão do código escrito. (Zanini, 1986)

Aceita-se, assim, a gênese do desenvolvimento da

leitura e da escrita como bem anterior às informações sistemáticas da escola, considerando-se a aprendizagem de diferentes informações não relacionadas entre si, que logo serão reunidas por um processo não totalmente esclarecido, porém a aprendizagem da escrita (e da leitura) comporta muito mais do que habilidades motoras, controle motor e visual, pois exige a coordenação perceptivo-motora e os processos não especificados na sua totalidade ainda, comenta Micotti (1980). O interessante é que justamente a tarefa cognitiva central é trabalhada pelos alfabetizadores com pouco peso, dizem Scliar-Cabral (1986) e Abud (1987). Os alfabetizadores parecem não se dar conta de que apropriar-se da escrita (ou da leitura) é construir um complexo sistema de representação simbólico. Apesar do que priorizam os alfabetizadores, os aprendizes do código constroem sua própria teoria de correspondência entre sons e letras.

Há um saber linguístico generalizado pela criança da sua própria língua, o qual não deve ser ignorado já que queremos ensiná-la a representar essa mesma língua. A representação escrita exige da criança subordinar-se ao sistema convencional, aprendendo a relacionar o seu sistema fonológico internalizado ao sistema grafêmico convencional da língua de sua comunidade.

Goes e Martlew (1983) mostram que a aquisição da fala pela criança se dá num contexto altamente motivado, sem ciência dos meios de produção, no que difere da aquisição da escrita em que a criança penetra em um complexo, abstrato sistema em que as convenções têm que ser dominadas de início. Contini (1975) aponta a própria situação escolar

como uma barreira para essa aquisição. Reid e Downing, apud Goes e Martlew (1983), mostram em estudos que a apropriação pela criança do código escrito convencional esta diretamente relacionada à prática educacional, entretanto, Gnerre (1985) diz que é através das hipotetizações que a criança consegue compreender a escrita. Contudo, é forçoso reconhecer que no caso da escrita, a criança não tem liberdade de "experimentar" tão livremente quanto lhe é permitido fazer com a linguagem oral, pois a escola abomina, conforme Gnerre, os erros, ela não prevê espaço ou tempo para conjecturas.

Papandropoulos e Sinclair (in Bouton, 1975) acham que a criança não conceitualiza diferença entre palavra, objeto e ação, não mostrando distinção entre reflexão e linguagem usada; entre cinco e sete anos eles reagem à palavra como um nome e confundem a palavra com o ato da fala em si. Uygotsky (1983) aponta as características específicas da escrita que levam a criança a desenvolver uma sintaxe diferenciada. Inicialmente mediada pela fala, a criança pula da "escrita-falada" para a "escrita-escrita".

Luria (1983) mostra a escrita como o uso funcional de linhas, pontos e outros sinais para lembrar e transmitir idéias e conceitos, contudo, salientam Read (1983) e Bouton (1975) a incapacidade da escrita de reter características prosódicas: entoação, acento, duração ou mesmo emotividade. Qualquer sistema alfabético, ou não, tem fracassado nestes aspectos da representação da fala, que são importantíssimos para a sua compreensão. Os sistemas representam, no máximo, segundo Dubois et alii (1986), aproximadamente os

foneticismos e à linearidade da cadeia da fala. A verdade, diz Bouton (1975) é que as realizações, ou a própria língua escrita, sob a forma de discurso escrito, não são na maior parte dos casos simples transposições de código falado para a escrita: baseando-nos na competência da língua falada, construímos uma competência complementar para o escrito: em seguida, esta competência liberta-se numa certa medida da primeira.

Dubois (1986) e Bouton (1975) apontam para os eixos espaço e tempo: a fala se desenrola no tempo e desaparece; enquanto que a escrita tem como suporte o espaço, que a conserva sob uma forma linear.

Llorach, apud Bouton, (1975) destaca os elementos constitutivos da escrita, os sinais gráficos, cuja estrutura é análoga à dos sinais lingüísticos, quer dizer, compostos por um significante e por um conteúdo, coincidentes num conteúdo idêntico: a experiência humana. Distinguem-se pelos seus significantes serem diferentes: a escrita serve-se de elementos gráficos e a linguagem oral de elementos vocais.

Gibson e Levin (1975-1978) concluem que o relacionamento entre o falado e o escrito se dá a nível de fonema e grafema, que, devido ao isomorfismo entre estruturas gráficas e acústicas, não se correspondem unitariamente.

Scliar-Cabral (1986) apresenta o seguinte esquema diferenciando comunicação oral da escrita:

## COMUNICAÇÃO ORAL

- sinal acústico
- Broadcasting transmission  
enfatiamento dependente  
da retenção na memória  
acústica a curto prazo
- associação com imagens  
motoras
- multipistas fornecidas  
pelo interlocutor  
presente (gestos,  
expressão fisionômica)  
e pelo contexto  
imediatamente circundante
- déixis dependente  
da presença dos  
interlocutores num espaço  
e tempo compartilhados
- possibilidade de  
reposição da informação  
pelo interlocutor.
- experiência anterior, em  
geral, compartilhada  
pelos interlocutores

## COMUNICAÇÃO ESCRITA

- sinal luminoso
- transmissão  
unidirecionada
- enfatiamento dependente  
da MUOP, mas passível de  
retrocessos
- associação com a imagem  
acústica e imagens  
motoras
- pistas fornecidas apenas  
pelo contexto escrito
- processos de  
correferencialidade,  
anafóricos; coesão e  
coerência dependentes  
exclusivamente do texto e  
das habilidades de  
referenciação
- experiência empírica e  
histórica gradativamente  
diferenciadas, conforme o  
gênero e a distância  
espaço-temporal

- retenção da informação a longo prazo dependente da memória
- o problema do referente
- possibilidade de retomada do texto a qualquer momento
- dificuldade de reinterpretações
- reinterpretações sempre possíveis (opera aberta)

Teríamos um grau de dificuldade bastante intenso para adquirir o sistema escrito se aprendêssemos só as letras e as suas combinações. Devemos supor que o sistema escrito é mais que meramente a transposição da fala para a escrita, devemos percebê-los como possuidores de identidade própria embora possuam pontos em comum: a língua, por exemplo. Não perceber a identidade própria a cada sistema de comunicação tem sido o erro da escola, geradora de tantos insucessos e fracassos.

Assim, traçado o perfil destes seres que formulam os seus critérios para terem sucesso no processo de alfabetização, suas faculdades metalingüísticas, suas capacidades de distanciamento, suas prontidões perceptuais, sensoriais e motrizes, vamos ao artigo de Read (1975) "Lessons to be learned from the preschool orthographer", que orienta este trabalho, onde o autor trata da produção de mensagens escritas por crianças alfabetizadas que previamente aprenderam os nomes das letras no inglês. Estas crianças produzem mensagens, empregando um sistema ortográfico, que é parte de sua própria intuição, com base



no nome das letras que aprenderam em idade precoce. Questionando e observando adultos, evidenciam que as letras apresentam sons que geralmente estão contidos nos nomes das letras. Quanto à metodologia empregada, Read não é bastante específico. Dá-nos um breve histórico da vivência das crianças em suas primeiras manifestações escritas, traçando em linhas gerais, comentários sobre as manifestações e ocorrências.

A maioria das crianças entrevistadas pelo autor brincou com cubos móveis de alfabeto, começando a fazer suas primeiras soletrações simples por volta de 3 a 4 anos e meio. A etapa seguinte foi com o uso de lápis e papel, ou seus equivalentes, tais como lápis de cor ou cera e papel de parede, quando produziram as mais duráveis representações estudadas. Suas mensagens são geralmente sentenças ou frases, cartas dirigidas aos pais, parentes e amigos, ou, ainda, títulos em seus desenhos; ocorrem também histórias, poemas, protestos aos pais, além de outras formas de expressão. Algumas das mensagens só eram decifradas muitas vezes pelo contexto em que se encontravam, ou pelo desenho feito. Considere-se ainda que o produtor da mensagem, algumas vezes em estágio precoce, não podia lê-la um ou dois dias após produzi-la. É fato que "as crianças começaram a escrever antes de poderem ler, "stricto sensu" é claramente produção precedendo a compreensão" (5); contudo, é sabido que as habilidades lingüísticas receptivas precedem as produtivas, ou seja, ouvir para falar, ler para escrever. Constata-se aqui uma inversão destas últimas habilidades referentes à representação gráfica. Read (1975) não nos apresenta fatos que expliquem tal ocorrência. Nossa

discrepância em relação à explicação fornecida por Read parte de uma concepção diferente da que ele denomina de escrita, ou seja, que a criança ao escrever algumas letras para representar algumas palavras está agindo de forma semelhante ao que faz quando reconhece logotipos numa fase inicial: estas estratégias ainda não tem o caráter de regras sistemáticas internalizadas porque carecem de produtividade. São relevantes as produções que incluem uma ou duas soletrações aprendidas e no mínimo um "erro", relativo à soletração intuitiva da criança. Os soletradores precoces não ocorrem com freqüência na cultura americana, contudo constituíram um número suficiente para que Read (1975) localizasse mais de vinte crianças para produzir um "corpus" razoável. Com referência aos pais dos sujeitos, caracterizaram-se unicamente pela benevolência com que encaravam o quebra-cabeças desenvolvido pelos filhos já que as manifestações seriam consideradas incorretas pelos critérios estabelecidos pelos adultos. Excetuem-se dois lingüistas que reconheceram em seus filhos a sistematicidade na produção e uma base fonética racional.

Comparando-se a produção das crianças, observou-se certa similitude em suas manifestações, que evidencia certos julgamentos dos sons ingleses e suas representações. Aprendendo os nomes convencionais das letras prematuramente, estas crianças depreenderam um princípio ortográfico geral: pelo menos um som consta no nome da letra representado por ela. Todavia, a criança enfrenta um problema: não há letras suficientes para representar distintamente todos os sons que ela pode identificar.

As crianças soletram consoantes com letras cujos nomes contêm segmentos consonantais e as vogais com letras cujos nomes só contêm vogais e "glides". Assim, a, e, i, o, u, y, e w representam exclusivamente vogais e glides, enquanto as letras remanescentes representam consoantes. Naturalmente que o nome das letras oferece ajuda somente parcial. Os fonemas /p, t, k, b, d, f, v, z, 'j, m, n, r/ e /l/ são indicados respectivamente no nome em inglês das letras correspondentes, e /c/ ocorre no nome da letra h (tenha-se em mente que se trata do alfabeto inglês). Entretanto, as letras remanescentes "c", "g", "q", "w", e "x" não oferecem informações adicionais à sua representação, já que as consoantes que elas contêm já estavam referidas nos nomes das outras letras mencionadas. Os fonemas /θ, o, s, z, ʒ, ñ/ e /h/ não têm qualquer sugestão direta para a sua representação. Ressalve-se que a despeito de terem as vogais muito menos sugestões de uso em seus nomes, há um melhor critério para a soletração destas por parte das criança (2). A percepção e a produção das vogais apresenta maior estabilidade e economia por que podem ser produzidas isoladamente e além disso, elas influenciam sensivelmente as pistas acústicas fornecidas pelas consoantes com as quais se coarticulam. Algumas consoantes não podem de modo algum ser produzidas sem apoio vocálico (consoantes oclusivas). Isto faz com que em algum estágio do processamento o sinal acústico da fala seja percebido como sílaba, cujo desmembramento consciente só será possível pelo efeito do letramento.

Para enfrentar os problemas que a criança encontra para as suas soletrações, Read (1975) hipotetiza quatro possíveis

caminhos a serem seguidos pela criança:

- desistir da soletração, omitindo sons problemáticos, ou colocando simplesmente qualquer letra;
- criar um alfabeto fonético próprio;
- solicitar ajuda do adulto para soletrar;
- relacionar sons sobre alguma base, usando uma soletração conhecida para mais do que um som.

É esta última escolha a preferida, que é tanto típica quanto esclarecedora, já que os pequenos produtores, portanto, não escolheram letras aleatoriamente. Mostraram-se bastante independentes do sistema adulto em alguns aspectos, embora parecessem aceitar o alfabeto como condição para a resolução do problema. Obtinham ajuda dos adultos quando solicitavam soletrações específicas e, juntamente com a sua própria soletração, produziam julgamentos que eram consistentes nas diversas crianças. Tais soletrações apareceram por volta de um a três anos antes da entrada da criança na escola e foram usadas até serem substituídas pela soletração adulta, ou seja, o momento em que passaram a receber instruções formais sobre a leitura e escrita.

1-apud Dubois et alii, 1973:220.

2-Incisões regularmente espaçadas em pedra ou osso.

3-Figuras gravadas ou pintadas.

4-Desenhos que reproduzem o conteúdo de uma mensagem.

5-O melhor gravador filtra e altera o som.

## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA

Dentro das coordenadas expostas no capítulo do referencial teórico e não nos sendo possível seguir totalmente à metodologia usada por Read (1975), seja pela pouca clareza a respeito em seu artigo, seja pela diferença de sujeitos com que fomos trabalhar, formulamos um projeto de pesquisa que se adequasse às hipóteses inspiradas nos achados de Read. Partiu-se, em consequência, para a coleta de material objetivando posterior análise dos dados que possibilitariam uma discussão comparativa dos resultados e conclusões. Supúnhamos poder demonstrar que a escrita, independentemente dos aspectos técnicos, não é um processo de assimilação mecânica no qual e pelo qual o indivíduo simplesmente correlaciona oralidade e símbolos. A escrita, dotada inclusive de um caráter social, requer que a criança manipule os símbolos de representação e, manipulando esses símbolos de representação, construa suas hipóteses, recrie enfim, o sistema de representação. Assim, nesse percurso, enfocaremos o denominado "erro ortográfico", caracterizando igualmente os grafemas que constituem os principais pontos de conflitos para os jovens inventores.

Assim sendo, a coleta de material se deu por pesquisa de campo e compreendeu o período entre abril e setembro de 1986. Devíamos coletar material com alfabetizandos, em comunidades que nos fornecessem material suficiente para possibilitar cortes longitudinais, de modo a agrupar a população em fases de aquisição do sistema escrito e, além disso, concomitantemente, possíveis diferenças na evolução de duas populações pertencentes a níveis sócio-econômicos distintos. Com essa finalidade, optou-se por uma escola particular no centro de Florianópolis, a Escola Alferes Tiradentes, cuja clientela pertence ao nível sócio-econômico médio e médio alto. O segundo estabelecimento de ensino foi definido em zona periférica, na comunidade do Campeche, que dista 28 km do centro da cidade, a Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes, pertencente à rede municipal de ensino. Os indicadores considerados para definirmos a clientela foram:

- renda familiar per capita;
- grau de escolaridade dos pais;
- localização da escola;

Para definir a renda "per capita" que indicaria o padrão sócio-econômico do indivíduo, buscaram-se tabelas oficiais que nos fornecessem tais dados. O INAMPS forneceu os seguintes dados:

Nível sócio-econômico baixo: até dois salários mínimos  
 Nível sócio-econômico médio: média de 15 salários  
 mínimos

Quanto à escolaridade dos pais, fixou-se que os

progenitores de nível sócio-econômico médio deveriam ter concluído o segundo grau de ensino, enquanto que os de nível sócio-econômico baixo poderiam ter iniciado o curso de primeiro grau sem ultrapassá-lo, ou o Mobral. Convém ressaltar que, quando nos referimos ao grau de escolarização, não queremos significar uma homogeneização em nível de leitura ou manifestação escrita, pois nem sempre um nível sócio-econômico alto significa um padrão de instrução elevada ou vice-versa. Trata-se, apenas, de mais um indicador.

O terceiro parâmetro que se usou para definirmos os estabelecimentos foi a localização. Querendo abranger dois níveis sócio-econômicos distintos, precisávamos trabalhar com duas escolas cuja clientela preferencialmente se adequasse às exigências do nível sócio-econômico requerido. Delimitadas as classes sociais para se coletar material e o grau de escolaridade dos pais, passou-se à definição geográfica das escolas em relação ao centro de Florianópolis, haja visto a demarcação de que a primeira escola deveria ser central e pertencer à iniciativa privada. Optamos pela Escola Alferes Tiradentes no coração da cidade, escola particular que atende a uma clientela de nível sócio-econômico médio. O segundo estabelecimento escolhido localiza-se num bairro distante 28 km do referido centro. Optamos pelo bairro do Campeche. A escola básica Brigadeiro Eduardo Gomes é mantida pela rede municipal de Florianópolis e atende uma clientela de, na grande maioria, filhos de pescadores, já que a economia básica da comunidade é eminentemente a pesca. Estes dados configuram uma comunidade de pesquisa de nível sócio-econômico baixo.

Delimitadas as escolas, passou-se aos sujeitos. O processo de aquisição da escrita brotou espontaneamente nas crianças trabalhadas por Read (1975). Ocorreu de 3 a 4 anos antes da sua entrada para a escola, onde então receberiam informações regulamentares sobre leitura e escrita, tratando-se de crianças que agiram livremente sobre seu objeto de estudo, diferentemente das nossas crianças que só passaram a produzir no momento em que receberam informações formais sobre escrita e leitura, na ocasião em que entraram para a escola, em uma faixa etária dita de prontidão pelos especialistas para que a aquisição destas duas habilidades lingüísticas - leitura e escrita - acontecessem. A faixa etária estipulada para nossos sujeitos compreendeu de 6 a 7 anos e deviam estar cursando as séries de alfabetização da escola. Na escola particular trabalhamos com crianças das C.A.s - classes de alfabetização - que abrangem uma faixa etária média de 6 anos e com as três primeiras séries frequentadas por crianças com idade média entre sete anos, o que fez um total de 123 sujeitos.

ESCOLA ALFERES TIRADENTES	
SÉRIE	NÚMERO DE SUJEITOS
CA A	25
CA B	24
1ª C	24
1ª D	27
1ª E	23
TOTAL	123



Já na escola municipal, trabalhamos exclusivamente com as duas turmas de primeira série do primeiro grau, somando 37 alunos, desde que na pré-escola não ocorre o processo de alfabetização, observando-se já aí uma discriminação quanto às oportunidades oferecidas às crianças pertencentes a níveis sócio-econômicos distintos.

ESCOLA BASICA BRIGADEIRO EDUARDO GOMES	
SÉRIE	NÚMERO DE SUJEITOS
1ª A	21
1ª B	16
TOTAL	37

é o seguinte quadro geral:

NOME DA ESCOLA	NÚMERO DE ALUNOS
ESCOLA BASICA BRIGADEIRO EDUARDO GOMES	37
ESCOLA ALFERES TIRADENTES	123
TOTAL	160

Os sujeitos participantes da pesquisa não poderiam apresentar sinais evidentes de distúrbios da comunicação, no que diz respeito à recepção e produção dos sons da fala. Portanto, aplicamos o teste de linguagem SCLAR-CABRAL que detecta problemas de fonação e/ou recepção auditiva. A aplicação da bateria de testes resultou na exclusão de um

único sujeito, com dificuldades na diferenciação surda/sonora.

Definida a população, passamos à coleta do material, que consistia em entrevistas individuais com um intervalo de tempo variando entre 20 e 30 dias. Estas entrevistas ocorreram apenas com as C.A.s da escola central e com todos os alunos da 1ªs séries da escola periférica. O trabalho de coleta nas primeiras séries da escola particular foi efetuado pelas próprias professoras e apenas uma vez em cada turma, na própria sala de aula. A tarefa consistiu em elaborações de convites para festas de aniversário, descrições paternas e textos sobre preferências individuais, procurou-se criar um ambiente que não favorecesse conotações tipo "certo" e "errado", mas que propiciasse às crianças a oportunidade de manipularem os símbolos à sua livre vontade, utilizando naturalmente as informações prévias sobre escrita que haviam recebido. A pesquisadora assistiu ao processo. Com os C.A.s e as primeiras séries do Campeche, a entrevista foi feita na própria escola, porém numa outra sala, com pouco mobiliário e absolutamente nenhum cartaz que remetesse ao sistema alfabético ou qualquer palavra escrita. Conversávamos com a criança um certo período de tempo antecedente à coleta de dados propriamente, que servia concomitantemente para a descontração e para a motivação da criança. Após constatado um bom "rapport", apresentava-se à criança um caderno em que ela registrava um bilhete ou cartinha endereçada a alguém de seu convívio afetivo, geralmente seus pais. Houve casos de descrição dos pais ou mesmo somente frases soltas. A entrevista ocorria sempre com liberdade, muito diálogo, num ambiente de descontração,

porém a pesquisadora não fornecia pistas de como a criança faria o registro. Se inquirida, levava o sujeito a ponderar na produção, perguntando-lhe por outras palavras com o mesmo som e a criança inferia. Por exemplo, se tivéssemos a palavra "queijo" para a criança registrar, suponhamos que ela manifestasse dúvidas quanto à primeira sílaba a ser grafada "quei-". Indagaríamos por outras palavras com o som /ke/: ela apresentaria brinquedo, faqueiro, ... Informar-nos-íamos, então, a qual família pertenceria o pedacinho "que" e teríamos a seguinte resposta: ca, que, qui, co, cu; para um registro subsequente que poderia ser nos seguintes moldes:

cejo (queijo)

Assim, foi acumulado o corpus. Quando demos por encerrada a coleta de material no mês de setembro, contávamos com 375 manifestações escritas representativas da gênese da escrita nestas duas comunidades, sendo que em algumas, não encontrávamos nenhum "erro", ou seja, manifestações inferenciais do processo fonológico nas manifestações das crianças; entretanto em outras amostras deparávamo-nos com uma vasta gama do processo criador. Tomemos, para exemplificar, o material do primeiro dia da coleta em abril de 1986:

		025
aea	(abelha)	
aaa	(Amanda)	
ovo	(óculos)	
eoce	(escova)	

A seguinte manifestação remonta a junho de 1986, portanto, meados do período de coleta:

046
tiu vio da umapipa ofofa ariocto (tio Vico dá uma pipa pra mim o fofa ariosto)

Este terceiro exemplo foi colhido no último mês, setembro de 1986:

360
eu goisto mas de esquireve o meu pai trabaia no espitau

De posse de todo o material, numeramos o mesmo em ordem cronológica, de 1 a 375. Não consideramos a procedência da comunidade da criança para uma distinção numérica. Apostilamos pela ordem de coleta exclusivamente. Cada apostila foi, então, organizada por turma e data de coleta do material, excluindo-se a localidade, que facilmente se obtém, bastando para tanto agrupar as apostilas em ordem diversa e conservando os mesmos números. Depreende-se que o número 1 pertence à primeira amostra escrita da criança, colhida por nós e a de número 375 encerra a coleta.

O trabalho elaborado visou concomitantemente a obter manifestações escritas de crianças em fase de aquisição do código escrito de duas comunidades de nível sócio-econômico distintos. Partindo do corpus, realizamos o levantamento dos pretensos "erros". São considerados "erros" as grafias que,

não correspondendo a convenção da norma escrita, apresentam recorrências a partir de uma regra produtiva fonológico-grafêmica elaborada intuitivamente pela criança e que corresponde a uma fase que, progressivamente chegará ao domínio das regras convencionais. Os erros foram, portanto, grupados por classes quando obedeciam ao mesmo princípio. Através dessa tabulação procuramos capturar as hipóteses e generalizações que a criança intuitivamente estaria fazendo, das crianças que apresentam pelo menos um processo de inferência no código escrito.

Tomemos como ilustração o seguinte exemplo:

077	buneca	(boneca)
154	bunita	(bonita)
207	bunita	(bonita)
367	pulicia	(polícia)
374	chuvendo	(chovendo)

Observando atentamente, notamos serem todas as palavras, paroxítonas, tendo a sílaba pretônica no sistema ortográfico vigente, representado o centro silábico pela letra vogal 'o'. Contudo, como no seu dialeto a criança pronuncia [u], tende a grafá-lo com a letra 'u'. Contempla, assim, o processo de neutralização - certas oposições entre vogais [+altas] e [+médias]

[+fechadas]

que, em posição tônica, tem valor distintivo, se suprimem ou desaparecem em posição pré-tônica e pós-tônica (1). Notamos que as amostras 154 e 207 trazem a mesma palavra intuída fonologicamente; são dois sujeitos distintos que manifestaram o mesmo registro. Porém, não são só estas duas

palavras que obedecem à mesma sistematicidade. Os cinco registros adequam-se a regra:

/o/-- [u] / C(C)-- + 'C(C)U ...

que dá conta da intuição fonológica que o jovem aprendiz manifesta na representação escrita da sua língua materna.

Classificadas todas as manifestações e sistematizadas em regras que nos permitissem a análise proposta, o material foi trabalhado, com o que se pretendeu chegar às conclusões, caracterizando pontos que constituem as regras de transposição efetuadas pelo aprendiz e que, utilizadas inteligentemente pelo alfabetizador, contribuirão para melhorar a preparação da criança para a leitura e a escrita.

### CAPÍTULO III

#### ANÁLISE DE DADOS

Textos espontâneos, ricos em "erros ortográficos" evidenciam um processo elaborado de reflexão e construção de hipóteses sobre a escrita.

Nós buscamos o ato de rebeldia da criança aos textos incoerentes, aos exercícios aborrecidos de coordenação motora, às infundas regras ortográficas, que são estipulados como habilidades básicas de acesso a escrita. Nós queríamos os alunos que não se contentaram com os exercícios e textos inadequados propostos pela escola, nós buscamos o aluno ousado.

Todo processo inicia a partir da percepção holística para o desmembramento em unidades. As nossas crianças estavam além da fase caracterizada por Emília Ferreiro como pré-silábica, excetuando-se cinco amostras em que os produtores valeram-se de ideogramas para registrarem suas mensagens. Essas amostras foram irrelevantes para o trabalho desenvolvido nesta dissertação.

Interessa-nos o trabalho desenvolvido pela criança com o sistema alfabético e a sua relação com os aspectos fonológicos intuídos pela criança, a emergência da consciência metafonológica, ao contrário de Ferreiro que trabalha com a gênese da escrita.

### 3.1. PROBLEMAS DOS SISTEMAS ALFABÉTICOS

Sistema alfabético é o conjunto de símbolos utilizados para o registro lingüístico de uma língua a fim de representar fonemas ou seqüências de fonemas. Utilizando-se de letras e diacríticos, requer objetividade. Como dele é feito uso há muitos anos, há um grande número de itens lexicais que trazem consigo cicatrizes etimológicas, que perturbam a eficácia das regras ortográfica. Estas razões etimológicas vão determinar uma falta de biunivocidade entre o sistema escrito e o oral.

"Apenas um só signo para cada som, apenas um som para cada signo." Este é o princípio do alfabeto fonético internacional, que com símbolos gregos e latinos e alguns diacríticos, visa assinalar os diversos sons da fala.

A tentativa de fazer corresponder signos e sons vai esbarrar nos critérios da língua padrão em oposição às variações utilizadas no dia a dia pelos falantes, pois há uma distância considerável entre fala e escrita, entre a norma e



aquilo que as pessoas realmente dizem. O registro escrito não acompanha o desenvolvimento da língua falada: há um sensível atraso da primeira em relação à última. Esta diferença repercutirá no estabelecimento de critérios fonéticos e fonológicos, gerando uma confusão de critérios em alguns momentos.

Há de se considerar, por outro lado, tendo em vista a falta de biunivocidade da língua, que a cada fonema correspondem mais do que uma letra e a recíproca é igualmente verdadeira. Consideremos que o ambiente em que um fonema se encontra faz com que a letra possa variar. O mesmo se dá com os alofones, que seriam um agravante a colaborar na confusão de critérios fonológicos e fonéticos.

Somando-se a tudo isto, está o próprio "design" das letras, que são basicamente compostas de traços, semicírculos e laçadas. O aprendiz da escrita deve capturar os traços pertinentes à letra na sua relação bidimensional. Deve situar-se na linha real e imaginária e nos sentidos direita-esquerda-direita e baixo-cima-baixo (qddb), ou seja, as rotações.

### 3.2. IDEOGRAMA

A retenção da fala na escrita parece repetir a filogênese. Cada ser parece resumir o histórico das


aquisições feitas pelo homem.

Sendo assim, a primeira tentativa de representação fica a nível pictográfico. A criança possui alguns subsídios para iniciar a escrita do que deseja, entretanto, eles não são suficientes e ela desenha.

003 volta ♥

015  uva

016  (presente)

152 a  (escreveu "vaca", fez a orelha e o rabo.)

### 3.3. LETRA

A letra é um segmento cujos limites são bem definidos. Ela constitui a menor unidade ortográfica, mas nem sempre capta ou se ajusta perfeitamente à exata correspondência grafema / fonema. Uma série de cicatrizes etimológicas é responsável por esta ausência de biunivocidade. A criança encontrará uma série de empecilhos naturais à sua apropriação da escrita, que ela poderá vencer num primeiro momento porque simplesmente não é uma tábua rasa onde todo o conhecimento inscrito é armazenado sem ser digerido e reutilizado via regras e normatizações. A criança vai

construir todo o "seu" conhecimento gradativamente, etapa por etapa e só então ela o adequará ao modelo do grupo.

Ela não se desvia do "conhecimento padrão" ou "errado", ela simplesmente é coerente com regras generalizadas.

Descartados problemas áudio-vocais, foram assinaladas trocas sistemáticas que decorrem da aquisição do sistema escrito, a seguir analisadas.

### 3.4. PROBLEMAS DE TROCAS DOS TRAÇOS FÔNICOS

#### 3.4.1. MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação é dada pela movimentação dos órgãos vocais, cuja alteração determina as diferentes formas dos ressoadores na passagem do ar. A articulação é dada por duas coordenadas: modo e zona de articulação. O modo de articulação decorre da natureza do obstáculo à saída do ar, enquanto que a zona corresponde ao local onde se dá o estreitamento mais acentuado dos articuladores. Além destas coordenadas a vibração ou não das cordas vocais, produz as sonoras e surdas.

Portanto, é muito tênue a distinção contrastiva entre

os sons, o que resulta muitas vezes nas trocas dos fonemas. O vozeamento efetuado pela criança quando da repetição do som que vai grafar, buscando a letra que corresponde ao som, altera o traço do fonema, que fará com que determine um outro conjunto de traços e os registre. Essa troca de fonemas é bastante comum, tanto para alfabetizando ou alunos em séries mais adiantadas, como para usuários. Ela acontece tanto a nível de fala quanto da escrita e é relativa a problemas de ordem neurológica ou a um processo de alfabetização deficiente.

#### 3.4.1.1. SONORIZAÇÃO DAS PLOSIVAS

(01) /k/ → [k] / ( #\_ ) ... "g"      "c" → "g"  
   ( v\_\_v )  
   [+post]

194 gariio (carrinho)

197 garo (carro)

237 gomibo (comigo)

252 boga (boca)

294 boga (boca)

(02) /k/ -> [k] #\_\_ ... "g" "g" -> "qu"

197 gira (queria)

197 giria (queria)

198 giria (queria)

### 3.4.1.2. SONORIZAÇÃO DAS FRICATIVAS

(03) /f/ -> [f] / #\_\_v ... "v" "f" -> "v"  
[+post]

216 foi (foi)

358 outibou (futebol)

(04) /s/ -> [s] / v\_\_v ... "j" "c" -> "j"  
[+ant]

235 voje (você)

/ "s"

(05) /z/ -> [z] / ( v\_\_ ) ... "x, s, ch" "j" -> "x"  
 ( #\_\_ )

\ "ch"

273 sogá (jogá)

289 fecheo (feijão)

335 beixo (beijo)

373 chogo (jogo)

(06) /z/ -> [z] / v\_\_v ... "x" "z" -> "x"  
 [+post]

358 rotoxo (gostoso)

### 3.4.1.3. ENSURDECIMENTO DAS PLOSIVAS

(07) /d/ -> [d] / ( \_\_ (y) ) "d" -> "t"  
 ( \_\_v(y) )

031 totói (dodói)

031 toito (dodói)

(08) /g/ -> [g] / (v) \_\_v ... "g" -> "c"  
 [+post]

192 cota (gosta)

193 cta (gosta)

193 cta (gosta)

225 obricada (obrigada)

243 coiaba (goiaba)

#### 3.4.1.4. ENSURDECIMENTO DAS FRICATIVAS

(09) /v/ -> [v] / # \_\_v ... "f" "v" -> "f"  
 [+ant]

373 feto (vento)

#### 3.4.2. ZONA DE ARTICULAÇÃO

Corresponde a zona de articulação ao local de maior estreitamento do ar à passagem do ar. Muitas vezes são as próprias crianças através da alteração do traço [+voz] no momento de escrever que promovem esta alteração. Algumas das crianças apresentaram tal procedimento. O dialeto de cada

região onfluirá igualmente neste processo, uma vez que a criança grafava o que ouve. O material foi coletado na ilha de Santa Catarina, cujo dialeto favorece a africacão.

A troca entre bilabiais plosivas / nasais e plosivas / fricativas são as mais freqüentes. O principal traço distintivo entre plosivas e nasais é a liberação do ar pela cavidade oral para as primeiras e pelo nariz para as segundas. Tanto as plosivas quanto as fricativas utilizam a cavidade oral para a liberação do ar.

(10) /g/ → [g] / #\_\_ "b"                          "g" → "b"

288 bota (gosta)

(11) /g/ → [g] / V\_\_V                          "g" → "r"

[+post]

368 rótxo (gostoso)

(12) /g/ → [g] / V\_\_V                          ... "b"                          "g" → "b"

[+post]

237 gomibo (comigo)



(13) /l/ → [l] / V\_\_V ... "r" "l" → "r"  
 [+post]

216 cavaro (cavalo)

Na amostra a seguir o traço distintivo é mínimo: as duas são bilabiais; uma é plosiva /b/ e a outra fricativa /v/. Buarque de Hollanda dicionarizou ambas as formas de "travesseiro", e "trabisseiro" e "vergamota" e "bergamota". São bem próximas, pois, as duas consoantes, na evolução da língua.

(14) /b/ → [b] / V\_\_V ... "v"

011 v (bebê)

370 vevê (bebê)

### 3.5. PROBLEMAS GRAFÊMICOS

#### 3.5.1. TRAÇADO DAS LETRAS

Para averiguarmos um dos "erros" elaborados pela criança, faz-se necessário reconstituirmos o caminho percorrido por ela até o domínio pleno do manejo da escrita.

De acordo com o II capítulo, verificamos que cada passo na evolução da criança é circunstancial para o seu acesso à escrita. Por volta da idade média do amadurecimento metalingüístico, ou um pouco antes, inicia-se com a chegada da criança à escola um treinamento sistemático de motricidade e de domínio das relações de espaço. No momento em que ela é introduzida na alfabetização propriamente dita, passará a trabalhar com um conjunto de semicírculos, laçadas e traços verticais e horizontais, conforme fry, 1984, que são os componentes básicos de composição das letras.

São vinte e três letras para representar uma gama bastante variada de sons da fala que se complicam no tempo e no espaço. Para a criança, cujo domínio da escrita não está ainda automatizado, como ocorre com os escritores proficientes, a multiplicidade de dificuldades que se apresentam para solucionar o problema é vasta e nesta parafernália de "bolinhas" e "tracinhos" a confusão pode ser grande. Na tensão do momento, a criança comete o "erro"; troca a letra.

As letras d/b/q/p têm entre si somente uma diferença espacial, de rotação. Estas diferenças sutis podem ser confundidas. Entre o l/t temos basicamente um traço e entre o m/n temos uma volta a mais. Trata-se da combinação de traços distintivos em torno de uma linha real ou imaginária.

Pode haver simultaneamente confusão entre o traçado da letra e o traço [+voz], pois as letras "p" e "b", por exemplo, além de apresentarem em comum o mesmo traçado, diferem foneticamente no traço acima mencionado, conforme regra (15):

(15) /p/ → [p] / ( \_\_v ) ... "b" ... "p" → "b"  
 [+post]  
 ( #\_\_ )

258 combameiro (companheiro) ( *comlamuro* )

372 bolicia (polícia) ( *belicia* )

372 boteiro (porteiro) ( *boteiro* )

(16) /b/ → [b] / v\_\_v ... "t" ... "b" → "t"  
 [+ant]

252 sutir (subir) ( *sutir* )

(17) /b/ → [b] / #\_\_ ... "d" ... "b" → "d"

137 dola (bola) ( *dola* )

(18) /b/ -> [b] / #\_\_ ... "p"

"b" -> "p"

098 pola (bola) < *pola* >

252 pincar (brincar) < *pincar* >

280 pasicho (baixinho) < *pasicho* >

(19) /d/ -> [d] / v\_\_v

"d" -> "l"

[+post]

147 fala (fada) < *fada* >

A "confusão" gerada pela criança é interessantíssima. O "c" e o "d" divergem entre si pelo traço vertical que o último possui. Na regra de número (20), amostra 186, estas letras foram confundidas, e a forma de letra "d" usada foi sua forma maiúscula.

(20) /k/ -> [k] / ( #\_\_ ) ... "d"

"c" -> "d"

( v\_\_v )

186 oDilo (óculos) < *o Dilo* >

237 demigo (comigo) < *demige* >

Prosseguem nas suas produções:

(21) /k/ → [k] / V\_\_V ... "l"

"c" → "l"

034 pipola (pipoca) < *pipola* >

(22) /f/, -> [f] / #\_\_V ... "l"

"f" → "l"

[+post]

356 lutebou (futebol) < *lutebou* >

(23) /j/ → [ ] / V\_\_V ... "p"

"j" → "p"

145 bepo (beijo) < *bepo* >

(24) /m/ → [m] / (#\_\_ ) ... "n"

"m" → "n"

(V\_\_V)

(\_\_#)

077 mano (mamao) < *mano* >

091 nina (me da) < *nina* >

094 nanai (mamãe) < *nanai* >

094 nida (me da) < *nida* >

- 155 nida (me da) ( *nida* )  
 155 nenêe (mamãe) ( *nenêe* )  
 205 ninhoca (minhoca) ( *ninhoca* )  
 209 neu (meu) ( *neu* )  
 217 namãe (mamãe) ( *namãe* )  
 246 quen (quem) ( *quen* )  
 255 quen (quem) ( *quen* )  
 269 en (em) ( *en* )  
 275 bon (bom) ( *bon* )  
 275 ten (tem) ( *ten* )  
 280 min (mim) ( *min* )  
 284 bon (bom) ( *bon* )  
 284 canionete (caminhonete) ( *canionete* )  
 331 nua (uma) ( *nua* )  
 334 anilton (amilton) ( *anilton* )  
 334 anilton (amilton) ( *anilton* )  
 346 nenino (menino) ( *nenino* )

(25) /t/ → [t] / #\_\_ ... "l"

"t" → "l"

- 260 ludo (tudo) ( *ludo* )

A criança também apresenta uma certa repulsa em processar letras "coladas", provenientes de laçadas.

## 3.5.2. ASSIMILAÇÃO

Em alguns momentos de lapso, quando grafa uma palavra, a criança perseverava na mesma letra, assimilando progressiva ou regressivamente os grafemas, harmonizando algumas ou todas as consoantes da palavra, como no caso das seguintes regras:

(26) /n/ -> [n] / { V\_\_ } ... "m"                      "n" -> "m"  
     { #\_\_ }

114 meme (nenê)

207 bumita (bonita)

208 mome (nome)

216 mamo (mano)

220 mamoro (namoro)

224 cemora (cenoura)

295 numca (nunca)

310 amiversariu (aniversário)

312 alam (alan)

(27) /r/ -> [r] / V\_\_V ... "t"                      "d/r"-> "t"

201 teatoto (te adoro)

(28) /p/ → [p] / #\_\_ ... "rr"                      "p" → "r"

216 mamô (mano)

220 mamoro (namoro)

224 cemora (cenoura)

295 numca (nunca)

310 amiversariu (aniversário)

312 alam (alan)

(27) /r/ → [r] / v\_\_v ... "t"                      "d/r" → "t"

201 teatoto (te adoro)

(28) /p/ → [p] / #\_\_ ... "rr"                      "p" → "r"

369 rredeiro (pedreiro)

(29) /k/ → [k] / v\_\_v ... "b"                      "c" → "b"

[+ant]

356 bisibleta (bicicleta)



### 3.6. COMPLEXIDADE CRESCENTE

#### 3.6.1. ENCADEAMENTO E SEGMENTAÇÃO

A segmentação de um enunciado em palavras é um problema para a criança que desconhece as classes morfológicas e torna-se que se tornam evidentes no sistema escrito ainda não dominado por ela.

A criança se pauta pela percepção fonético-fonológica e é capaz de perceber fatos fonéticos que passam despercebidos ao falante adulto condicionado a ouvir a "fala ortográfica", distinta do "continuum" da fala. O registro da criança revela que não temos pausas na realização entre os vocábulos. O critério utilizado pela criança para segmentar é o ritmo, a entoação, assim, segmenta menos do que o exige a escrita, conforme os exemplos a seguir:

009 tiacilvia (tia Silvia)

013 da sapesoa (dessa pessoa)

030 aouiva (a bola pula)

034 Colomopipola (eu comi pipoca)

037 O boiom pai (o boi come papai)

041 papimida 1 pipa (papai me da uma pipa)

046 tiu vico da umapipa pami ofofa arioccto (tio vico da

uma pipa para mim o fofo Ariosto)

053 domingo eoadedidicaro (domingo eu andei de carro)

070 mamãe-da-pa-ra-vi-u-a-vu "BOCA" [(VOU DESENHAR A  
BOCA)]

154 midauabunuca (me da uma boneca)

192 mamãe eu moroco vose (mamãe eu moro com você)

mamãe vosecota da vovó (mamãe você gosta da vovó)

mamãe eu cercoimazino (mamãe eu quero um  
irmaozinho)

mamãe eu cervosev/ (mamãe eu quero você)

vosepasepa (você para sempre)

209 A mamãevelivro (a mamãe vê um livro)

225 eu tatoru muito (eu te adoro muito)

papai o bricada propcozdi (papai obrigada por  
causa de)

papai e mamãe eu te tadoro (papai e mamãe eu te  
adoro)

225 mamãe eu cero mada (mamãe eu quero nada)

ubjo para voc. (um beijo para você)

253 ...inroda da quadra... (em roda da quadra)

268 derrepente (de repente)

279 Vocequesabeco como é meu Pai (você quer saber  
como é meu pai?)

Ele é barigudo tembraba (ele é barrigudo, tem  
barba)

324 você é o me uamigo. se voce é meuamigoeusouceuamigo  
(você é meu amigo. Se você é meu  
amigo eu sou seu amigo.)

331 A Jane é ania niga (a Jane é minha amiga)

344 euvouaesbola (eu vou a escola)

eufuia (eu fui lá)

360 eugoiisto mas de esquireve

### 3.6.1.2. PROBLEMAS DE SEGMENTAÇÃO

A partir do momento que a criança é exposta a textos escritos, percebe que há outros critérios em jogo utilizados para seccionar a palavra, embora não dominando ainda os elementos gramaticais, as classes morfológicas e passa, então, a segmentar mais do que a escrita o exigê.

194 mamãe mi do gari io (mamãe me da um carrinho)

mamãe é me u (mamãe é minha)

mamãe é mi ia (x9) (mamãe é minha)

202 mamãe eu ti a do lo (mamãe eu te adoro)

203 mamãe a ce lacarta ce eu tisi (mamãe aquela carta  
que eu te disse)

ce vi si para vos (que visse para você)

208 R o d rigoBennnto (Rodrigo Bento)

224 mamãe eu te a do ro (mamãe eu te adoro)

231 A mamãe é mia amiga. (a mamãe é minha amiga)

237 mamãe boda de migo di soga bola (mamãe é boa comi-  
go, joga bola comigo)

mamãe go te v tlevisso (mamãe gosta de ver  
televisão)

246 quem é o juri é meu a migo ... (quem é o júri? é  
meu amigo)

251 Eu gosto de brincar com minha am- (acabou papel)  
igas.

296 você comprou um carro (você comprou um carro)

302 você é meu a migo de toda vida a sinado carlos.  
(você é meu amigo de toda vida)

311 meu a migo Tiago (meu amigo Tiago)

312 ... porque és meu a amigo (porque és meu amigo)

340 a sinado greice (assinado Greice)

349 Eu vi o papai ven do o gato (eu vi o papai vendo o  
gato)

361 O meu er mão si fama alexandre (o meu irmão se chama  
Alexandre)

369 O vento icita balo cedo arvorre (o vento esta  
balançando a árvore)

373 eu cepeca (eu sei pescar)

### 3.6.1.3. PROBLEMAS DE SEGMENTAÇÃO: CLÍTICOS

A intuição fonológica e a consciência metalingüística, fruto do aprendizado da criança, conduzem a criança à percepção da letra como unidade do sistema escrito, contudo, a percepção do que é uma palavra, enquanto elemento gramatical independente é dificultada, porque ela não é sentida como tal.

A forma como a criança faz suas primeiras anotações encadeando todas as letras / palavras revela que não há na realização da fala pausas entre os vocábulos.

Mantendo contato com os textos escritos, a criança vai percebendo a discrepância no que diz respeito à segmentação do contínuo da fala e dos "pedacinhos" do sistema escrito. A criança não tem consciência da existência do vocábulo morfológico como unidade, somente o ensaio da escrita vai-lhe apresentar a existência do mesmo. Então, ela terá que passar do contínuo da fala para o modelo convencional, ir contra a percepção que desenvolveu a nível de fala.

São ps clíticos a perseverarem ppor mais tempo "colados" a outros elementos gramaticais. Clíticos são vocábulos átonos, como artigos ou pronomes. Apresentam-se assim, com menor autonomia ou independência fonológica.

041 mida (me dá)

042 caua (com a)

046 umapipa (umapipa)

046 pami (para mim)

047 eupaiei (eu passiei)

047 nacasa (n casa)

050 aolio (o olho)

053 eoadeidicaro (eu andei de carro)

066 alafada (a fada)

067 amulata (a mulata)

077 nalaab uca (uma boneca)

091 mina (me dá)  
 091 mida (me dá)  
 094 mida (me dá)  
 094 mida (me dá)  
 096 mida (me dá)  
 110 debotiti (de botiti)  
 137 mida (me dá)  
 154 mida (me dá)  
 155 mida (me dá)  
 155 mida (me dá)  
 163 daua (da uma)  
 200 tiemo (te amo)  
 200 tiemo (te amo)  
 215 tido (te dou)  
 239 tiadoru (te adoro)  
 239 teadoru (te adoro)  
 241 midar (me dá)  
 253 inroda (em roda)  
 254 quieu (que eu)  
 254 quieu (que eu)  
 272 mida (me dá)  
 272 mida (me dá)  
 278 mibusca (me busca)  
 361 sifama (se chama)  
 361 cixoma (se chama)  
 370 cichema (se chama)

O desconhecimento da criança das unidades morfológicas  
 a conduz à segmentação dos diversos vocábulos, mas faz

também com que venha a escandir o próprio vocábulo. A vogal "a" quando inicia uma palavra é freqüentemente dissociada da palavra, confundida com o artigo "a"; ou a conjunção "com".

- 202 mamãe eu ti ado lo (mamãe eu te adoro)
- 203 mamãe a ce lacarta eu tisi ce vi si para vo  
s (mamãe aquela carta que visse para você)
- 302 você é meu a migo de toda vida a sinado  
Carlos (você é meu amigo de toda vida  
assinado Carlos)
- 303 eu le a gradeço (eu lhe agradeço)
- 311 meu a migo (meu amigo)
- 312 porque és meu a migo (porque és meu amigo)
- 340 a siando greice (assinado Greice)
- 361 com migo (comigo)
- 373 eu cepeca (eu sei pescar)

### 3.6.2. REPETIÇÃO DAS MESMAS LETRAS COM ALGUMA DIFERENCIAÇÃO

#### 3.6.2.1. VOGAIS

A letra é um segmento cujos limites são bem definidos.

Ela constitui a menor unidade ortográfica, mas nem sempre capta ou se ajusta perfeitamente à exata correspondência símbolo / fonema, pois apesar do uso do alfabeto, nosso sistema de escrita "já não é tão alfabético como muita gente supõe que seja." (Cagliari, 1983).

As crianças percebem a capacidade das letras reterem e transmitirem mensagens, percebem que a cadeia da fala pode ser retida no sistema escrito. No estágio incipiente em que se encontravam, não dominando com precisão a utilização das letras, a princípio, o que produzem é uma seqüência de letras, naturalmente provida de significado. Todas as crianças pesquisadas já freqüentavam a escola por um período mínimo de pelo menos dois meses, e na escola começaram a receber informações sistematizadas sobre a escrita, e essa escola, seja qual for o método utilizado, principiam essa sistematização invariavelmente pelas vogais intuitivamente, desde que os métodos de alfabetização raramente contam com o apoio de um lingüista para auxiliar na composição e adequação dos mesmos.

A criança, dessa forma, começará a produzir pelas vogais. Além disso, a soletração de uma vogal é um processo facilitado, pois elas são percebidas e produzidas individualmente, inclusive algumas consoantes não podem ser produzidas sem apoio vocálico, como é o caso das oclusivas. As vogais caracterizam-se assim, por apresentarem maior saliência e autonomia. Estes traços vão facilitar para o aprendiz a sua consignaço, a nível de representação silábica.



- 018 a a (abalha)  
 018 o o (óculos)  
 018 ea e (escova)  
 018 i ai (índio)  
 018 u au (uva)  
 025 aea (abelha)  
 025 aaa (Amanda)  
 025 o o (óculos)  
 025 eo e (escova)  
 026 aea (abelha)  
 027 ai (mãe)  
 030 O o acaçou (a bola caiu)  
 035 ae (abelha)  
 060 o (vovó)  
 168 uoo (ovo)  
 170 oa (bola)  
 170 aua (abelha)

Em alguns casos, a vogal que inicia a palavra é a mesma vogal utilizada pela criança para encerrar a mesma.

Estabelece uma harmonia vocálica:

- 018 a a (abelha)  
 018 o o (óculos)  
 018 ea e (escova)  
 018 i ai (índio)  
 018 u au (uva)

023 aua (mamãe não esqueça do meu prato)

023 aula (meu prato é redondo)

025 aea (abelha)

025 aaa (Amanda)

025 o o (óculos)

025 aaa (Amanda)

025 o o (óculos)

107 goto (gato)

154 momo (mamãe)

### 3.6.2.2. VOGAL E ALGUMA CONSOANTE

À medida que vai descobrindo o universo das letras, a criança vai incorporando gradativamente alguma consoante as suas produções.

026 camia (Camila)

030 acuiya (a bolá pula)

035 Joé (José)

029 aella (abelha)

029 ata (data)

039 dúu (Dudu)

### 3.6.2.3. OMISSÃO DAS CONSOANTES INICIAIS

Interessantíssimo é observar que "escritores" com um nível de destreza razoável ainda omitem a consoante inicial de palavras. A vogal apresenta para a criança, devido as suas características fonéticas, estabilidade e melhor percepção. Diante da palavra que quer grafar, relacionando às letras os sons, na primeira fração de tempo, ela opta, pois estão internalizadas, pelas vogais no ataque.

008 mamãe ve o ovô e a ovô. (mamãe ve o vovô e a vovô)

037 O ato roi roi (O rato roi roi)

065 mamãe euvi uma bola (mamãe eu vi uma bola)

### 3.7. PADRÕES SILÁBICOS

#### 3.7.1. CVC

Sílaba é um agrupamento de fonemas da cadeia da fala, caracterizado por uma só emissão de voz, constituída por um

núcleo ou centro, que se destaca das margens por sua maior energia. O português utiliza diversas estruturas silábicas, sendo que a mais comum é a de padrão CV. Os padrões U, CU, UC, CUC e CCU constituem alguns dos padrões silábicos do português do Brasil. Alguns padrões são mais fáceis de serem adquiridos do que outros; A gradação de dificuldade está na ordem de apresentação dos padrões silábicos: o último CUC apresenta o maior nível de dificuldade.

Muitas das análises desta dissertação se aglutinam sob diversos títulos. Não se excetua o estudo dos padrões silábicos. Poderíamos estudar o padrão CUC no item - Escreve como fala, pois há um apagamento da consoante no final de sílaba. Os fonemas que podem ocupar esta posição no português do Brasil são as líquidas, as nasais, as fricativas anteriores e posteriores e as semivogais. As crianças grafam o que ouvem, ou seja: Ø / CV \_\_#

(30) CCU -> CV

192 cota (gosta)

192 gota (gosta)

193 vosecta (você gosta)

193 vosecta (você gosta)

223 goto (gosto)

237 go (gosta)

237 go te (gosta)

266 hitoria (história)  
 279 gota (gosta)  
 280 gota (gosta)  
 287 gota (gosta)  
 287 gota (gosta)  
 288 bota (gosta)  
 290 gota (gosta)  
 290 gota (gosta)  
 290 gota (gosta)  
 291 ata (gosta)  
 294 cota (gosta)  
 294 cota (gosta)  
 294 fuca (fusca)  
 332 gotu (gosto)  
 342 icola (escola)  
 368 rotoxo (gostoso)  
 373 opitau (hospital)  
 373 goto (gosto)  
 373 acito (assisto)  
 373 peca (pesca)

À medida que vai tendo acesso ao modelo, ela recicla seus padrões e se auto-corrige. O desdobramento silábico apresentado nesta amostra, marca o acesso ao modelo, com um processo de ultracorreção e registro do padrão silábico dominado pela criança.

369 O vento icita bala cedo arvorre (O  
 vento está balançando a árvore)

Continuam as amostras de apagamento:

(31) (C)UC -> (C)U

047 aseloni (arceloni)  
 137 tuno (turno)  
 192 imazino (irmãozinho)  
 221 igo (Igosr)  
 237 soga (jogar)  
 237 v (ver)  
 247 brinca (brincar)  
 247 brinca (brincar)  
 248 brinca (brincar)  
 256 apanha (apanhar)  
 254 estuda (estudar)  
 255 treinado (treinador)  
 255 estuda (estudar)  
 255 melho (melhor)  
 257 joga (jogar)  
 258 melho (melhor)  
 264 brinca (brincar)  
 264 estuda (estudar)  
 264 brinca (brincar)  
 272 da (dar)

- 275 trabanha (terabalhar)  
 278 busca (buscar)  
 279 sabe (saber)  
 279 que (quer)  
 285 leva (levar)  
 285 leva (levar)  
 290 pasa (passar)  
 293 vende (vender)  
 295 joga (jogar)  
 295 joga (jogar)  
 302 vito (Vitor)  
 304 vito (Vitor)  
 305 pasa (passar)  
 305 trabalha (trabalhar)  
 370 gara (ganhar)  
 358 avoon (árvore)  
 363 avores (árvore)  
 367 avore (árvore)  
 369 matenidade (maternidade)  
 372 goda (gorda)  
 372 poteiro (porteiro)

Compondo este padrão silábico está a variação CUC,

[+nas]

há uma questão discutida entre foneticistas e fonólogos, que é a existência ou não da nasalidade consonântica no travamento silábico. Mattoso Camara diz: "Até diante de pausa, registra-se, pelo menos no Português do Brasil, uma nasalidade consonântica travando a sílaba ..." e cita O.

Nobiling no texto e Gonçalves Viana em nota de rodapé. Diz ainda "diante de toda vogal nasal, diante de pausa, "sentimos" uma ditongação.

O material coletado reforça a opinião contrária. A criança consigna o que ouve, e não registra nasalidade, temos entretanto a considerar a gradação do padrão silábico, ou a incapacidade da criança em reter a nasalidade por falta de símbolos ou diacríticos; entretanto, conforme o item 3.5.3.2., alguns alunos retiveram a nasalidade pelo acréscimo de uma consoante nasal, alterando, inclusive, o padrão silábico.

(32) /m/ -> [m] / \_\_# ... "o"

"m" -> "o"

289 boo (bom)

As seguintes produções trazem o apagamento da vogal nasalizada em final de sílaba; contudo são produzidas pelas próprias crianças estruturas silábicas convencionais corretas com uma ordem gradativa mais complexa, como é o caso de "brincar" -> "bricar". O produtor de bircar (255) produziu no mesmo texto "lancha". A criança está tendo acesso ao modelo, mas não internalizou a regra ainda para haver recorrência.



(33) C → Ø / \_\_+ C

[+nas]

[+ocl]

- 042 bricei (brinquei)  
 053 domigo (domingo)  
 053 adei (andei)  
 191 ote (ontem)  
 191 ote (ontem)  
 193 sepe (sempre)  
 207 mado (mando)  
 224 mado (mando)  
 225 mada (manda)  
 241 mado (mando)  
 247 brica (brinca)  
 255 bircâr (brincar)  
 277 persete (presente)  
 277 persete (presente)  
 284 vetilador (ventilador)  
 320 bricar (brincar)  
 320 bricar (brincar)  
 358 veto (vento)  
 359 veto (vento)  
 360 veto (vento)  
 361 tabalariado (trabalhando)  
 361 alexadre (Alexandre)  
 367 balariado (balaçando)  
 368 veto (vento)  
 369 balo cedo (balaçando)  
 370 éla fica ecaza (ela fica em casa)

- 370 veto (vento)  
 372 Quedo (o vento)  
 372 gáde (grande)  
 373 feto (vento)  
 373 nuca (nunca)  
 374 chuvedo (chuvendo)  
 374 veto (vento)  
 374 costituite (constituente)  
 374 adado (andando)

(34) C → Ø / \_\_+C

[+nas]

[+fric]

- 359 balasa (balança)  
 360 balasa (balança)  
 361 balasado (balançando)  
 363 balesa (balança)  
 367 prisesa (princesa)  
 369 balo cedo (balançando)  
 372 balesa (balança)

Também muitos clíticos foram grafados com omissão da vogal nasalizada.

(35) C → Ø / \_\_#

(35) C → 0 / \_\_#

[+nas]

042 caua (com a)

046 mi (mim)

192 co (com)

216 u (um)

220 co (com)

225 u (um)

225 u (um)

228 u (um)

231 mi (mim)

257 cu (com)

257 cu (com)

257 cu (com)

274 mi (mim)

280 mi (mim)

282 mi (mim)

287 ma (mim)

288 mi (mim)

289 mi (mim)

290 ca (mim)

298 te (mim)

298 u (um)

298 te (tem)

298 u (um)

298 te (tem)

298 u (um)

298 te (tem)

Assim como a criança conceptualiza uma letra para cada fonema, ela apresenta preferência pelo padrão silábico CV, causando assim a deditongação das amostras. Muitos dos registros abaixo sofreram influência do sistema oral.

(36) /j/ → Ø / ( \_\_+)

( \_\_#)

- 017 doda (doida)
- 033 dodo (dodoi)
- 034 dodad (doida)
- 065 doda (doida)
- 104 doda (doida)
- 108 doda (doida)
- 147 doda (doida)
- 153 feo (feio)
- 187 doda (doida)
- 187 dodo (dodoi)
- 197 papa (papai)
- 225 muto (muito)
- 232 papa (papai)
- 240 mama (mamãe)
- 261 quarterão (quarteirão)
- 271 marinhero (marinheiro)
- 279 muto (muito)
- 280 dechero (dinheiro)
- 280 olivera (Oliveira)
- 280 hero (herói)
- 287 papa (papai)

- 363 mãmã (mamãe)  
 370 zenadi (zenaide)  
 373 ce (sei)  
 373 sepeca (sei pescar)  
 373 sepeca (sei pescar)  
 373 leterro (leiteiro)  
 373 pederro (pedreiro)  
 373 leterro (leiteiro)

Há deditongação diante das fricativas, novamante há influência sóciolingüística.

- 001 pexi (peixe)  
 003 bejo (beijo)  
 004 mas (mais)  
 077 bejo (beijo)  
 116 bejo (beijo)  
 133 begu (beijo)  
 145 bepo (beijo)  
 147 beju (beijo)  
 154 bejo (beijo)  
 220 bejo (beijo)  
 223 beju (beijo)  
 224 bego (beijo)  
 225 bejo (beijo)  
 225 bejo (beijo)  
 235 bejo (beijo)

236 bego (beijo)  
 241 bejo (beijo)  
 273 feção (feijão)  
 280 feção (feijão)  
 280 pasicho (baixinho)  
 368 mas (mais)  
 361 mas (mais)  
 372 bacho (baixo)  
 373 bacho (baixo)  
 373 peche (peixe)  
 373 peche (peixe)  
 373 queijo (queijo)  
 264 mas (mais)  
 264 mas (mais)  
 264 mas (mais)  
 264 mas (mais)

### 3.7.2. ENCONTROS CONSONANTAIS

#### 3.7.2.1. DíGRAFOS

Dígrafos são encontros consonantais. Duas letras representam o fonema. São dígrafos, por exemplo, no português: "ch", "lh" e "nh", "ss".

As crianças enfrentaram um duplo problema: em função de fazer corresponder uma letra para cada som, a criança faz uma simplificação grafêmica. Ela percebe o dígrafo e procura uma forma alternativa de transcrevê-lo coerentemente com suas normas internalizadas.

(37) /ɲ/ → [ɲ] / v\_\_v ... "m" "nb" → "m"

258 combameiro (companheiro)

Ela igualmente apresentará problemas com o discernimento da escolha da letra apropriada para a representação do dígrafo, a partir do momento que aceita duas letras para o fonema, conforme modelo convencional.

(38) /ɲ/ → [ɲ] / v\_\_v ... "ch" "nh" → "ch"

280 dechero (dinheiro)

280 pasicho (baixinho)

(39) /r/ -> [r] / V\_\_V ... "lh" "nh" -> "lh"

296 carilhozo (carinhoso)

372 banhilho (baixinho)

(40) /r/ -> [l] / V\_\_V ... "li" "lh" -> "li"

013 olio (olho)

013 paliço (palhaço)

013 molio (molho)

050 aolio (o olho)

221 olio (olho)

369 tabalia (trabalha)

369 tabalia (tabalha)

(41) /r/ -> [n] / V\_\_V ... "n" "nh" -> "n"

112 baina (bainha)

192 imazino (irmãozinho)

198 tena (tenha)

243 apano (apanho)



(42) /j/ → [j] / V\_\_V ... "h" "nh" → "h"

274 paiziho (paizinho)

274 miha (minha)

282 boziho (bonzinho)

361 xiquiha (Chiquinha)

(43) /ɲ/ → [ɲ] / U\_\_V ... "l" "lh" → "l"

191 silos (senhora)

(44) /ʎ/ → [ʎ] / V\_\_V ... "l" "lh" → "l"

054 abela (abelha)

054 abiela (abelha)

303 le (lhe)

359 tarbala (trabalha)

359 tarbolo (trabalho)

361 trabala (trabalha)

(45) /j/ → [j] / V\_\_V ... "i" "nh" → "i"

194 gariio (carrinho)

Não executa o dígrafo, não sente a nasalidade ou não internalizou símbolos e diacríticos para representá-los.

(46) /j/ → Ø / V\_\_V

"nh" → Ø

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

194 mia (minha)

### 3.7.2.2. SPLIT

O "qu" é a priori generalizado pela criança com a letra "c" (conforme Generalizações), então com as informações gradativas que vão sendo apreendidas, ela consigna novas letras, mantendo-se coerente na busca de um símbolo para cada som, ao invés de utilizar o split. Na primeira amostra a criança já faz uso do padrão COU(C),

contudo, ele não está completamente internalizado, devido à busca da economia gráfica.

(47) /k/ → [k] / \_\_v ... "qu" "qu" → "q"  
 [+ant]

003 brinquedos (brinquedos)

(48) /k/ → [k] / #\_\_ ... "g" "qu" → "g"

197 gira

197 giria

198 giria

Igualmente o "gu" não é consignado pela criança: utiliza simplesmente "g".

(49) /g/ → [g] / v\_\_v ... "g" "gu" → "g"

042 amiginha (amiguinha)

246 amiginho (amiguinho)

341 jogi (joguei)

Estabele uma confusão entre as formas gráficas.

(50) /k/ → [k] / #\_\_ ... "j"                      "qu" → "j"

198 jiria

### 3.7.2.3, CLUSTERS

Os clusters são encontros consonantais na mesma sílaba. Dada a complexidade fonarticulatória destes encontros, tendem a simplificá-los.

(51) C            C            U → CØU

[+ocl] [+flapel]

046 pa (pra)

191 asedite (acredite)

192 sepa (sempre)

192 pa (para)

193 sepe (sempre)

193 pa (para)

193 pa (para)

277 compar (comprar)

277 copar (comprar)  
 335 pa (pra)  
 361 biga (briga)  
 369 pedeiro (pedreiro)  
 369 tabalia (trabalha)  
 369 tabalia (trabalha)  
 370 magu (magro)  
 372 gade (grande)  
 373 mago (magro)

### 3.8. DIACRÍTICOS

#### 3.8.1. DIACRISE

E mínima a diferença de traços entre o "o" e o "a" manuscritos, conforme exemplo "sapa / sapo". Uma pequena ligaura faz a distinção.

088 juga (jogo)  
 239 tiomo (te amo)  
 370 banita (bonito)  
 370 rai (roi)

## 3.8.2. TIL

Sentindo a nasalidade e não conhecendo ainda os diacríticos, a criança vai lançar mão da consoante nasal, ao invés do til, como marcador de nasalidade, conforme (52.a).

Nas amostras (52.b) a criança percebe um traço de nasalidade, e o registra (lembramo-nos que a criança despreza o que não ouve e registra o que percebe). Para marcar essa nasalidade, e.a. acrescenta consoantes nasais, o que é bastante interessante, pois, na evolução do Latim vulgar para o Português, houve síncope do "n" de "luna", por exemplo.

(52) Ø → C / U\_\_V

[+nasal] [+baixa]

(52.a) 293 nano (não)

359 rone (roe)

(52.b) 198 eutenamo (eu te amo)

198 rinamo (te amo)

206 etenamo (eu te amo)

290 tinemo (te amo)

### 3.9. LIMITE DE EXTENSÃO MÉTRICA DO VOCÁBULO

O processamento de um vocábulo a nível de extensão também é um problema enfrentado pela criança. Ela tem dificuldades em reter vocábulos extensos e, então, grava o que ouve com maior saliência perceptual e que possua maior familiaridade para ela.

017 mia (minha)

037 boiom (o boicome)

047 aslani (Arceloni)

050 futiou (futebol)

056 Rodgo (Rodrigo)

104 bonca (boneca)

225 bjo (beijo)

231 bebezio (bebezinho)

237 go (gosto)

### 3.10. EMERGÊNCIA DAS LETRAS -

ESTRATÉGIAS PRÓPRIAS DAS CRIANÇAS

### 3.10. ULTRAGENERALIZAÇÃO

Intuição fonológica e consciência metalingüística serão os suportes para a apropriação pela criança do sistema escrito. A criança segmentará a cadeia da fala, percebendo que para cada som corresponde uma letra. Há uma graduação para todos esses conhecimentos e a consciência metalingüística é fruto desse aprendizado, permitindo que recicle o seu conhecimento.

A criança repugna a existência de mais de uma letra para cada fonema, de acordo com a fase em que se encontra. Ela desconhece ainda os diversos valores que uma letra pode apresentar e desconhece igualmente as normas distributivas (valor da letra dependente do contexto em que se encontra) e as razões etimológicas. As letras "s", "z" e "x" apresentam um problema grande para a criança ou qualquer escritor incauto no uso da língua. Além de não possuírem uma lógica dentro do contexto de distribuição, elas refletem uma herança etimológica muito comprometida com o uso ilógico, o que gera uma confusão muito grande.

Para cada som, uma letra, esta é uma das regras básicas da criança. Portanto, a tendência da criança é a ultrageneralização, ou seja, para tal fonema, tal letra, independentemente da posição.



(53) /s/ → [s] / (#\_\_v ... "c" "ss" → "c"  
 [+post.]  
 (#\_\_v  
 [+ant.]  
 (\_\_+)

009 ciúvia (Silvia)  
 046 ariosto (Ariosto)  
 324 seu (seu)  
 365 col (sol)  
 369 icita (está)  
 373 ce (sei)

(54) /s/ → [s] / #\_\_ ... "s" "ss" → "ss"

253 ssidnei (Sidnei)

O caso a seguir é intermediário, antes da aquisição da  
 regra "s" / v\_\_v → /z/

(55) /s/ → [s] / (v\_\_v) ... "s" "ss" → "s"  
 (+\_\_)

005 ulises (Ulisses)  
 013 pessoa (pessoa)

047 pasiei (passiei)  
 047 pasiei (passiei)  
 191 disii (disse)  
 191 asedite (acredite)  
 192 vose (você)  
 192 vose (você)  
 192 vose (você)  
 192 vose (você)  
 192 vose (você)  
 192 vose (você)  
 193 vose (você)  
 193 vose (você)  
 193 vose (você)  
 198 vos (você)  
 198 vos (você)  
 203 vose (você)  
 203 visi (visse)  
 207 carășau (coração)  
 220 vose (você)  
 236 vose (você)  
 236 vose (você)  
 243 pasiar (passiar)  
 246 corășău (coração)  
 271 pasou (passou)  
 290 pasia (passiar)  
 290 pasa (passar)  
 295 tersa (terça)  
 301 vanesa (vanessa)  
 305 pasa (passa)  
 305 pasa (passa)  
 301 vanesa (vanessa)  
 340 pasiando (passiando)

356 bisibleta (bicicleta)  
 359 balasa (balança)  
 361 balasado (balançando)  
 361 pasou (passou)  
 363 balesa (balança)  
 363 rosa (roça)  
 367 tulisal (polícia)

Algumas vezes, surgem incoerências das próprias crianças:

367 priseza

(56) /z/ -> [z] / ʋ\_\_ʋ ... "z"

"s" -> "z"

020 suzana (Susana)  
 042 cazinha (casinha)  
 246 gezus (Jesus)  
 252 quaze (quase)  
 264 dezenhos (desenhos)  
 296 carilhozo (carinhoso)  
 370 ecaza (em casa)  
 374 Joze (José)

(57) /z/ → [z] / ( v\_\_v ) ... "s"                      "z" → "s"

004 faser (fazer)

253 veses (vezes)

257 piasada (piazada)

262 sosinha (sozinha)

(58) /z/ → [z] / ( \_\_# ) ... "s"                      "z" → "s"

( c+\_\_ )

[+nasal]

253 juis (juiz)

286 bonsinho (bonzinho)

374 arrois (arroz)

(59) /x/ → [ʃ] / v\_\_v ... "ch"                      "x" → "ch"

365 mechendo (mexendo)

373 bacho (baixo)

373 peche (peixe)

373 depeche (de peixe)

374 baicho (baixo)

374 baicha (baixa)

374 queicho (queixo)

(60) /ʒ/ → [ʒ] / ( #\_\_ ) v ... "g" "j" → "g"  
 ( U\_\_ ) [+post]

133 begu (beijo)  
 224 bego (beijo)  
 224 beigo (beijo)  
 236 u mbego (um beijo)  
 246 gezus (Jesus)  
 299 segi (seja)  
 352 og (hoje)  
 363 jeguis (Jesus)

(61) /n/ → [n] / ( \_\_c } ... "m" "n" → "m"  
 [+oc.]  
 ( \_\_c }  
 [+fric.]

257 jemte (gente)  
 257 jemte (gente)  
 257 jemte (gente)  
 263 ums (uns)  
 274 bomzinho (bonzinho)  
 276 bomzinho (bonzinho)  
 281 bomito (bonito)  
 303 jemte (gente)  
 305 aimda (ainda)  
 365 vento (vento)

(62) /k/ → [k] / \_\_v ... "c" "qu" → "c"  
 [+ant.]

042 bricei (brinquei)  
 192 cero (quero)  
 192 cer (quero)  
 203 acela (aquela)  
 203 ce (quer)  
 216 ce\_o (quero)  
 216 ce (quer)  
 224 cero (quero)  
 224 duronaceda (duro na queda)  
 225 cero (quero)  
 233 cero (quero)  
 241 porco (porque)  
 272 ce (quer)  
 272 ceijo (queijo)  
 318 cerida (querida)  
 359 ceijo (queijo)  
 367 porce (porque)

(63) /k/ → [k] / +\_\_c v ... "qu" "c" → "qu"  
 [+vib.]

360 esquireve (escrever)

(64) /k/ → [k] / \_\_V

"qu" → "c"

[+ post]

[+ alta]

374 eruscue (Erusc)

265 cuando (quando)

(65) /R/ → [R] / V\_\_V ... "r"

"rr" → "r"

002 marom (marrom)

005 atero (aterro)

053 caro (carro)

072 boro (burro)

154 caro (carro)

194 gari o (carrinho)

197 garo (carro)

203 casoro (cachorro)

266 moreu (morreu)

267 amaran (amarrar)

279 barigudo (barrigudo)

290 coro (carro)

358 caro (carro)

358 caro (carro)

362 ore (torre)

362 maro (carro)

367 caro (carro)

370 caro (carro)

374 buro (burro)

Um dos casos mais bonitos de intuição fonológica apresentados pelas crianças é o do uso do "u" em detrimento das letras "o" ou "l", já que o "o" átono em final de palavra é neutralizado com /u/ e há, igualmente uma neutralização da líquida em favor da semiconsoante /w/, na maior parte das variedades lingüísticas do Brasil. A criança captou o que se produz oralmente e o processa na escrita, pois sempre busca a biunivocidade, conforme já examinado. e há uma transposição da líquida em favor da semiconsoante /w/ a criança captou o que se produz oralmente e o processa na escrita, pois a criança sempre busca a biunivocidade, conforme já examinado.

(66) /w/ -> [w] / ( \_\_#) ... "u" "l/o"->"u"  
 ( \_\_+)

009 ciuvia (Silvia)

046 tiu (tio)

050 futibou (futibol)

090 papeu (papel)

067 futibou (futebol)

163 tiu (tio)

267 corasau (coração)

255 futibou (futebol)

255 futibou (futebol)

265 principalmente (principalmente)

243 legau (legau)

257 gou (gol)

279 legau (legal)



279	legêu	(legal)
280	legau	(legal)
369	Deusa	(Delza)
310	Rafaeu	(Rafael)
356	lutibou	(futebol)
358	vutibou	(futebol)
360	espitau	(hospital)
373	futibou	(futebol)
373	opitau	(hospital)
310	aniversariu	(aniversário)
374	riu	(rio)
374	riu	(rio)
373	cominhau	(comilão/comilhão)

### 3.10.2. FONEMA NO NOME DA LETRA

O nome da letra é um recurso utilizado pela criança para atribuir à mesma um valor sonoro.

Read (1985) aponta em seu trabalho a construção do conhecimento por algumas crianças baseado num trabalho parcial do nome das letras e nos sons (padrão) da fala.

Igualmente nas comunidades onde coletamos O de material, observou-se a ocorrência de procedimentos semelhantes para a produção de textos.

(67) /ʃ/ → [ʃ] / V\_\_ ( V\_\_ ) ... / "ch" → "x"  
 [+ant] \ "ch"  
 ( U\_\_ )  
 [+post]

191 sata (chata)  
 203 casora (cachorra)  
 280 pasicho (baixinho)  
 340 caxoro (cachorro)  
 361 mariaxiquiha (mariachiquinha)  
 369 xoma (chama)

(68) /z/ → [z] / ( #\_\_ ) ... "j" "j" → "g"  
 ( U\_\_U )

257 jente (gente)  
 257 jente (gente)  
 257 jente (gente)  
 264 ajente (a gente)  
 264 ajente (a gente)  
 264 ajente (a gente)  
 303 jente (gente)  
 303 jente (gente)

A criança estabelece seus princípios e mantém-se coerente na sua lógica: busca a biunivocidade e evita a redundância na marcação de plural, por exemplo. Ela registra

o que ela ouve e, definitivamente ela não sente a presença da letra "h", que é uma herança etmológica, nem dispõe de dica na palavra para registra-la.

(69) "h" → Ø / #\_\_

255 ora (hora)

373 opitau (hospital)

374 ospitao (hospital)

### 3.10.3. HOMONÍMIA

Como consequência da identidade fônica entre o numeral "um" e do artigo "um", a criança vai utilizar o numeral para representar o artigo.

041 1 pipa (uma pipa)

082 1 menina (uma menina)

088 1 pipa (uma pipa)

091 1 menino (um menino)

091 1 bola (uma bola)

094 1 bola (uma bola)

167 1 loa (uma bola)

- 167 1 loa (uma bola)  
 211 1 presente (um presente)  
 215 1 baja (um beijo)  
 237 1 pbjo (um beijo)  
 238 1 nenêm (um nenêm)

### 3.11. INTUIÇÃO FONOLÓGICA

(ESCREVE COMO FALA)

Há um sem número de processos a serem apreendidos por todos aqueles que se aventuram pelos caminhos da escrita. O jovem aprendiz não tem consciência dos aspectos diacrônicos da língua, não tem consciência do vocábulo morfológico como unidade e nem mesmo hipotetiza questões pertinentes a sóciolingüística.

Desconhecendo todos esses fatores, a grande tendência da criança é a generalização. Ela dispõe de algumas informações apreendidas e tem muitas informações por receber, então, lança mão dos dados de que dispõe e principalmente da sua lógica: uma letra para cada som; falo assim, grafo assim. A intuição fonológica é o grande trunfo da criança. É a percepção de "significados" e "significantes" coerentes. É oralidade e escrita se encontrando sem contaminações etimológicas, ou morfológicas, ou sob quaisquer outros aspectos.

A deditongação que acontece nas próximas amostras é a transposição para o sistema escrito de como a criança fala; o apagamento que a semiconsoante sofre é também processado no sistema oral.

(70) /w/ → Ø / ( \_\_# )

( \_\_+ )

032 oro (ouro)

076 oro (ouro)

224 cenora (cenoura)

215 ropa (roupa)

215 mio (miou)

235 do (dou)

258 intro (entrou)

262 locinhas (locinhas)

281 vo (vou)

286 rropa (roupa)

297 jogo (jogou)

337 ropa (roupa)

361 ropa (roupa)

367 ropa (roupa)

370 atu (alto)

370 ate (alto)

Assim como ela ditonga em favor de como fala.

(71) Ø -> [j] / \_\_+

- 261 mais (mas)
- 267 dois (dos)
- 303 feis (fez)
- 360 goisto (gosto)
- 374 arrois (arroz)
- 363 Jeguis (Jesus)
- 363 fais (faz)
- 363 fais (faz)
- 365 fai (faz)
- 365 fais (faz)

(72) /i/ -> [je] / \_\_#

- 352 vie
- (eu og vie a fada ...)
- (eu hoje vi a fada)

O falar dos açorianos fica igualmente caracterizado:

(73) /i/ -> [i] / ( #\_\_ ) ... "e" "i" -> "e"  
 ( \_\_# )

- 003 errmá (irmá)

Semivocalização, marca sociolingüística.

(74) /h/ → [χ] / V\_\_V ... "i"                      "lh" → "i"

106 taiu (talho)

360 trabaia (trabalha)

### 3.11.2. DESINÊNCIA DE PLURAL

A desinência de plural, que deve ser marcada nos diversos termos do grupo de acordo com a concordância vigente, é uma redundância, pois bastaria um único elemento marcar uma única vez a registro de plural.

(75) /s/ → Ø / \_\_#

242 ficamos perdido (ficamos perdidos)

243 meu colegas legäu (meus colegas  
legais)

243 minhas colega (minhas colegas)

243 minha colegas (minhas colegas)

255 os colega (os colegas)

261 as boneca (as bonecas)

264 minhas amiga (minhas amigas)

374 ele são banitos (eles são bonitos)

### 3.11.3. NEUTRALIZAÇÃO

Os próximos exemplos mostram claramente uma característica própria da fala que é transcrita: a neutralização - uma oposição entre fonemas que num determinado contexto átono não é mais pertinente.

(76) /I/ → [i] / \_\_ + CV

"e" → "i"

011 i (e)

050 futibou (futebol)

053 di (de)

067 minino (menino)

067 ireni (Irene)

067 futibou (futebol)

072 abacati (abacate)

077 mi (me)

085 mi (me)

091 mida (me dá)

091 mina (me da)

094 mida (me dá)

137 mida (me dá)



- 154 midà (me dà)
- 155 nida (me dá)
- 167 mi (me)
- 191 i (e)
- 191 silos (senhora)
- 191 disì (disse)
- 191 disì (disse)
- 197 ti (te)
- 197 giria (queria)
- 200 tiemò (te amo)
- 200 tiemo (te amo)
- 202 ti (te)
- 202 ti (te)
- 203 mi (me)
- 203 ti (te)
- 203 ti (te)
- 203 tisi (disse)
- 203 vissi (visse)
- 204 mi (me)
- 205 i (e)
- 205 i (e)
- 205 i (e)
- 205 li (lhe)
- 205 di (de)
- 215 tido (te dou)
- 225 propcozdi (por causa de)
- 239 tiadoru (te adoro)
- 239 tiomo (te amo)
- 241 midar (me dá)
- 246 i (e)
- 246 si (se)

- 246 si (se)
- 246 qui (que)
- 246 sichama (se chama)
- 253 inroda (em roda)
- 254 quieu (que eu)
- 255 futibou (futebol)
- 255 futibou (futebol)
- 258 di (de)
- 258 intro (entrou)
- 268 vistindo (vestindo)
- 272 mida (me dá)
- 272 mida (me dá)
- 278 mibusca (me busca)
- 286 mi (me)
- 290 tenemo (te amo)
- 305 i (e)
- 305 sinão (senão)
- 305 sinão (senão)
- 313 tiamo (te amo)
- 316 qui (que)
- 342 iscola (escola)
- 342 istudei (estudei)
- 358 outibou (futebol)
- 361 istuda (estuda)
- 361 sifama (se chama)
- 369 cixoma (se chama)
- 367 iscada (escada)
- 370 eli (ele)
- 370 Eli (ele)
- 370 zenadi (Zenaide)
- 370 cichema (se chama)

373 sichema (se chama)

373 futibou (futebol)

374 inpacou (empacou)

(77) /o/ -> [u] / ( \_\_+)

( \_\_#)

040 papu (papo)

052 dadu (dado)

052 mudu (mudo)

071 doidu (doido)

077 buuca (boneca)

087 u (do)

106 taiu (talho)

133 begu (beijo)

154 bunuca (boneca)

197 adoru (adoro)

197 emu (amo)

198 gos(t)u (gosto)

207 bunita (bonita)

223 beju (beijo)

225 tatoru (te adoro)

237 lidu (tudo)

257 cu (com)

257 cu (com)

257 cu (com)

332 gotu (gosto)

340 vi u (Vico)

340 viu (Vico)

- 358 u vento (o vento)  
 361 uvento (o vento)  
 374 chivedo (chovendo)

#### 3.11.4. ULTRACORREÇÃO

A primeira e grande regra internalizada pela criança é indubitavelmente a ultrageneralização. À medida que vai construindo seu conhecimento e contactando com o sistema convencional, a criança percebe que nem todas as neutralizações que são contempladas na escrita são pertinentes, ou seja, nem tudo que se fala é escrito da forma como é falado. Então, ela trilha o processo inverso, ela executa o que chamamos de ultracorreção. Ignora, ainda, regras distributivas.

(78) /w/ -> [w] / ( \_\_# ) ... "o" "u/l"-> "o"  
                   ( \_\_+ )

- 003 meos (meus)  
 013 deo (deu)  
 053 eo (eu)  
 135 lato (latiu)  
 196 eo (eu)  
 207 pipio (pipiu)

213 eo (eu)  
 214 eo (eu)  
 221 eo (eu)  
 227 eo (eu)  
 272 eo (eu)  
 288 legao (legal)  
 353 eo (eu)  
 355 futebol (futebol)  
 369 Doarte (Duarte)  
 374 ospitao (hospital)

(79) /j/ → [j] / \_\_# ... "e"

"i" → "e"

049 meau (miao)  
 049 uae (vai)  
 055 vae (vai)  
 071 vae (vai)  
 114 fue (fui)  
 116 dodoe (dodoi)  
 194 papae (papai)  
 194 papae (papai)  
 372 pae (pai)  
 373 pae (pai)  
 373 pae (pai)

(80) /i/ -> [i] / ( #\_\_ ) ... "e"  
 ( \_\_# )

004 arcelone (Arceloni)

274 felho (filho)

283 errmão (irmão)

289 oatare (o atari)

359 tasse (taxi)

361 ermã (irmã)

Os tópicos seguintes (93) e (45) demonstram claramente as normalizações distributivas.

(81) /r/ -> [r] / (c\_\_v) ... "r"      "r" -> "rr"  
 (+\_\_ )  
 (#\_\_ )

233 rrelojo (relógio)

253 in rroda (em roda)

286 rropa (roupa)

369 arvorre (árvore)

369 magrrinho (magrinho)

(82) /s/ → [s] / #\_\_ ... "s"

"ss" → "s"

253 ssidnei (Sidnei)

Parodiando Cagliari (1982), vimos que o sistema ortográfico do português não tem como função representar a fala, mas permitir a leitura, pois a criança, com sua conceptualização lógica, aponta a falta de biunivocidade da língua, as cicatrizes etimológicas, a incoerência da língua.

- 
1. Swadesh, in Scliar-Cabral, 1977:56
  2. Mattoso Camara, 1984: 30-31

## CONCLUSÃO

Os dados coletados e analisados, embora não tenham seguido rigidamente os passos de Ferreiro nem a metodologia de Read, comprovam alguns aspectos fonológicos evidenciados pelo segundo e reafirmam a criança como capaz de elaborar o seu projeto de apropriação da representação escrita, conforme a primeira.

A criança não é passiva, incapaz de elaborar o seu conhecimento, ela tem os seus próprios passos a percorrer, que, a partir dos dados, inicialmente, evidenciaram a utilização pelas crianças dos recursos ideográficos. Evidenciou-se igualmente uma fase "a priori" holística, em que ela percebendo o todo, utiliza-se preponderantemente das vogais para as suas representações, passando a seguir, para uma fase em que ela recicla o seu conhecimento em favor do sistema existente. Ela vai conceber a palavra, identificando-a como tal. Sem ter acesso ao modelo convencional, a criança não segmenta morfológicamente a palavra, pois percebe o contínuo da fala.



Portanto, percebendo a escrita, a criança começa a estabelecer suas regras. Nestes primeiro momento em que formaliza suas normatizações, ela estabelece regras sensíveis ao contexto fônico, transpondo sua forma de falar aos grafemas, tendendo tanto a fazer reduções do vocábulo, quanto da estrutura silábica.

Num segundo momento, ela estabelece regras de ultracorreção ou ultrageneralização, mostrando-se rebelde às formas pautadas pelos critérios etimológicos. Constatase, pois, que a criança gerencia o seu conhecimento porque tem atitudes inteligentes diante daquilo que lhe desperta seu ser "cognoscente". Não devemos reprimi-la e sim suscitá-la a aprender criando, a criar aprendendo.

## BIBLIOGRAFIA

- ABUD, Maria José Milharezi. O ensino da leitura e da escrita na fase inicial de escolarização. São Paulo, EPU, 1987.
- BOUTON, C. P. O desenvolvimento da linguagem. 767 ed, Lisboa. Moraes editores, 1975.
- BRYANT, P. & BRADLEY, L. Psychological strategies and the development of reading and writing. in: MARTLEW, M. The psychologic of written language developmental and educational perspectives. Chicester, John Wiley & sons, 1983: 163-178.
- BRYANT & BRADLEY. Problemas de leitura na criança. Porto Alegre. Artes Médicas, 1987.
- CAGLIARI, L. C. A formação do professor alfabetizador: Considerações a respeito do ensino do Português. in Anais do Seminário Multidisciplinar de Alfabetização. INEP, 1983.
- CAGLIARI, L. C. Leitura e alfabetização, in Cadernos de Estudos Lingüísticos, nº 3. Departamento de Lingüística, IEL-Unicamp, 1982.
- CONTINI jr, José. A concepção do sistema alfabético por crianças em idade pré-escolar. tese de mestrado. PUC, São Paulo, 1985.
- DUBOIS, J. et alii. Dicionário de Lingüística. Cultrix. 1986.
- FERREIRO, Emilia & GOMEZ PALACIO, Margarita y colaboradores. Las relaciones entre el texto y la imagen. in: Análisis de la perturbaciones en el proceso de aprendizaje de la lecto-escritura. SEP OGA, México, 1982.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo, Cortez, 1985.

- FRY, Edward. The emergency reading teacher's manual. New Jersey, Dreier Educational Systems, 1974.
- FRITH, U. Cognitive processes in spelling. London, Academic press ltd. 1980.
- GIBSON, E. & LEVIN, H. The psychology of reading. Cambridge, MIT Press. 1975/78.
- GNERRE, Maria Bernadete Abaurre. Leitura e escrita na vida e na escola. Interação, São Paulo, 16: 26-29, nov. 1985.
- GNERRE, Maria Bernadete Abaurre & CAGLIARI, Luiz Carlos. Textos espontâneos na 1ª série. Cadernos Cedes. São Paulo, (14):25-30, 1985.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo, Martins Fontes. 1985.
- GOES, C. & MARTLEW, M. Young children's approach to literacy. The psychological of written language developmental and educational perspectives. Chicester, John Wiley & sons. 1983:217-236.
- JORM, A. F. Psicologia das dificuldades em leitura e ortografia. Porto Alegre. Artes Médicas, 1985.
- LEMLE, Miriam. O que a lingüística tem a dizer ao alfabetizador. in Seminário multidisciplinar de alfabetização. Brasília, 1984, p. 180-185.
- LURIA, A. R. The development of writing in child. in: MARTLEW, M. The psychology of written language, Chicester, John Wiley and sons, 1983.
- LURIA, A. R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- MARCOZZI, A. M. et alii. Ensinando à criança. Rio de Janeiro, Ao livro técnico, 1975.
- MATTOSO CAMARA Jr. Joaquim. Problemas de lingüística descritiva. 11ed, Petrópolis, Vozes, 1984.
- MICOTTI, M. Cecilia de Oliveira. Piaget e o processo de alfabetização. São Paulo, Pioneira, 1980.
- READ, Charles. Lessons to be learned from the preschool orthographer. in LENNEBERG, Eric H. & LENNEBERG, Elizabeth Foundations of language development. London, Academic Press. 1975:329-346.
- READ, Charles. Orthography. in: MARTLEW, M. The psychology of written language developmental and educational perspectives. Chicester, John Wiley & sons, 1983:143-163.
- SOLIAR-CABRAL, Leonor. Introdução à lingüística. Porto Alegre, Globo, 1979.

- SOLIAR-CABRAL, Leonor. Processos psicolinguísticos de leitura e a criança. in: Letras de Hoje, Porto Alegre, 63:7-20, mar, 1986.
- UYGOTSKY, L. S. The prehistoric of written language. in: MARTLEW, M. The psychological of written language developmental and educational perspectives. Chiccester. John Wiley & sons. 1983:279-292.
- ZANINI, Fádia Gonzalez. Aquisição de linguagem e alfabetização. in: TASCÁ, M. et alii. Suportes Linguísticos para a Alfabetização. Sagra, 1986.

ANEXOS

## TESTE DE LINGUAGEM

Profª Drª LEONOR SOLIAR-CABRAL

O teste, além de assinalar o desenvolvimento lingüístico da criança, terá por finalidade detectar problemas mais evidentes de recepção auditiva e de fonação.

## 1. RECPÇÃO AUDITIVA

COMANDO: A tia vai dizer uma palavra e tu vais apontar com o dedinho a figura certa. Eu vou ficar atrás de ti para ver melhor.

SITUAÇÃO: O teste é individual. A criança deverá estar sentada diante de uma mesa sobre a qual a professora colocará as cartelas. A professora ficará atrás da criança, para não dar pista auditiva.

ANOTAÇÃO: Colocar um x na quadrícula da folha de anotação, na coluna C (correto), toda vez que a criança acertar. Puxe a soma dos acertos e coloque na quadrícula do total.

LISTA DE PALAVRAS:

faca <sup>1</sup>	vaca	vovô <sup>5</sup>	vovó
espada - escada		trens - três	
galo - calo		pão - pau	
		6	
	2	pé - pá	
bola - mola		pente - ponte	
calo - cano		ave - uva	
barata - batata			
	3		
gato - rato -			
rosa - roda			
olho - ovo			
	4		
pão - cão			
gato - jato			
rodo - rolo			

Nome da criança:

Idade:

Data em que foi aplicado o teste:

Nome da Professora:

Nome da Escola:

1. A menina anda. *corre.*
2. O leão está em cima da jaula.
3. O macaco pega as bebidas, o galo pega os bolinhos e o porquinho pega as bandeiras.

## 2. PRODUÇÃO

**COMANDO:** Agora é a tua vez de falar o que está no desenho. A tia vai mostrar e tu dizes o nome.

**SITUAÇÃO:** O teste é individual. Sentar ao lado da criança. Apontar uma a uma as gravuras, conforme a ordem da lista da folha de anotação.

**ANOTAÇÃO:** Colocar um x na quadrícula C, se a criança disser a palavra corretamente; na quadrícula D, se houver desvios (se possível, anotar como a criança disse, no espaço reservado. Por exemplo "tens", em vez de "trens"; "pola" em vez de "bola". Coloque nos totais as somas:

C: corretas

D: desvios

N: nenhuma resposta (total das quadrículas em branco).

Se a criança tiver cometido muitos desvios, pode repetir esta parte para confirmar. Escreva conforme a criança disse na parte CONFIRMAÇÃO;

## 3. INVENÇÃO A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DE GRAVURAS

**COMANDO:** Tu gostas de ouvir histórias? e de contar? A tia vai mostrar estas gravuras e tu vais contar uma história.

**SITUAÇÃO:** O teste é individual. Colocar a folha com as quatro gravuras sobre a mesa, de frente à criança. Sentar ao lado da criança.

**ANOTAÇÃO:** Ir colocando nas quadrículas, à medida que a criança for contando.

Ao lado de cada número correspondendo à sequência, colocar x em: C (completa); I (incompleta); N (nenhuma).

Na quadrícula das inversões, colocar quantas fez.

Quantos personagens, idem. Quantas ações, idem.

Somar todos os pontos completos e diminuir as inversões, para obter o resultado.

## 4. RECONTO

COMANDO: A tia vai contar uma estória que tu nunca ouviste.

Presta bem atenção para treinar com a tia e depois poder contar para teus colegas.

SITUAÇÃO: Ficar de frente à criança e ler com muita expressividade para manter o interesse da criança.

ANOTAÇÃO: Colocar ao lado do número correspondente a cada uma das frases um x em baixo das letras correspondentes a C (correta) I (Incompleta) N (nenhuma) . Colocar os totais nas quadrículas correspondentes.

1. Era uma vez um sapo
- 2 que vivia na beira da lagoa.
- 3 O macaco que morava no coqueiro
- 4 vivia amolando a paciência do sapo.
- 5 Ele atirava cocos enormes
- 6 pra acertar na cabeça do sapo.
- 7 Até que um dia, veio uma enchente pavorosa.
- 8 A lagoa cresceu, cresceu, cresceu,
- 9 subiu até a árvore.
- 10 E o macaco não sabia nadar.
- 11 O único jeito era subir na garupa do sapo
- 12 pra ir até o outro lado da lagoa.
- 13 O macaco ficou muito arrependido.
- 14 E prometeu não atirar mais coco na cabeça do sapo.
- 15 Acabou.



NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

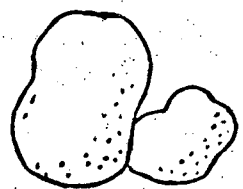
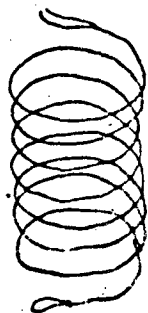
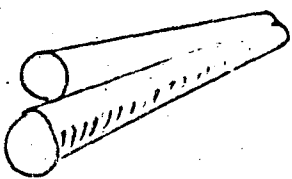
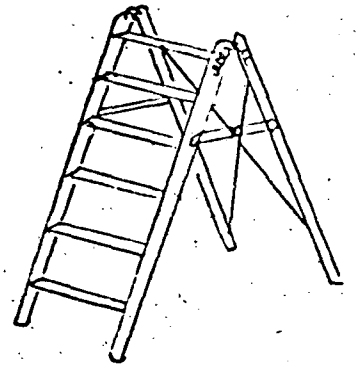
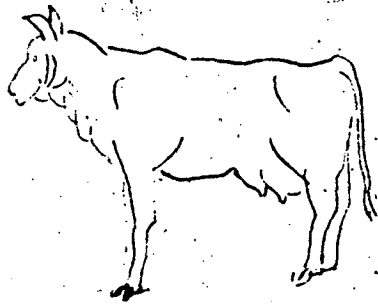
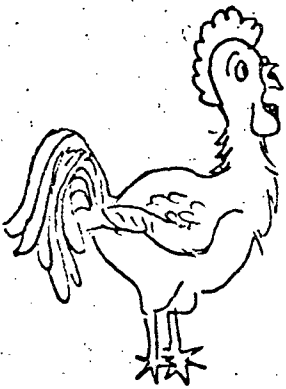
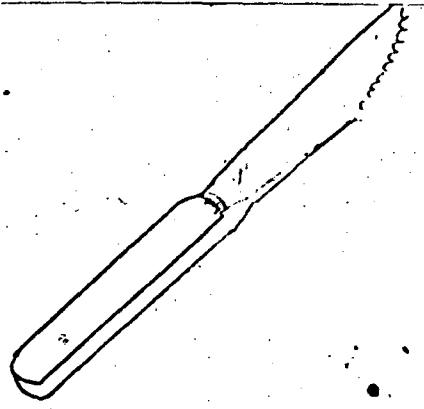
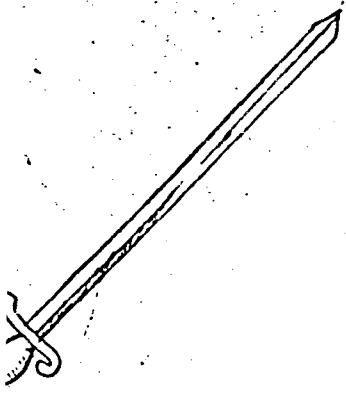
1-RECEPÇÃO AUDITIVA

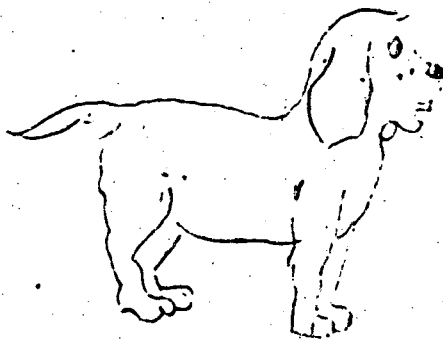
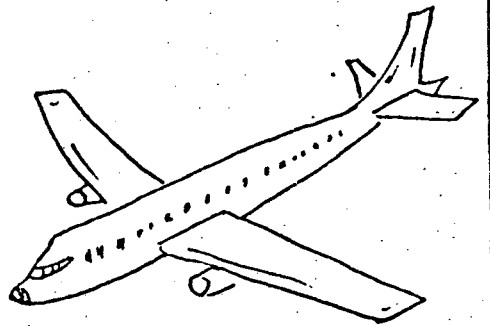
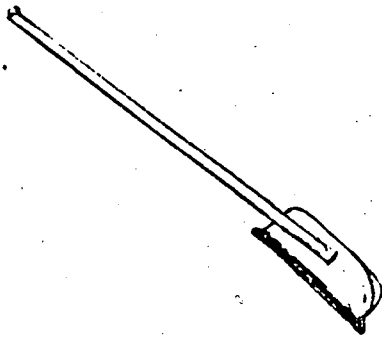
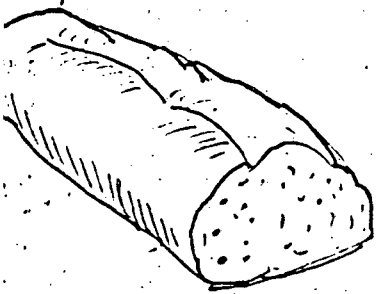
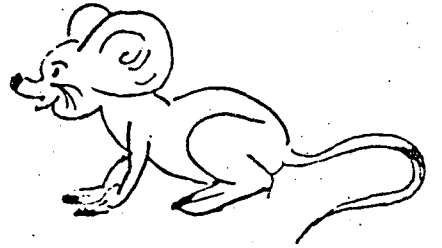
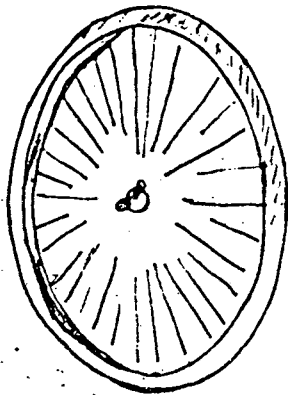
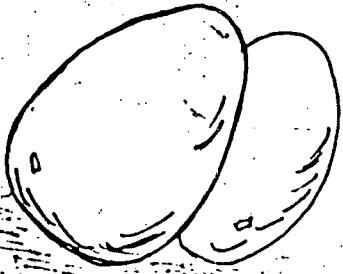
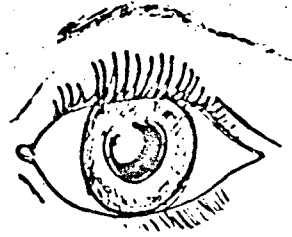
palavras	frases
faca	1
vaca	
espada	2
escada	
galo	3
calo	
bola	
mola	
calo	
cano	
barata	
batata	
gato	
rato	
rosa	
roda	
olho	
ovo	
pão	
cão	
gato	
jato	
rodo	
rolo	
vovô	
vovó	
trens	
tres	
pão	
pau	
pé	
pá	
pente	
ponte	
ave	
uva	
	TOTAL

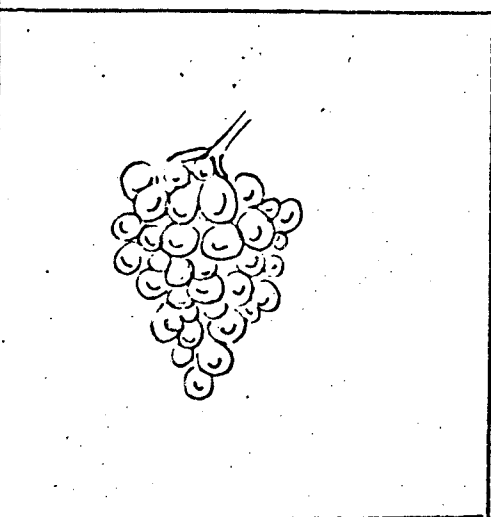
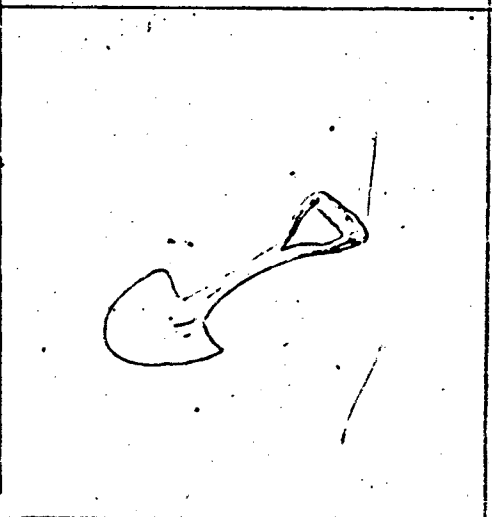
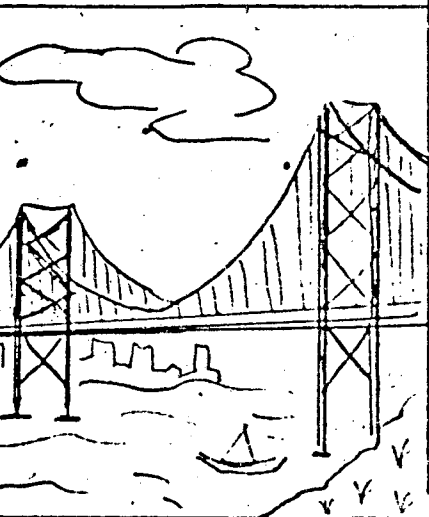
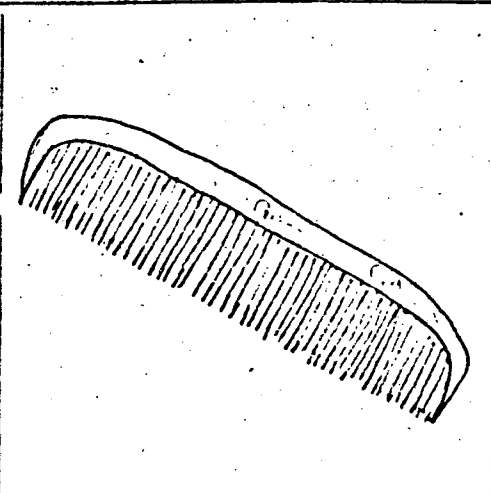
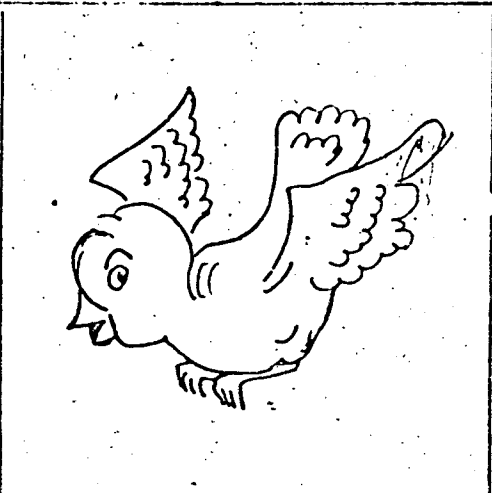
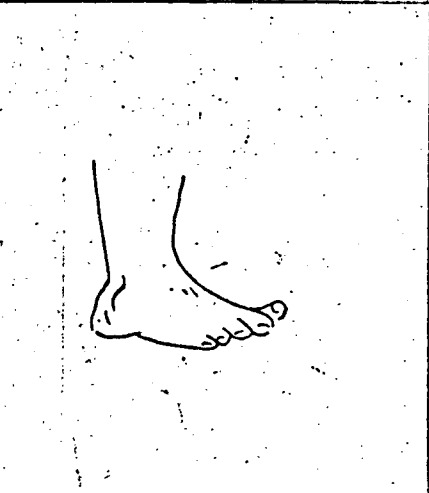
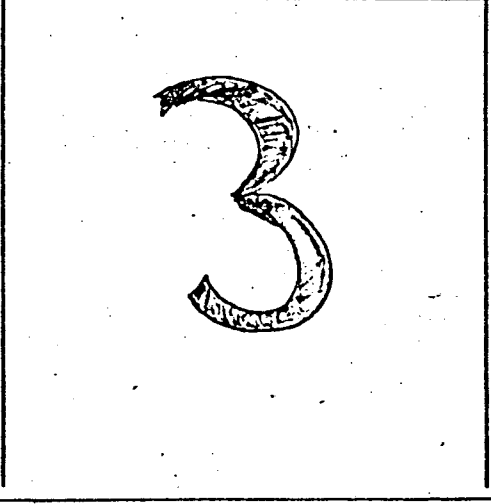
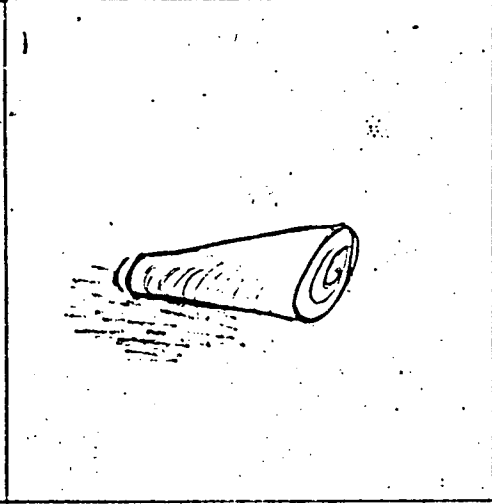
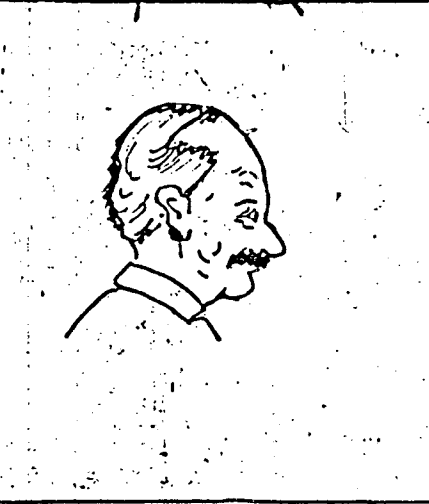
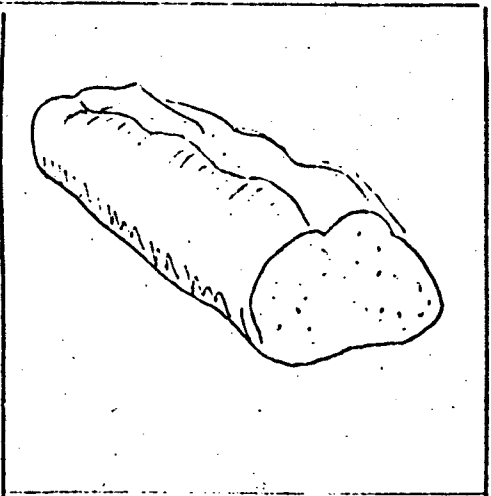
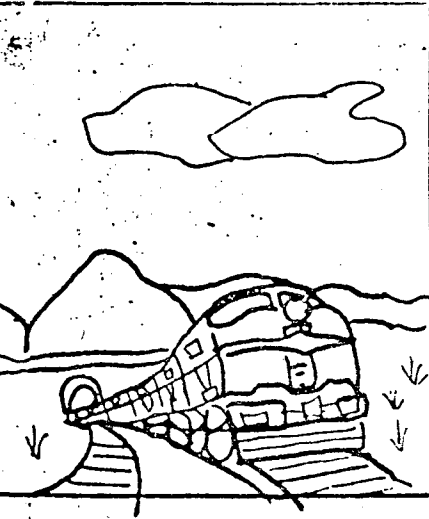
2-PRODUÇÃO

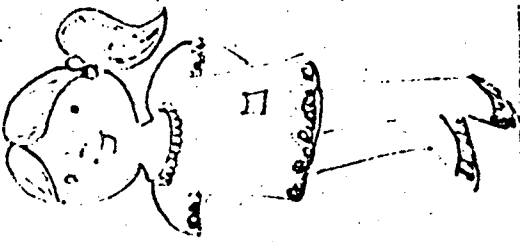
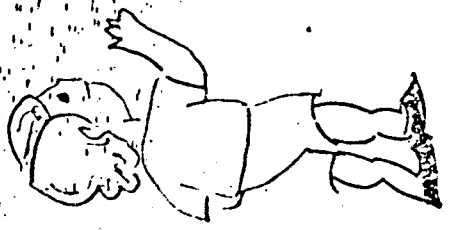
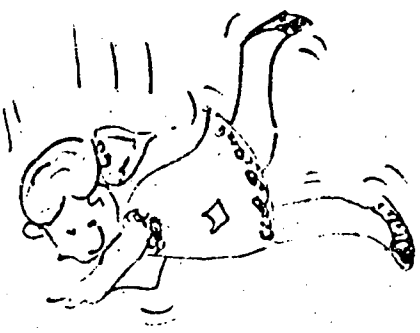
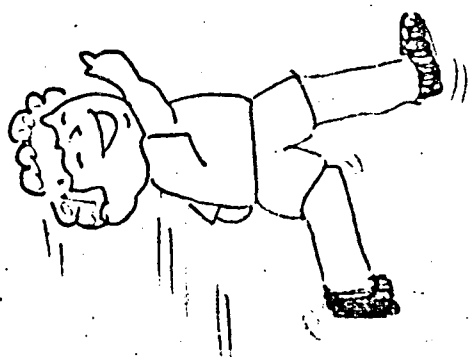
palavras	C	D	N	ANOTE	CONFIRME
faca					
vaca					
espada					
escada					
galo					
calo					
bola					
mola					
calo					
cano					
barata					
batata					
gato					
rato					
rosa					
roda					
olho					
ovo					
pão					
cão					
gato					
jato					
rodo					
rolo					
vovô					
vovó					
trens					
três					
pão					
pau					
pé					
pá					
pente					
ponte					
ave					
uva					

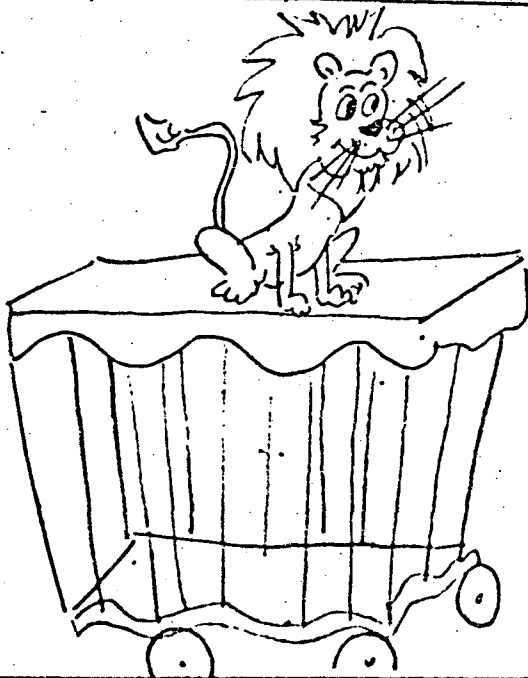
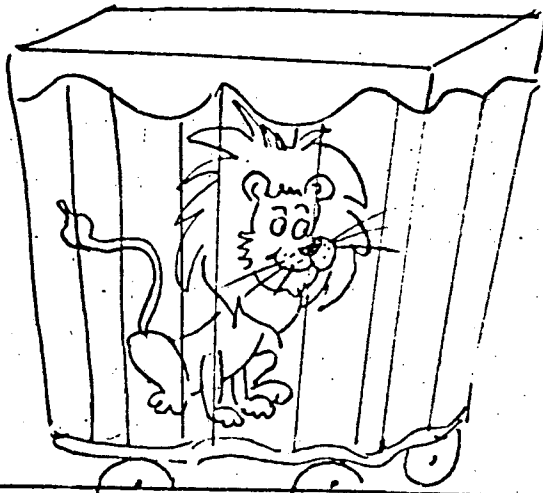
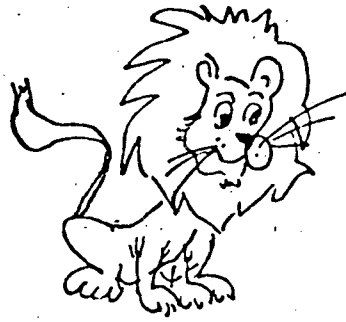
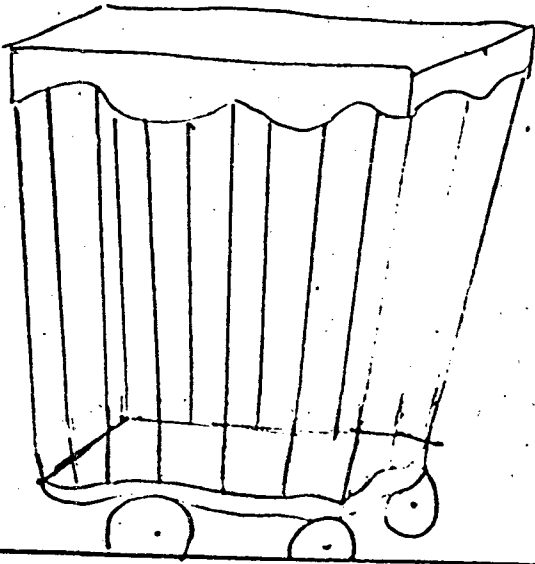
TOTAL

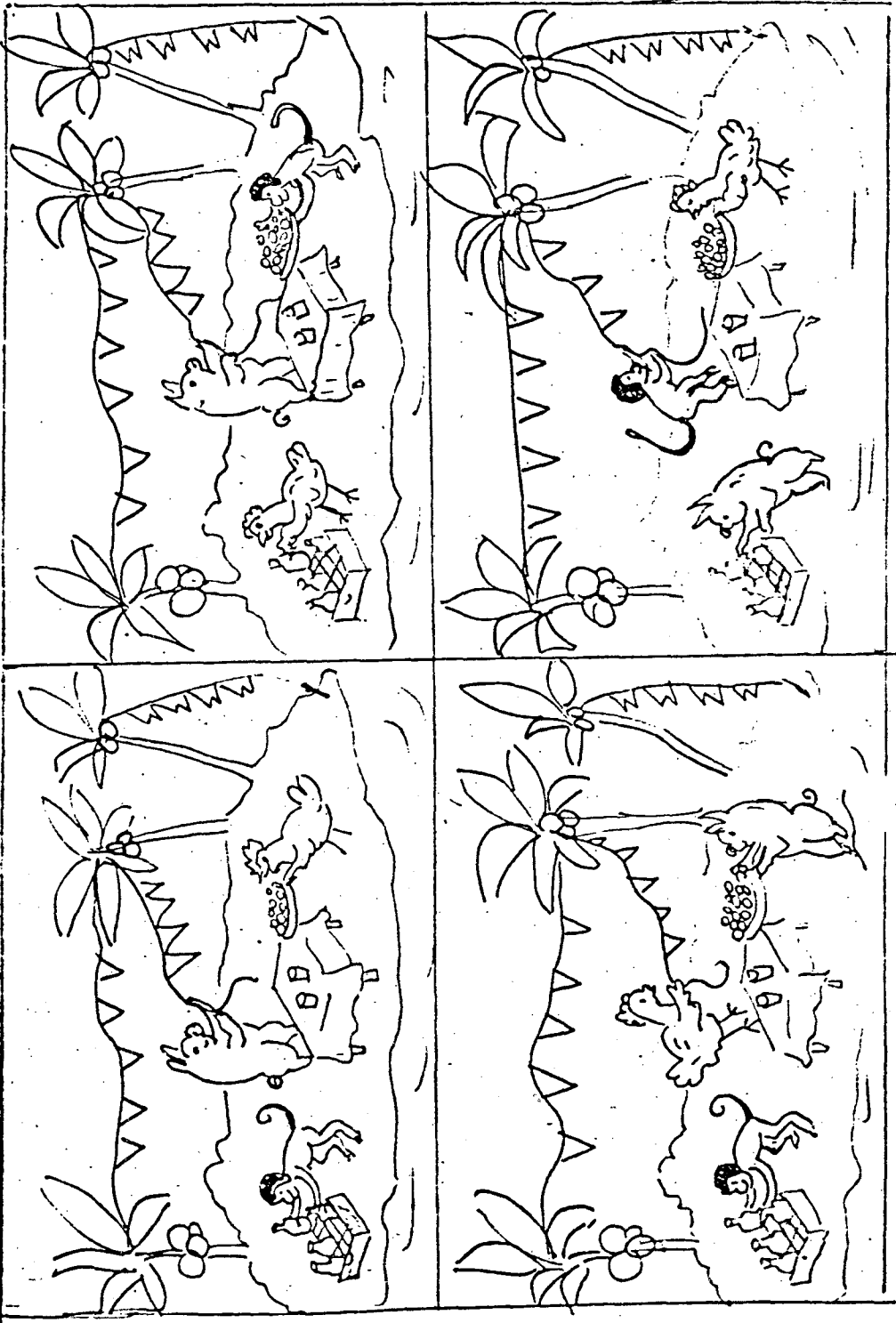




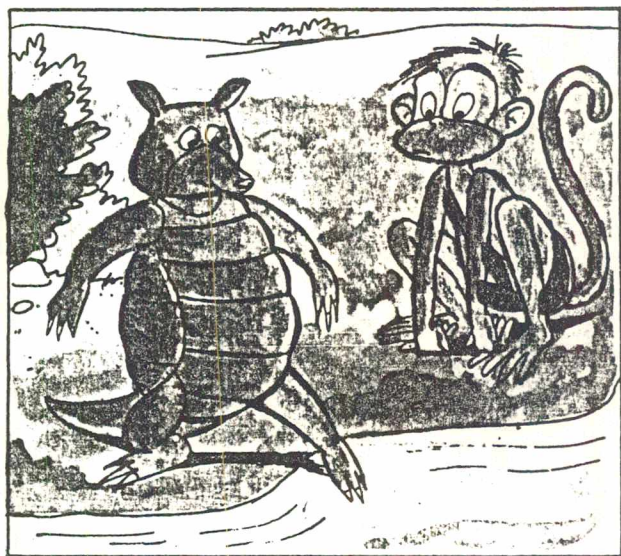
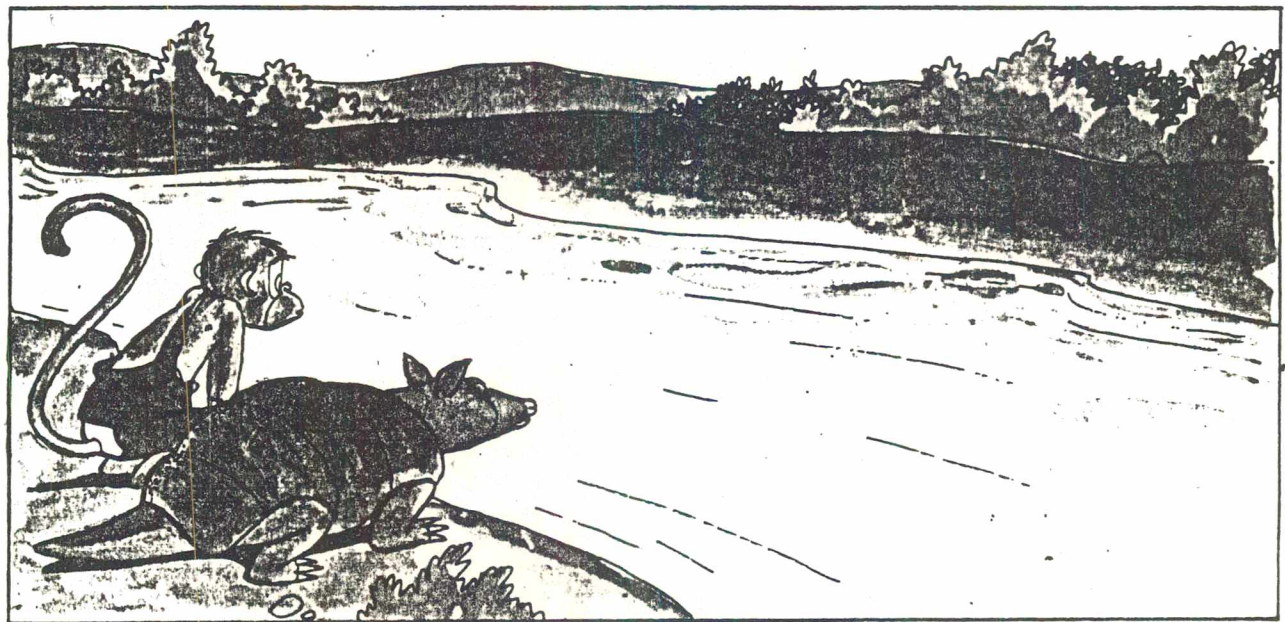








# O tatu





ANEXO II

801

MATHEUS AVIÃO  
A PAIXONADO BOI  
PEIXE

"MATHEUS - AVIÃO - APAIXONADO - BOI - PEIXE"

802

ave	"AVE"
peixe	"PEIXE"
o marrom	"MARRON"
vermelho	"VERMELHO"
oleo	"ÓLEO"
azeite	"AZEITE"

803

tia eu quero um pula pirata  
a minha irmã mexeu nos  
meus brinquedos

"TIA, EU QUERO UM PULA  
PIRATA A MINHA IRMÃ  
MEXEU NOS MEUS BRINQUEDOS"

Volta ♡

"VOLTA CORAÇÃO"

beijo e um abraço

"BEIJO E UM ABRAGO"

Data: 09-06-86

004

Arcejon

Fomei café 20

"TOMEI CAFÉ DUAS HORAS"

Data: 25/7/86

FONE: 29.3924 NUMERO DE CASA 104 FLORIANO POLIS SC

FAZ FAVOR DE NÃO

FAZER MAS QUATA ARCELONE

"FAZER MAIS"

"ARCELONI"

005

Data: 5/8/86

fui a Biguagu

"FUI A BIGUAGU"

fui andar de bicicleta  
no aterro Carlos André  
Ulisses Leonardo

"FUI ANDAR DE BICICLETA NO ATERRO."

"CARLOS ANDRÉ - ULISSES - LEONARDO"

006

Alexandre Ferrarolo

arara

"ARARA"

007

Mamãe arara "

Alexandre

"MAMÃE - ARARA"

008

mamãe

mamãe ve o vagalume

"MAMÃE VE O VAGALUME"

mamãe ve o vovô e a vovó

"MAMÃE VE O VOVÔ E A VOVÓ"

009

data 5/08/86

el

el made ma matelão

"EU NADO NA NATAÇÃO"

tia liliu "TIA SILVIA"

tiaulivria Silvia

"TIA SILVIA"

010

Alexandre abelha

"ALEXANDRE - ABELHA"

011

1. mãe 2. me i abelha ura se  
1. "mãe"

2. mamãe e abelha ura bebê"

012

Amalocus  
"NÃE - ÓCULOS"

22005108186

doido doido

titio da melada

1. pipoca palhaço ri da sapuca

2. olho em molha a Rigema

1. "PIPOCA - PALHAÇO RI DESSA PESSOA"

2. "OLHO - EU MOLHO A GRAMA"

013

014

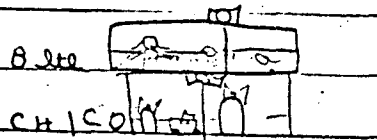
1. Julia JOANA B ltl
2. ANA abelha

1. "JULIA - JOANA - BETE"
2. "ANA - ABELHA"

015

Julia Vieira Borges "JULIA VIEIRA BORGES"  
 Bete Vieira Borges "BETE VIEIRA BORGES"  
 uva oiu "COELHO / UAO - COIU"  
 uva - ovo - "UYA - OVO"  
 uva - "UYA"

016



"BETE - DESENHA A SI, SUA  
 IRMÃ E SEU IRMÃO NUM  
 PACOTE DE PRESENTE."  
 "CHICO - ARCO - CARRO - ARCO  
 PARA ELA, SEU IRMÃO E  
 SUA IRMÃ."

017

data 5-80-86

casa - vovô - vovô - "CASA-VOVÔ-VOVÔ"

x a - casa - da - grã - a - tia "A CASA DA MINHA TIA"

x mamãe - e - eu - papai - "MAMÃE-E-EU-PAPAI"

mamãe vê o papai "MAMÃE VÊ O PAPAI"

papai vê a mamãe "PAPAI VÊ A MAMÃE."

papai papai ama a mamãe "PAPAI AMA A MAMÃE"

mamãe - dodi - dodi "MAMÃE-DODI-DODI"

x mudo - e - livro "MUDO"

x  
Julia Xuxa Borges

018

SUSANA

ara "ABELHA"

oro "OCULOS"

larl "ESCOVA"

irai "ÍNDIO"

urau "UVA"



019

dália	"DÁLIA"
roie	"ROSA"
dia	"DIA"
lide	"SAPATO" *
loid	"SAPO" *
otra	"AVE"
ori	"PEIXE"
ovo	"OVO"
olid	"ÁRVORE"
laild	"ELEFANTE"
liqal	"JESUS"
gfdimand	"GERMÃO"
luci	"LUCI"

\* TEM A MESMA LETRA

020

Luci darja mandtau	"LUCI NÃO ESQUEÇA MINHA
quidimt mvaantu	BONECA. BEIJOS"
Suzana	"SUZANA"

021

Abelha  
"ABELHA"



RÔMULO

"RÔMULO"

022

iauelo "IAUELO"

lanana "NÃO SEI"

aro "ARO"

023

Rômulo

ilua "PRATO"

aria "MAMÃE EU QUERO UM PRATO"

gula "MAMÃE NÃO ESQUEÇA DO MEU PRATO"

dula "MEU PRATO É REDONDO"

	024
Data 05/08/86	
sum	
"NÃO LEU"	

	025
RAFAEL	
aba	"ABELHA"
aaa	"AMANDA"
ovo	"ÓCULOS"
loa	"ESCOVA"

	026
aba	"ABELHA"
ovo	"OVO"
ar	"A(VE) NÃO SEI"
RAFAEL	"RAFAEL"
Camisa	"CAMISA"

027

oi "MÃE"  
RAE AEL ~~ort~~ si

"RAFAEL - ÓCULOS"

028

70

Thayrone

"THAYRONE"

ablla

"ABELHA"

ioio

"IOIO"

029

Thayrone

x 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

ata. 12/10/86 - "DATA"

ablla "ABELHA"

ionent "NÃO SEI"

1 2 3 4 5 6 7 8 9

i vorôemi  
ma vi aiaa  
Thayrone

"uouô emi (brck)"  
"ma vi aiaa"  
"Thayrone"



a=lea  
e=lee  
i=li  
o=lo  
u=lu

lolo  
"loie"

aaalla "aaaua"

o

aaaiua

"a bola pula"

Ooaaaiu

"a bola aiu"

O lobo uua

"o lobo uua"

~~Ele~~ ele ve a uua "ele ve a bola"

ivoremmimam "ivone mimã"

mi ma mu mems

"mi ma mu mo ne"

9/6/36

031

Data, 05/08/86

Thayrone

totoi

"DODOI"

toto

"DOI DO"

papai vê o lobo

"PAPAI VÊ O LOBO"

032

armata e sistema

oro

"OURO"

033

Data: 19 686

armata

novô

"VOVÔ"

novô

"VOVÔ"

dada

"DADÔ"

doi

"DOI DO"

ou

"OI"

dia

"DIA"

pap

-

034

Data 5/5/86

dado	"DADO"
doido	"DODOI"
dodo	"DOIDO"
abelha voa	"ABELHA VOA"
eu comi pipoca	"EU COMI PIPOCA"
doido	"DODOI"
apipapai	"A PIPA DO PAPAÍ"
apalva	-
lpo	-
opau	-

035

Joé "JOSÉ"

al "ABELHA"

35A

oro ad ai orō  
 uae - orō  
 aei - orō - orō - orō  
 pipā

35B

Iaca ia ka oro  
 ka - te - ki - pu  
 pipā



036

Data, 19/06/86.

dodti

"DODOI"

ind

-

novo

"AVO"

novo

"VOVO"

pipa voa voa

"PIPA VOA VOA"

ala

"ALA"

ma me mi mo mu

melado

"MELADO"

037

Data, 58/06/88

Dato Roi Roi

"O RATO ROI ROI"

I boiom pai

"O BOI COME PAPAÍ"

Mama

"MAEVY"

"AEIOU"

"DATA"

A l i o u

Data

039

da - de - di - do - du - ovo dia  
 dado - mamãe - dudu - do

pia - piada - mamãe - papai  
 mamãe viu a maery - dudu  
 papai - papai - didi -

"DA - DE - DI - DO - DU" "OVO" - "DIA"

"DADO" - "MAMÃE" - "DUDU" - "DO"

"PIA" - "PIADA" - "MAMÃE"

"MAMÃE VIU A MAERY"

"PAPAI" - "PAPAI" - "DIDI"

041

Data: 19/06/86.

lolo "LOBO"

vovó "VOVÓ"

vovô "VOVÔ"

papi mudo / Pipa

"PAPAI ME DA UMA PIPA"

042

Data: 5/8/86.

eu brinquei de boneca com minha  
amiguinha, de casinha"EU BRINQUEI DE BONECA COM A MINHA  
AMIGUINHA, DE CABINHA"

Ai O

"Ai - O"

043

lata

"DATA"

a r i o s t o

"ARIOSTO"

044

vaga lume

ave novô dado ovo uva

VAGALUME

AVE NOVÔ DADO OVO UVA

045

alo - Dira a dáile

Dira viu a dáile mamãe

vaga - lume

'ALÔ DIRA A DÁLIA'

'DIRA VIU A DÁLIA MAMÃE'

'VAGALUME'

046

pipa

"PIPA"

tue viu da uma pipa para mim o fofo ariosto

'TIO VICO

DA UMA PIPA PARA MIM O FOFO ARIOSTO"

047

data 18 86

\* a i                    que qui b.  
 \* ca cê cu -  
 fa - fe - fi - fo - fu

as lami férias eu passiei lupsiiei  
 férias                    na casa do Robson  
 sapata

"ARCELAI"

"FÉRIAS"

"FÉRIAS EU PASSIEI EU PASSIEI

NA CASA DO ROBSON

SAPATO

048

VITOR

"VITOR"

049

data 19 10 64 86

vitor

"VITOR"

Atividades "ATIVIDADES"

data

"DATA"

meau

"MIAU"

pida ual "PIDA UAI"

050

Data 5/18/86

futebol  
"FUTEBOL"

pipa "PIPA"  
olho "OLHO"

051

ROBERTO

"ROBERTO"

Solito

ovo

"OVO"

ovô

"OVÔ"

052

ROBERTO

ovo

"OVO"

dado

"DADO"

lobo

"LOBO"

muda

"MUDA"

mudo

"MUDO"

053

ta "TA"  
 Data: 21/8/86  
 do mi do do do do do do do  
 "DOMINGO EU ANDEI DE CARRO"

054

mirela

"MIRELA"

abelha

"ABELHA"

abelha

"ABELHA"

055

Data: 19/06/86	
mirela	"MIRELA"
voová-voová-dado-	
doi	"VOVÓ-VOVÓ-DADO"
doi	"DOOoi"
doi-	"DOIDO"
vai	"VAi"
de	
lai	"LALA"
vai	"VAi"
voová	"VOVÓ"
voová	"VOVÓ"

056

Rodgo  
"RODRIGO"  
voe-y  
"VAI"  
vo e i

057

Data  
zico "zico"  
fo-x-o-m-i  
ovo  
VA VE VI VO VU  
VOVÔ

058

zio  
zico "zico"  
zillo

059

ovo  
1 i i i  
"vovô"



060

ANDRE

"ANDRÉ" "NOVO" "NOVO" "ESCOVA"

061

ANDRE

"ANDRÉ"

a e n e m

"A E I O U"

u o i e a

"U O I E A"

062

Data: 19/06/86.

cava do de dda

"VAVA" "DA" "DO" "DE DO"

063

marcelo

o  
aloha

"OVO"

"AZELHA"

e - o a u

"E - O A U"

064

ovo uva vou vou abella

"OVO" "UVA" "VOU" "VOU" "ABELHA"

"MAMÃE EU VI UMA BOLA"

065

mamãe eu vi uma bola  
marcelo

"MARCELO"

dado

"DADO"

doi

"DOIDO"

dedo

"DEDO"

dodo

"DODOI"

066

Data 19/06/86

dedo

"DEDO"

dado

"DADO"

lobo

"LOBO"

mala

"MALA"

pipa voa voa "PIPA VOA VOA"

lobo viva "LOBO VIVA"

alafava "FAVA VOA"

alafada "A FADA"

alafada "A FADA"

lalala "FA"

lado "MELADO"

medas "MELADO"

afal "A FADA"

fa fe fi fo fu

"FA - FE - FI - FO - FU"

067

Data 518b

ireni	"IRENE"
futeba	"FUTEBOL"
melão	"MELÃO"
melado	"MELADO"
melado	"MELADO"
mulato	"MULATO"
papai vê a mulata	
mamãe vê o papai	
menino	

PAPAI VÊ A MULATA

MAMÃE VÊ O PAPAI

MENINO

068

mariana Cavaleiro "MARIANA CAVALHEIRO"

vovô<sup>1</sup> - vovô - "VOVÔ - VOVÔ"

vaga lume "ABELHA"

069

Vaga-lume "VAGALUME"

vovô<sup>1</sup> - vovô - Mariana

nini

VOVÔ - VOVÔ MARIANA

Nini (vó)

Data: 16/6/86

vaga - lume - pa - pe

"VAGA-LUME PA PE

va - ve - vi - vo - vu -  
pa - pe - pi - po - pu -

mamãe - da - pa - ra  
- m - u - a - ve - u

"MAMÃE DÁ PARA MIM UMA VÓ, BEIJOS."

(VOU DESENHAR A BOCA)

Data: 19/6/86

vaga - lume

"VAGA-LUME"

vevô - dade - o

"VOVÔ - DADO - O"

dadei - dadu

"DADI" "DADI"

vev

"VAI"

vevi

"LALA"

vev

"LAILA"

vevô nada

"VOVÔ" "VELA"

Grace -

"GRACE"

072

abracaxi

"ABACAXI"

abracati

"ABACATI"

bra

"BA (NANA)"

gato

"GATO"

bombo

"BURRO"

073

baleia - fada - dado - tatu

"BALEIA" "FADA" "DADO" "TATU"

lata - bolo - bola - casa

"LATA" "BOLO" "BOLA" "CASA"

cebola - batata - sapo

"CEBOLA" "BATATA" "SAPO"

bolo - torta - rio - rei

"BOLO" "TORTA" "RIO" "REI"

bife - avós - fix

"BIFE" "AVÓS" "FIXO"

074

jabuti - javali - j pato - fada -  
 "JABUTI" "JAVALI" "PATO" "FADA"  
 cebola - batata - bofetada -  
 "CEBOLA" "BATATA" "BOFETADA"  
 bebi - bijo - lua bananada -  
 "BEBE" "BEIJO" "LUA" "BANANADA"

075

fernanda  
 papai

"FERNANDA"

"PAPAI"

076

lua - papai - (vora) vora

"LUA" "PAPAI" "VORO"

oro - lia - (oro) tatu

"ORO" "LIA" "TATU"

077

papai - vovó - vovô.  
 "PAPAI" "VOVÓ" "VOVÔ"  
 gato - caelo - mano mi  
 "GATO" "CAELO" "MAMAE" "ME DA"  
 (uma boneca) - (fo) fo  
 UMA BONECA  
 beija -  
 "BEIJO"

078

Rafael Schuch  
 "RAFAEL SCHUCH"  
 papai  
 "PAPAI"

079

a fada "A FADA"  
 tatu "TATU"  
 a pipa ou "A PIPA OU"  
 fasa ;  
 fa - fe - fi - fo - fu  
 FA - FE - FI - FO - FU

pipa lua-gago.

"PIPA" "LUA" "GAGO"

y papai meda uma bola

"PAPAI" "ME" "DA" "UMA" "BOLA"

1

Grice papai

"GRICE" "PAPAI"

tatu-pipa-pia-bia

eu sou menina

"TATU" "PIPA" "PIA" "BIA"

"EU SOU UMA MENINA"



083

Adelmo Osmarevi Pires

"ADELMO OSMARESI PIRES"

084

papai - pipa - pia

vovô vovô

"PAPAI"

"PIPA"

"PIA"

"VOVÔ"

"VOVÔ"

085

papai miruto

"PAPAI ME DA UMA BOLA"

086

Bianka Elenir Vidal  
Pipa

"BIANKA ELENIR VIDAL"

"PIPA"

pipa papai vovô vovô.  
a pipa é u vovô

087

"PIPA" "PAPAI" "VOVÔ" "VOVÔ"

"A PIPA É DO VOVÔ"

joga caco pipa  
"JOGO" "CACO" "PIPA"

papai me da 1.ª pipa  
"PAPAI ME DA UMA PIPA"

088

Fabrisio "FABRÍCIO"

pipa papai pia  
"PIPA" "PAPAI" "PIA"

089

090

li lia papai pai pipa.  
 bico calo cola pivo.  
 papel pau faca

"LI" "LIA" "PAPAI" "PAI" "PIPA"

"BICO" "CALO" "COLA" "PIVO"

"PAPEL" "PAU" "FACA"

091

gago-galo-cala-papai  
 mina 1 bola  
 papai mine 1 membro

"GAGO" "GALO" "CALA" "PAPAI"

"ME DA UMA BOLA"

"PAPAI ME DA UMA BOLA"

092

Barigo Elias

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-

papai

"PAPAI"

pipa

"PIPA"

vovó

"VOVÓ"

vovó

"VOVÓ"

la-

"IA"

093

"PIPA" "PAPAI" "PIA" "TA" "TE" "TI"  
 pipa - papai - pia - ta - te - ti -  
 to - tu - fa - fe - fi - fo - fú - fato.  
 "TO" "TU" "FA - FE - FI - FO - FÚ" "FATO"  
 pito.

"PITO"

094

Rodrigo Elias. "RODRIGO ELIAS"

papi - pia - vovó. PAPAÍ PIA VOVÓ  
 manaimidas bola MAMÃE ME DA UMA BOLA

095

Elio Faustino  
 Pai "ELIO FAUSTINO"  
 "PAPAI"

096

Elio Faustino Filho  
 "ELIO FAUSTINO FILHO"

bala bibi bibi midamicabola  
 "BALA" "BIBI" "BEBÊ" "ME DA UMA BOLA"

097

AD "ANDERSON"

a i o l u

"A I O E U"

Cue

098

popi pola

"PAPAI ME DA UMA ZOLA"

099

mar<sup>T</sup> e a u u i

"MAMÃE"

Cue

100

Maria da Perceza de Lima

"MARIA TEREZA DE LIMA"

da mataci

"MAMÃE MATA"

La mutis

"EU AMO MUITO"

Falva "FABRÍCIA"  
íca

"NÃO LEU"

Fabílica Vidal 102 102

"FABRÍCIA VIDAL"

Fata líca

atol or oain

uol oíoo

a l i o u  
u o i l a

~~da da de dido du~~

debo Fax

lalo fa

ota  
otalala

"NÃO LEU"

103

Eloias Eloias

"HELOISA-HELOISA"

ta-le-ti-to-tu

tatca

Helôisa Helôia

"HELOISA-HELOISA"

104

tato lata dado

"TATO" "LATA" "DADO"

tala tala dodoi dado pai

"TALO" "TOLA" "DODO" "DOIDO" "PAI"

pedo. O bolo é da boneca

"PEDO(?)" "O BOLO É DA BONECA"

105

Gille a "GISELE"

arvore "ÁRVORE"

Giselle Duarte a-i-o-u  
"BISELE DUARTE" "A-E-I-O-U"

tatu - lata - tain - leão - dadd  
"TATU" - "LATA" "TALHO" "LEÃO" "DADO"

dooi pa - pe - pi - pa - pe - pi - po -  
"DOOI" "PA" - "PE" - "PI" - "PA" - "PE" - "PI" - "PO" - "PU"

peo - fada - vovo - favao  
"PE" "FADA" "VOVO" "FAVO"

O tatu foi "O TATU FOI"

Edilson a-i-o-u-a-a-a-a-o  
"EDILSON A-E-I-O-U-A-A-A-A-A"

gato casa  
"GATO" - "CASA"

Edilson Timoteo Felix  
"EDILSON TIMÓTEO FELIX"

bola - bolo - lata - bota - tala  
"BOLA" - "BOLO" - "LATA" - "BOTA" - "TALA"

lua é doida  
"LUA" - "É" - "DOIDA"



a l i o u  
"A-E-I-O-U"

109

Adriano Amilton Balança

110

"ADRIANO AMILTON BALANÇA"

baleia-fada-tatu

"BALEIA" "FADA" "TATU"

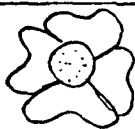
batata

"BATATA"

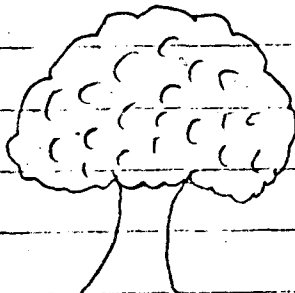
A fada e de botiti

"A FADA É DE BOTITI"

Jeane



111



"JEANE"

Jeani Carla Maciel.

112

"JEANI CARLA MACIEL"

tate lata fada data datou vata

"TATU" "LATA" "FADA" "DATA" "DADOI" "VATA"

volei banana lainga bananada

"VOLEI" "BANANA" "BAINHA" "BANANADA"

Gilmar Manoel Pires

"GILMAR MANOEL PIRES"

113

ja je ji jo ju

"JA JE JI JO JU"

ba be bi bo bu

"BA BE BI BO BU"

va ve vi vo vu

"VA VE VI VO VU"

114

Cristiane  
BERNADETE  
dos Passos

"CRISTIANE

BERNADETE

DOS PASSOS"

115

Cristiane Bernadete dos Passos "CRISTIANE BERNADETE DOS PASSOS"

ma - me - mi - mo - mu

na - ne - ni - no - nu

fa - fe - fi - fo - fu

fada - fio - fui - fada  
"FADA" "FIO" "FUI" "FADA"

meu - nene  
"MEU" "NENE"

116

JANE oi

"JANE" "oi"

eu - oi - ia "EU" "OI" "IA"

117

Zene Ronilda Lionel

fada - tatu - balia - baie - dada  
"FADA" "TATU" "BALIA" "BAIE" "DADA"

boi - doce - beijo  
"BOI" "DOCE" "BEIJO"

A fada é boa  
"A FADA É BOA"

Emerson Augusto Carlos

118

"EMERSON AUGUSTO"

MARIA

"MARIA"

119

Maria Juazeiro

"MARIA JUAZEIRO"

120

Edneia Ana Pires

Edneia Ana Pires

"EDNEIA ANA PIRES"

130

131

Edneia Ana Pires

alison lima

"EDNEIA ANA PIRES"

"LEÃO" "LEÃO"

132

Luciane pai pia pepê

"LUCIANE" "PAI" "PIA" "PEPEU"

133

Luciane

"LUCIANE"

gato -

"GATO"

caco

"CACO"

a luciane dola

"A LUCIANE QUER DOLA"

beiju

"BEIJOS"

134

Jaice

"JOICE"

DA SILVA

VIDAL"

Jaice

Valete

(DESISTIU)

I

Iijga Jolce

"PIPA"

"JOICE"

135

"JOICE" "LATIU" "BILU" "TOLO" -

Jaice luto Bilo tole luma

Lula turno lout lout jato

"LULA" "TURNO" "LOTE" "JATO"

136

Fabiana alves

"FABIANA ALVES"

137

Fabiana Alves

"FABIANA ALVES"

jiji - jja - pipa

"JJI" "JJA" "PIPA"

mamãe mi da bola

MAMÃE ME DA BOLA

	138
E A E E I O	
E A E E I O	
"IDALECIO"	

	139
Edalecio Cillo	
"IDALECIO"	
la	
1232	"123"

	140
Edney Carlos Pires	
"EDNEY CARLOS PIRES"	
aa - vi - vi - no - nu	
"VA - VE - VI - VO - VU"	

	141
Edney Carlos Pires	
"EDNEY CARLOS PIRES"	
ca	"CACO"
uc	"UCO"
la	"LU"
al	"AU"

Alexandre

"ALEXANDRE"

142

(a e i o u)

Alexandre - "ALEXANDRE"

143

a - u

e - i

o

CLAUDEINEI

144

Claudinei

"CLAUDINEI"



Claudinei Tito Inácio "CLAUDINEI TITO INÁCIO" 145

m h furos darta frouaia  
"NÃO LEU" "LUCIANA"

fada beijo  
"FADA" "BEIJO"

O tatu nli  
"O TATU ..."

rafael "RAFAEL" 146

Rafael Daniel Faustino 147

"RAFAEL DANIEL FAUSTINO"

fada dedo bala

"FADA" "DEDO" "BALA"

fala dala

"FALA" "DALIA"

O tatu é feio beijo dedo

"O TATU É FEIO" "BEIJO" "DÍDO"

Luciana "LUCIANA" 148

aciou  
"ACIOU"

Luciana Herminia Rocha

"LUCIANA HERMINIA ROCHA"

fala talo malo.

TA "MAL"

fa - fe - fi - fo - fu -

"FA - FE - FI - FO - FU"

ta - te - ti - to - tu -

"TA - TE - TI - TO - TU"

na - ne - ni - no - nu

"NA - NE - NI - NO - NU"

Luciana

"LUCIANA"

1 - 1 - 1 - 1 -

1 - 1 - 1 - 1

3 - 3 - 3 - 3 -

3 - 3 - 3 - 3

i

"i"

150

Luciana Sebastião Vieira,

LUCIANA SEBASTIÃO VIEIRA

fala mad lata fo.

"FALA" "MAL" "LATA" "FO"

foa la - le - li - lo - lu -

"FOA" BA - BE - BI - BO - BU

la - le - li - lo - lu -

"LA" - LE - LI - LO - LU"

151

Deivid a 1)

'DEIVID' "YACA" "AGORA VOU DESE-  
NHAR A ORELHA E  
O RABO."

Deivid miraldo Vidal.

"DEIVID MIRALDO VIDAL"

fada - tatu - lata.

FADA TATU LATA.

dobodo. O tatu é feio

DOBODO ("ENADA") O TATU É FEIO

ta - te - ti - to - tu.

"TA - TE - TI - TO - TU"

la - le - li - lo - lu.

"LA - LE - LI - LO - LU"

153

monica

verf - vorô - caro - 'BEBÊ' 'VOVÓ' 'CARRO'

gato - cabelo - mamãe 'GATO' 'CABELO' 'MAMÃE'

midauakumica

beijo

'ME DA UMA BONECA'

Beijo

154

Sandra Regina Lourenço

'SANDRA REGINA LOURENÇO'

memê nida uma bola

'MAMÃE ME DÁ UMA BOLA'

155

Luiz Carlos da Silva

"LUIZ CARLOS DA SILVA"

Babi - Babi - Pedro -

"BABA" "BEBÉ" - "NÃO LEU"

Neto -

156

157

Jose Luis da Silva

"JOSÉ LUIS" "A-E-I-O-U"

158

Jean

"JEAN"

Ilano

"NÃO LEU"

159

Michael

"MICHAEL"

160

MICHEL

"MICHEL"

o o i e u

"A O I E U"

161

Data: 19/06/86

MICHEL

"MICHEL"

o o o o o

"OURO" "VOVÔ" "VOVÔ"

o o

"OURO"

162

EDUARDO

"EDUARDO"

o o o o

o o o o

"VOVÔ"

"VOVÔ"

163

Data: 19/06/86

EDUARDO

"EDUARDO"

o o vovô

"OVO" "VOVÔ" "VOVÔ"

tu da pipa

"TIO DA UMA PIPA"

DUDUDUDU

"DUDUDU"

Lutz

'LUIZ'

164

na

'VAVA'

ne

'VEVE'

165

Dada 19 de 26

Luiz Alberto

'LUIZ ALBERTO'

dado

'DADO'

Dudi

'DIDI'

na

'VA'

A pipa na-na

'A PIPA VOA-VOA'

166

MAICO

'MAICO'

A circle with a diagonal slash from the top-left to the bottom-right.

vovô

A circle with a diagonal slash from the top-left to the bottom-right.

vovô

A circle with a diagonal slash from the top-left to the bottom-right.

vovô

Data: 19/06/86

MAICO

"MAICO"

1. lobo

dália mia 2 papai mi d

1a lox

1. LOBO DÁLIA "MIA" 2º PA PAI ME DA UMA BOCA"

novô

Novó

"NOVÔ"

"NOVÓ"

Jean

"JEAN"

lox

Jean

Data 19/06/86

novô

"NOVÔ"

novó

"NOVÓ"

dia

"DIA"

apipava

"A PIPA VOA"

FABIANO

192  
170

00

ana  
li

"NÃO LEU"

171

Data 19/6/86

FABIANO

"FABIANO"

F M

Rafael Pauli

172

"RAFAEL PAULI"

a - l - i - o - u

"A - E - I - O - U"



173

Data: 19/06/86

Rafael Pauli

a-l-i-o-u "A-E-I-O-U"

u-o-i-o-u "U-O-I-O-U"

l-o-u-o-l "E O U O E"

dado dos "DADO" "DEDO"

pipa ua "A PIPA VOA"

Elaine

"ELAINE"

174

175

Elaine

ELAINE

Lina

DIYA

Vela

VELA

m lobo

LOBO

data 19/06/86

Kleber

'KLEBER'

novô

'NOVÔ'

novô

'NOVÔ'

on

'ONO'

a

Kleber

'KLEBER'

ov

'OVO'

Diva

'DIVA'

P

Pou

Lobo

'LOBO'

Rafael

nãu escreveu nada

179	
<u>Rafael</u>	
3	"3"
pa pa	"PAPO"
da	"DO"
abe	"ABELHA"
nonô	"VOUÔ"

kely

180

a - e - i - o - u  
 "A" - "E" - "I" - "O" - "U"  
 1 - 2 3 4 5 - 6

7 - 8 - 9 - 10 -

data

"DATA"

data: 19/06/86,

Kely

va<sup>VA</sup> ve<sup>VE</sup> vi<sup>VI</sup> vo<sup>VO</sup> vu<sup>VU</sup>

de<sup>DE</sup> da<sup>DA</sup> di<sup>DI</sup> do<sup>DO</sup> du<sup>DU</sup>

lu<sup>LU</sup> lo<sup>LO</sup> li<sup>LI</sup> lo<sup>LO</sup> lu<sup>LU</sup>

ma<sup>MA</sup> ma<sup>MA</sup> me<sup>ME</sup> mi<sup>MI</sup>

pa<sup>PA</sup> pe<sup>PE</sup> pi<sup>PI</sup> po<sup>PO</sup> pu<sup>PU</sup>

uva ouro

UVA

OURO

JANINE a e i o u  
del

"JANI NE" "A-E-I-O-U"

JANINE

data 19/6/86.

voa<sup>'VOA'</sup>

voa<sup>'VOA'</sup>

voa<sup>'VOA'</sup>

a pipa voa

'A PIPA VOA'

184

a l e o u

"A" "E" "I" "O" "U"

185

Date 9/6/86.

Gustavo

lua 'LUA'

ova 'OVO'

eva 'LUA'

l 'ei'

Dai 'DAI'

apoa 'A... APOA'

186

Diego 'DIEGO'

a.

Diaz 'DIA'

o Dilo  
'OCULOS'

187

Nota	"NOTA"
Diego	
Didi	"DIDI"
Dede	"DEDE"
dia	"DIA"
dada	"DADA"
dado	"DADO"
dadi	"DIA"
pipadada	"PIPA DADA"

188

Adriana	"ADRIANA"
ovo	"OVO"
ovoid	"OVO"
ovô	"OVO"

189

fabio	"FABÍCIO"
abelha	"ABELHA"

FAZIANO data 19/6/86

mamae "MAMÃE"

pipa PIPA

lolo LOBO

mamae pipa

"MAMÃE EU QUERO UMA PIPA"

Data: 19/08/86

Nome: Ariosto

1- Uma carta para a mamãe

mamãe a sara e papai di siate  
 i vos mamãe di siate eu a sate  
 iro sei eu Sei ma i lute a  
 ma mamãe te amo a sate  
 e sara e sara e gata  
 mamãe mamãe Ariosto mamãe  
 te adoro luv

MAMÃE E PAPAI 'DISSE' ONTEM E FOI MAMÃE ONTEM

EU ACREDITO JÁ CECI EU SEI MÃE EU TE AMO

MAMÃE TE AMO MAMÃE ADEUS

ERA SÓ VÉ, A SARA É CHATA

MAMÃE MAMÃE ARIOSTO MAMÃE TE ADORO

Data: 19/8/86

192

Nome = Janine.

X

1 - Uma carta para a  
mamãe

X

mamãe o papai gosta  
de casa com você

mamãe eu moro com  
você

mamãe você gosta da  
vovó

mamãe eu sou o único  
zino

mamãe eu te amo  
!

mamãe eu quero ser  
você para sempre

MAMÃE O PAPAI GOSTA DE CASAR COM VOCÊ.

MAMÃE EU MORO COM VOCÊ.

MAMÃE VOCÊ GOSTA DA VOVÓ.

MAMÃE EU QUERO UM IRMÃOZINHO.

MAMÃE EU TE AMO

MAMÃE EU QUERO VOCÊ PARA SEMPRE.



Data: 19-08-86.

Mome-Hely

X

1- Uma carta para a  
mamãe

X UMA CARTA PARA A MAMÃE

mamãe é do papai  
O bule é da mamãe  
mamãe gosta da  
Vovó

mamãe gosta da  
Vovó

vovó

"MAMÃE É DO PAPAÍ", "O BULE É DA MAMÃE"

"MAMÃE VOCÊ GOSTA DA VOVÓ"

"MAMÃE VOCÊ GOSTA DO VOVÔ"

"VOCÊ PARA SEMPRE."

Data: 19/03/86

Nome = Luiz Roberto

x  
Uma carta para mamãe

x  
A mamãe gosta de papai  
O papai é da mamãe  
mamãe é do papai  
mamãe me deu carinho  
mamãe é meu  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha  
mamãe é minha

"UMA CARTA PARA MAMÃE"

"A MAMÃE GOSTA DO PAPAÍ"

"O PAPAÍ É DA MAMÃE"

"MAMÃE É DO PAPAÍ"

"MAMÃE ME DÁ UM CARRINHO"

"MAMÃE É MEU". "MAMÃE É MINHA."

IDEN.

Data: 19/08/56.

Nome - "PAULO"

1- Uma carta para a  
mamãe

x

mamãe é do papai  
 mamãe é do paulo  
 mamãe é do João e do me  
 mamãe é do gato  
 mamãe é do beule  
 mamãe é do neném  
 mamãe é do sapo  
 mamãe é da dália  
 mamãe é da minhoca  
 mamãe é da pipa  
 mamãe é do rato  
 mamãe é do dado  
 mamãe é do jacaré

Data: 14-9-56.

Nome: Eduardo

x

1- Uma cópia da mamãe

"UMA CARTA PARA A MAMÃE"

meu bebezão

"MAMÃE EU TÃO..."

mamãe o papai tão "MAMÃE O PAPAI TÃO..."

mamãe = eduardo do tão "MAMÃE O EDUARDO TÃO..."

eu

"EU"

Data: 19-8-86

284

Nome = ANDRÉ

197

1- Uma carta para a mamãe

"UMA CARTA PARA A MAMÃE"

mamãe eu te adoro "MAMÃE EU TE ADORO"

mamãe eu te amo "MAMÃE EU TE AMO"

mamãe eu quero um guri "MAMÃE EU QUERO UM GURU"

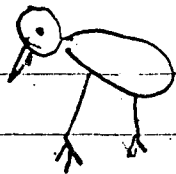
mamãe eu quero um cachorro "MAMÃE EU QUERO UM CACHORRO"

mamãe eu quero "MAMÃE É DO PAI"

50

198

Data: 19-08-86



Nome Adriana

1- Uma carta para a mamãe

"UMA CARTA PARA A MAMÃE"

mamãe eu te amo

mamãe eu quero um dente

mamãe eu te amo

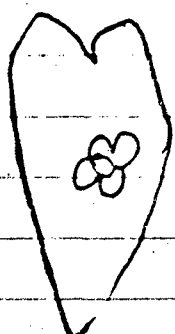
mamãe eu gosto de você

O papai gosta de nós

mamãe eu quero ganhar neném

eu tenho moto

Adriana Baechtold



"MAMÃE EU TE AMO"

"MAMÃE EU QUERO UM DENTE NA GEDA"

"MAMÃE EU TE AMO"

"MAMÃE EU GOSTO DE VOCÊ"

"O PAPAÍ GOSTA DE NÓS"

"MAMÃE EU QUERO GANHAR NENÉM"

"EU TENHO MOTO"

Data: 19/08/86

Nome: MICHEL

1- Uma carta para a mãe  
mãe eu te amo

aluno: Michel

"UMA CARTA PARA MAMÃE"

"MÃE EU TE AMO"

"MÃE EU TE AMO"

Data: 19/08/86

Nome: Vitor

mamãe

"MAMÃE"

eu te amo

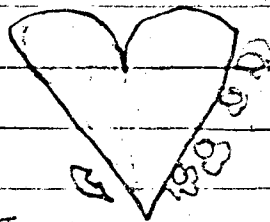
"EU TE AMO"

papai eu te amo

"PAPAI EU TE AMO"

agora eu te amo  
mo

"AGORA EU TE AMO"



Vitor

"VITOR"

Data: 19/03/80

Nome = Diego "DIEGO"

1- Uma carta para a  
mamãe "MAMÃE"

mamãe e presente "MAMÃE: UM PRESENTE"

tao e eu tu "ENTÃO EU DIGO"

eu te amo "EU TE AMO"

Data: 19/03/80

Nome = Rafael

1- Uma carta para a Mamãe

mamãe eu te amo  
mamãe eu te amo

"MAMÃE EU TE AMO"

"MAMÃE EU TE AMO"

Data: 19-03-20

Nome = Maria

1- Uma carta para a mamãe

mamãe me dá uma canção

O papai é da mamãe

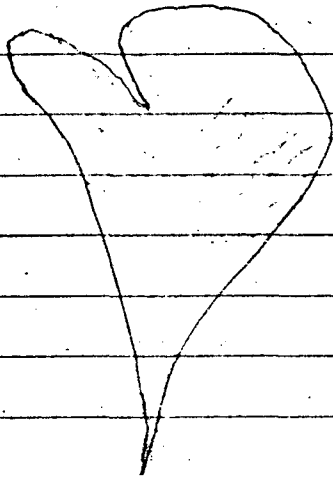
A mamãe é da vovó

eu sou da mamãe

eu te amo mamãe ♡

mamãe a carta que eu te dei

deve ir para você



"MAMÃE ME DÁ UMA CANÇÃO"

"O PAPAI É DA MAMÃE"

"A MAMÃE É DA VOVÓ"

"EU SOU DA MAMÃE"

"EU TE AMO MAMÃE"

"MAMÃE AQUELA CARTA QUE EU DISEI"

"DEVE IR PARA VOCÊ"

Data: 19/02/186

Nome: Fabiano

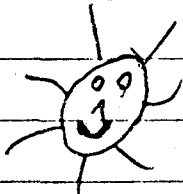
1- Uma carta para a mamãe

\* "UMA CARTA PARA A MAMÃE"

O papai é da mamãe

A mamãe é do papai

Da mamãe o meu do papai



"O PAPAI É DA MAMÃE"

"A MAMÃE É DO PAPAI"

"DA MAMÃE ME DÁ"

Data 19/10/86

288

Nome Elana

285

1. Uma carta para a mamãe

Mamãe eu e a vovó da dalia "MAMÃE EU E A TAGA DA DALIA"

Mamãe eu e neném "MAMÃE TEU NENÉM"

Mamãe e vovó e um e tove "MAMÃE O VAGALUME E A TORRE"

Mamãe eu e a ninhoça "MAMÃE EU E A MINHOÇA"

Mamãe e o miço lobo "MAMÃE E O MEU LOBO"

Mamãe e da vovó "MAMÃE É DA VOVÓ"

Mamãe eu e o neném "MAMÃE ME DA UM NENÉM"

Mamãe li si e o da dia "MAMÃE EU LÍ SI E O DA DIA"

AIA

Data 19/10/86

286

Nome Marcelo

1. Uma carta para a mamãe

mamãe e te amo "MAMÃE EU TE AMO"

A mamãe e do papai "A MAMÃE É DO PAI"

O papai e da mamãe "O P. É DA MAMÃE"

a mamãe e do papai "A M. É DO PAI"

O papai foi pescar "O PAI FOI PESCAR"

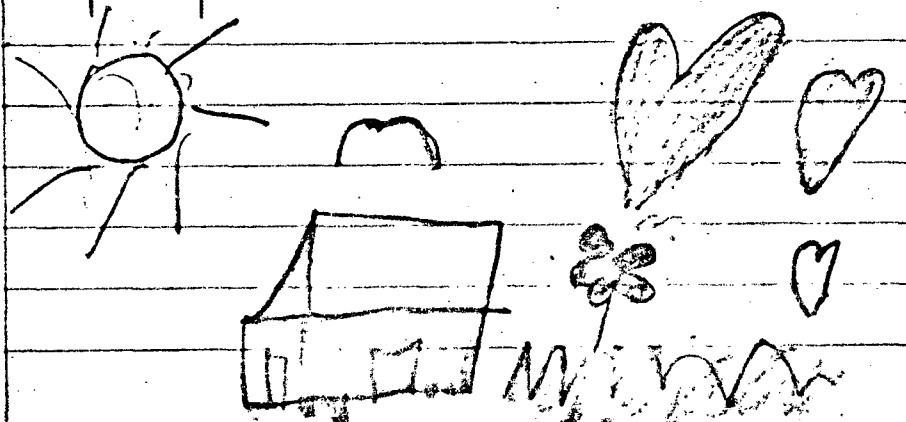
O Marcelo e do papai "O M. É DO PAI"

O papai viu o Marcelo "O PAI VIU O M."

O papai vê o lobo "O PAI VÊ O LOBO"

A pipa e do Marcelo "A PIPA É DO M."

O papai e meu "O PAI É MEU"





Data: 19/08/86.

nome = Mary

x 1- Uma carta para a mamãe

x "UMA CARTA PARA A MAMÃE"

Mary e mamãe

x "MARY É DA MAMÃE"

Mamãe gosto muito de  
você mãe esse beijo  
para você

"MAMÃE GOSTO MUITO DE VOCÊ"

Mary do Espírito

MANDO ESSE BEIJO PARA

VOCE. MARY DO ESPIRITO SANTO"

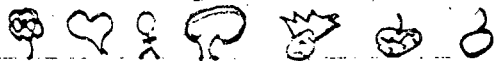
mamãe	Para mamãe	PARA MAMÃE
Mary	Mamãe do coração	"MAMÃE DO CORAÇÃO"
	Mary e mamãe	"MARY E MAMÃE"

A Dalila é da mamãe A DALILA É DA MAMÃE"

lá na rua eu vi a mamãe LÁ NA RUA EU VI"

mamãe é bonita

"MAMÃE. MAMÃE



É BONITA"

mamãe pegou pipis

MAMÃE PEGOU

Ass: Mary

MARY.

PIPIU"

Data: 19-03-30  
nome: RODRIGO BENTO

NOME: "RODRIGO BENTO"

1- Uma "UMA"

uma carta para a mamãe

uma carta

uma carta para a mamãe

"UMA"

"UMA CARTA"

Data: 19-03-30

nome ROBERTO

X

1- Uma carta para a mamãe "UMA CARTA PARA A

X

MAMÃE"

Mamãe "MAMÃE"

O papai é meu "O PAPAÍ É MEU"

O papai viu o vagalume  
meu "O PAPAÍ VIU O VAGA-LUME"

O papai é meu "O PAPAÍ É MEU"

A mamãe é minha "A MAMÃE É MINHA"

A mamãe vive livro "A MAMÃE VIVE

A mama "O LIVRO"

"A MAMÃE"

Data: 17/08/86.

nome = Kléber

X

1- Uma carta para a mamãe.

X "UMA CARTA PARA A M."

mamãe vê o neném "MAMÃE VÊ O NENÉM"

neném vê a dália "NENÉM VÊ A DALIA"

o sapo vê o jacaré "O SAPO VÊ O JACARÉ"

data 19/11/86

nome =

1- Uma carta para a

Uma carta para a mamãe

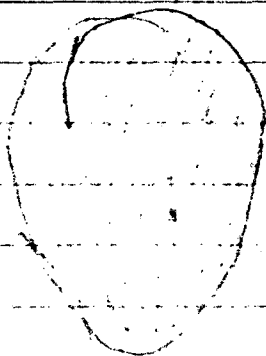
"UMA CARTA PARA A MAMÃE"

MAMÃE

mamãe dá 1 presente

mamãe dá 2 presentes

"MAMÃE DÁ UM PRESENTE"



data: 19-01-1965

Nome: Rafael Pauli

1- Uma carta para mamãe 'UMA CARTA PARA A MAMÃE'

Papai mamãe "PAPAI" "MAMÃE"

mamãe Papai "MAMÃE" "PAPAI"

Papai Nenê "PAPAI" "NENÊ"

bebê Papai "BEBÊ" "PAPAI"

1- Papai bebê "PAPAI" "BEBÊ"

2- mamãe bebê "MAMÃE" "BEBÊ"

3- nós - mamãe "NÓS" "MAMÃE"

6- nós - Papai "NÓS" "PAPAI"

7- mamãe nós "MAMÃE E NÓS"

8- Nenê Papai "NENÊ" "PAPAI"

9- Papai Nenê "PAPAI" "NENÊ"

Papai bebê  
Papai mamãe

"PAPAI" "BEBÊ"  
"PAPAI" "MAMÃE"

Rafael Pauli

Data: 19/05/86

nome: Miriel Bregghe de Siqueira

1- Uma carta para a mamãe

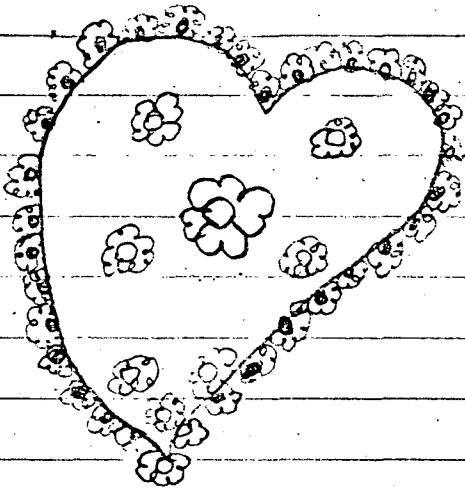
'UMA CARTA PARA A MAMÃE'

mamãe deusmo

'MAMÃE EU TE AMO'

mamãe lo ta

'MAMÃE EU TE ADORO'



Data: 19/05/86

Nome: Alnata

1- Uma carta para a mamãe:

'UMA CARTA PARA A MAMÃE'

mamãe deus 'MAMÃE TE DEU (UM PRESENTE)'

mamãe lo ta 'MAMÃE EU TE (DEU UM PRESENTE)'

Data: 19/08/86

Nome: Evlise

Uma carta para a mamãe

"UMA CARTA PARA A MAMÃE"

O neném é de mamãe. "O NENÉM É DA MAMÃE"

Mamãe lava a roupa de Evlise. "M. LAVA A ROUPA DE E."

Mamãe é mea miga. "M. É MINHA AMIGA"

Mamãe é de papai. "MAMÃE É DE PAPAÍ"

Papai é de mamãe. "PAPAÍ É DE MAMÃE"

O gata de mamãe miou. "O GATO DE M. MIOU"

Mamãe tido 1 beijo. "MAMÃE TE DOU UM BEIJO"

Mamãe é papai. "MAMÃE É PAPAÍ"



Mamãe Evlise

"MAMÃE" "EVLISE"

Data: 19/08/86

Nome: Gean

Mamãe é da u o mamãe "MAMÃE MÊ"

Mamãe eu ice o cavalo no

to e a mu "MAMÃE EU QUERO UM CAVALO PARA VOCE"

papai, u ce muler "P. EU QUERO ..."

Gean é do papai "O GEAN É DO PAPAÍ"

Papai é do Gean "O PAPAÍ É DO GEAN"

A mamãe é a papai "A M. VÊ O PAPAÍ"

A mamãe é a vovó "A MAMÃE VÊ A VOVÓ"

A mamãe vai na vovó "A M. FOI NA VOVÓ"

Data 19/03/36

Nome: ANDERSON SCHUSSEN

1- Uma carta para a Mãe

Alto em mamãe

"... MAMÃE"

livro em mamãe

"LIVROS DE MAMÃE"

Navio de mamãe

"NAVIO DE MAMÃE"

Anderson Schussen

"ANDERSON SCHUSSEN"

Data 19/03/01

Nome: Cristina da Silva Costa

1- Uma carta para a mãe

O papai é da mamãe  
e a mamãe é da mamãe



"O PAPAI É DA MAMÃE"

"ALICE É DA MAMÃE"

Data 19/03/36

Nome: RAFAEL

"RAFAEL"

1- Uma carta para a mamãe

Mim

UMA CARTA PARA

A MAMÃE"

"mim"

Data 13/0/186

Nome = Alexandre Terrado D.

8

1. Uma carta para a mamãe

mamãe eu te amo "MAMÃE EU TE AMO"

A mamãe é do papai "A MAMÃE É DO PAPAÍ"

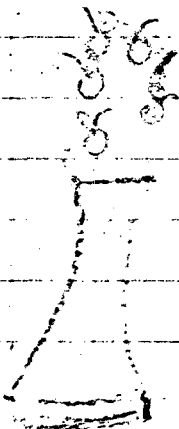
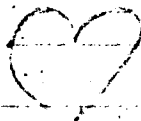
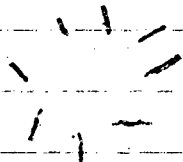
O papai é da mamãe "O PAPAÍ É DA MAMÃE"

mamãe você vai ao mato co papai

"MAMÃE VOCÊ VAI AO MATO COM O PAPAÍ"

Mamãe Beijo! "MAMÃE BEIJO"

Alexandre Terrado Degering





Data: 1908-26

nome = lga Penamatar

Uma carta para mamãe  
mamãe "MAMÃE CU TE AMO"

mamãe "MAMÃE"

o papai mamãe

"O PAZAI ANA MAMÃE"

mamãe papai "MAMÃE PAZAI"

mamãe lããã "MAMÃE É A ESCOLA"

mamãe lga Penamatar

mamãe lga Penamatar



MAMÃE  
MAMÃE LISOR

Data: 19/08/30.

Nome AVA Paula

1- Uma carta para a mamãe

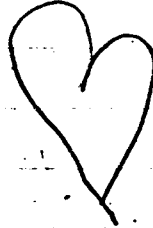
mamãe e papai "MAMÃE É DO PAZAI"

Nome: AVA Paula

Data: 19/08/86.  
Nome: Suzana

1- Uma carta para a mamãe:

Mamãe eu te amo! "MAMÃE EU TE AMO"  
eu Suzana gosto "EU SUZANA GOSTO"



Mamãe é mia "MAMÃE É MINHA"

Suzana beijo "SUZANA BEIJO"

Data: 19/08/86.

Nome: Alexandre

1- Uma carta para a mamãe:

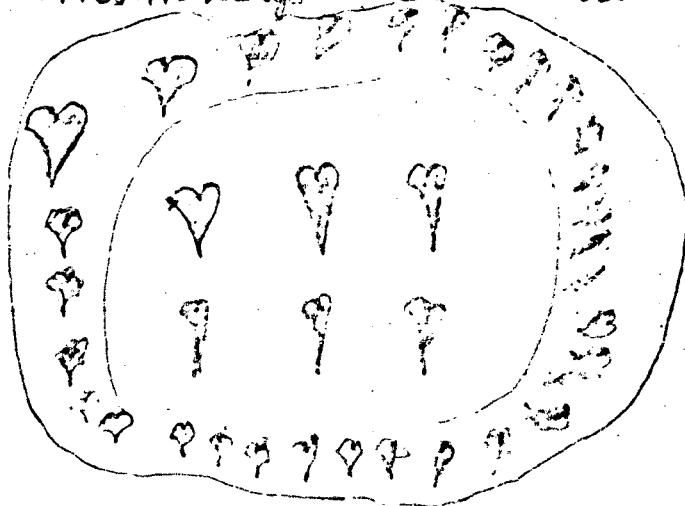
mamãe eu te adoro. "MAMÃE EU TE ADORO"

mamãe eu quero um durão na boca. "MAMÃE EU QUERO UM DURO NA BOCA"  
mamãe eu quero um beijo. "M. EU QUERO UM BEIJO."

mamãe não falar na frente. "MAMÃE NÃO FALAR NA FRENTE"

mamãe fala um bolo de amor para mim. "MAMÃE FAÇA UM BOLO DE AMOR PARA MIM."  
beijo de Alexandre. "BEIJO DE ALEXANDRE."

DE CENCURA PARA MIM. BEIJO DE ALEXANDRE."



Data, 19/1/86.

Nome Paulo Renato

225

1- Uma carta para a mãe.



mãe eu te amo 'MAMÃE EU TE AMO'  
 mamãe do beijo. 'MAMÃE DA UM BEIJO'  
 eu te amo muito. 'EU TE AMO MUITO'  
 papai eu te amo. 'PAPAI EU TE AMO'

papai e bucada pro cozido  
 papai e mamãe eu te amo

'PAPAI OBRIGADO POR CAUSA DE!' 'PAPAI E MAMÃE EU TE AMO'

mamãe eu quero mandar  
 um beijo para você.

'MAMÃE EU QUERO MANDAR UM BEIJO PARA VOCÊ.'

Paulo Renato

Data 19/08/86

226

Nome AMANDA

ANULADO

1- Uma carta para a mamãe

Mamãe eu te amo  
 e te amo eu te amo  
 uma pare de latão  
 e eu te amo a pare  
 mamãe eu te amo  
 eu te amo  
 u beijo  
 a mamãe

Data 10/08/85

227

Nome - ~~Julia~~ grille  
Jaquie

1- Uma carta para  
 a mamãe

O papai e da mamãe

"O PAZAI É DA MAMÃE"

O mamãe e o pedaco  
 daei.

"A MAMÃE EU TE ADORO"

Assá

Data 10/08/85

228

Nome: Julia

1- Uma carta para

mamãe da a, katie

mamãe da a, agiadege

"MAMÃE DA UM CARRO"

"MAMÃE DA UM DUBO NA CIEDA"

Data 19/08/86

Nome = Ronulo

229

1- Uma carta para a mamãe

mamãe ameto

'MAMÃE TE AMO'

mamãe amo

'MAMÃE TE AMO'

mamãe amo

'MAMÃE TE AMO'

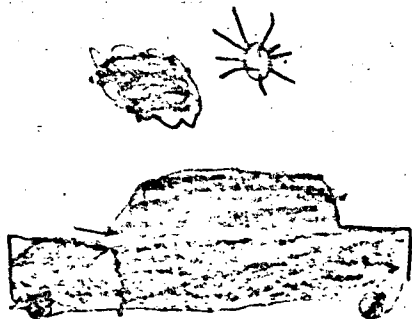
mamãe amada

'MAMÃE AMADA'

mamãe amala

'MAMÃE TE AMO'

Ronulo



Data 19/08/86

Nome = Matheus

1- Uma carta para a mamãe

Mamãe eu quero um  
super magina blifos  
Matheus Amorim

'MAMÃE EU QUERO UMA

SUPER MAGINA BLIFOS'

Data, 19/08/86

Nome: Alinne

231

1 Uma carta para a mamãe

A mamãe é minha amiga

A mamãe é boa de mais

"A MAMÃE É BOA DE MAIS"

mamãe sai de leve "MAMÃE VAI AO BALLE"

mamãe o Vaca luma "MAMÃE O VAGALUME"

mamãe o Boa parami

"MAMÃE É BOA PARA MIM"

mamãe é do papai

"MAMÃE É DO PAI"

mamãe eu te o beijos

"MAMÃE EU QUERO UM BEIJINHO"

Beijos

BEIJOS

Alinne Nunes de Souza

ALINNE NUNES DE SOUZA

Data 19/08/86

232

Nome: Jean

1 Uma carta para a mamãe

mamãe é do papai "MAMÃE É DO PAI"

papai é da mamãe "PAI É DA MAMÃE"

mamãe eu te do meu Jean

"MAMÃE É DO MEU JEAN"

Data 19/08/86  
 Nome = Cristina

233

1. Uma carta para a mamãe

Mamãe eu te amo  
 Mamãe eu quero um relógio  
 A mamãe é do papai

"MAMÃE EU TE AMO"

"MAMÃE EU QUERO UM RELÓGIO"

"A MAMÃE É DO PAPAÍ"

beijos

Data 19-08-86

234

Nome = Karoline

1. Uma carta para a mamãe!

A mamãe é mamãe

papai é da mamãe

mamãe é do papai

O mamãe é do papai

O papai é da mamãe

Karoline é da mamãe

Karoline é da mamãe do papai

mamãe é o papai

KAROLINE É DA MAMÃE E DO

Nome: Karoline:

PAPAÍ. MAMÃE É DO PAPAÍ

Data 19/10/86

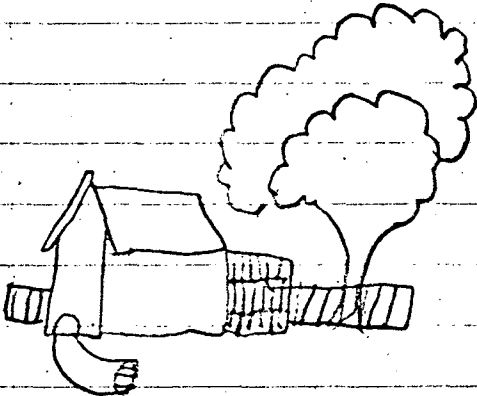
x Edson

Uma carta para a mamãe:  
mamãe eu te mando um beijo  
mamãe no je é do papai

x Edson

"MAMÃE EU TE MANDO UM BEIJO"

"MAMÃE VOCÊ É DO PAPAÍ"



Data 17/10/86

Nome - Thaysia

x  
1 - Uma carta para a mamãe:

x  
mamãe no je do papai: "MAMÃE VOCÊ É DO PAPAÍ"

mamãe é do papai

mamãe é Thaysia

"MAMÃE É DO PAPAÍ"

mamãe eu te mando um beijo

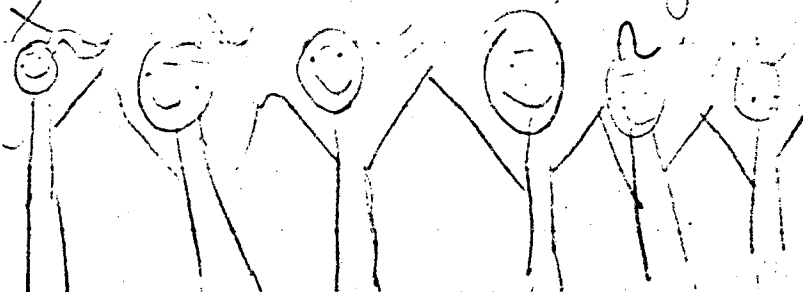
"MAMÃE VOCÊ É DO PAPAÍ"

mamãe eu te mando um beijo

"MAMÃE É DO PAPAÍ"

mamãe eu te mando um beijo

"MAMÃE UM BEIJO"





Data: 19-8-86

Nome - Carlos Eduardo

1- Uma carta para a mamãe

mamãe gosta de migo di rogo lola

go mi bo "MAMÃE É BOA COMIGO" "TOMA BOLA COMIGO"

mamãe go de bolo me mamãe M. GOSTO DE BOLO, NÉ

mamãe é tata,

MAMÃE MAMÃE É TATA"

mamãe gosta de lida,

"MAMÃE É BOA DE LIDAR"

mamãe go te no televisor "M. GOSTO DE VER

mamãe do 1 plis

TELEVISÃO. MAMÃE DÁ

UM BEIJO"

Caffé

Data, 19/08/86

Nome = Juliana

1- Uma carta para a mamãe:

A mamãe é do papai  
mamãe te amo.

"A MAMÃE É DO PAPAÍ"

"MAMÃE TE AMO"

A mamãe é da vovó

"MAMÃE É DA VOVÓ"

A mamãe é do vovô

"A MAMÃE É DO VOVÔ"

A mamãe é da tia

"A MAMÃE É DA TIA"

A mamãe é da tia

"A MAMÃE É DA TIA"

A mamãe tem 1 neném.

"A MAMÃE TEM UM

Juliana

NENÉM.

Data: 19/08/86

226

239

Nome = Marcel

1- uma carta para a mamãe!  
 mamãe a tia do(a) "MAMÃE EU TE AMO"  
 mamãe o tio "MAMÃE EU TE AMO"  
 a mamãe do papai "A MAMÃE É DO PAPAÍ"  
 o papai da mamãe "PAPAI É DA MAMÃE"  
 a mamãe do tio "A MAMÃE É DO TÍO"  
 mamãe meiga "MAMÃE UM BEIJO"

mamãe

248

Data: 19-80-86

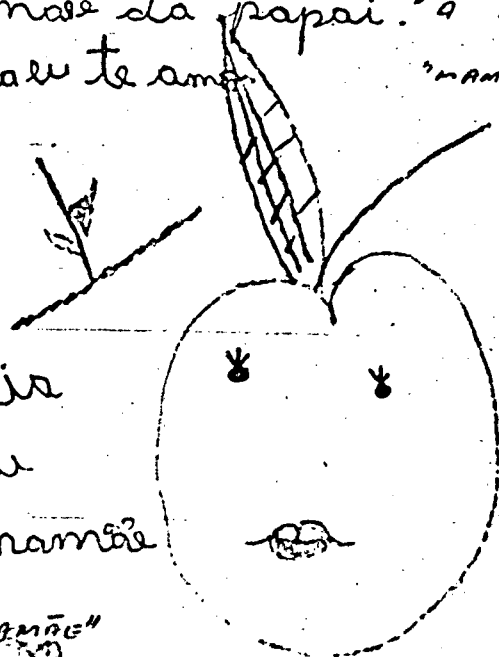
Nome = Julia

1- uma carta para mamãe

A mamãe é minha. "A MAMÃE É MINHA"  
 O papai é da mamãe. "O PAPAÍ É DA MAMÃE"  
 O mamãe é do papai. "A MAMÃE É DO PAPAÍ"  
 mamãe te amo. "MAMÃE EU TE AMO"

Julia  
 eu  
 é mamãe

"EU E MAMÃE"



Data: 19/10/1981.

227

nome: Filipe

241

Uma carta para a mamãe

mamãe eu te <sup>"MAMÃE EU TE AMO"</sup>  
 amo e <sup>E TE ADORO E TE</sup>  
 te adoro = e <sup>MANDO UM BEIJO.</sup>  
 te mando um <sup>PORQUE A MAMÃE NÃO</sup>  
 beijo porque <sup>ME DÁ UM CARRINHO</sup>  
 a mamãe não  
 mandar um carrinho  
 mamãe porque a <sup>"MAMÃE PORQUE A</sup>  
 mamãe não dá um <sup>MAMÃE NÃO DÁ</sup>  
 disco para a <sup>UM DISCO PARA</sup>  
 minha irmã <sup>A MINHA IRMÃ</sup>

Florianópolis, 13/09/86

242

Nome: Marcelo Teixeira de Souza

Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu gosto de brincar de bilhete e um dia cai  
 de bilhete e eu e o meu primo e eu e eu  
 fomos pra casa e eu cai Rua São José e eu e meu  
 primo ficamos perdidos e tinha polícia e disse  
 O senhor guarda me diga a onde fica a Rua São  
 José fica a li ... O SENHOR GUARDA ME DIGA

"MOMÉ" FICA A RUA SÃO JOSÉ."

Marcelo Teixeira de Souza "FICA AÍ!"

Florianópolis, 17/8/86

228

Nome: Mayra Fernanda

243

### Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu gosto de passear de bicicleta,  
eu gosto de fazer de coisas,  
eu gosto de andar de bicicleta, ler,

(PARAHO GOIABA)

Eu acho meus colegas  
legais. Brinco com minhas  
colegas de carinho.

LEGIS/COM AS MINHA

Eu gosto de passar  
com minhas colegas.

"PASSAR"

Eu gosto de ir ao par-  
que e brincar com  
minhas colegas.

"AO"

"LÁ COM..."

Florianópolis 13 de Agosto de 1986

244

nome: Arthur de Brito Rabello / a. 1986

### Redação

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto de brincar de carimbo e brincar  
com a minha irmã e de treinar chute e  
gol e que de brincar com o meu irmão  
e meu pai os domingos melhora para  
jogar é o que eu mais gosto de fazer  
vou a todas as festas.

Todas são lindas!

Eu gosto de brincar com os meus  
cachorros.

Florianópolis, 13/08/86.

nome Raphael Luiz Rovaris 12006

Redação

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto de brincar com o meu  
pai de bola

Eu gosto de brincar com o meu  
amiguinho carinho

'O QUE EU MAIS GOSTO DE FAZER? EU GOSTO DE BRINCAR COM

A MEU PAI DE BOLA, EU GOSTO DE BRINCAR COM O MEU AMI-

GUINHO DE CARINHO.'

245

Florianópolis, 13/08/86.

nome: Marcel machida da

Redação

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto mais de jogar bola  
com meu amiguinho na frente  
do coração de Jesus

que mora três e meia

O time se chama de avai

quem é o juiz é meu amigo

Rafael

'EU GOSTO MAIS DE JOGAR BOLA COM MEU AMIGUINHO NA

FRENTE DO CORAÇÃO DE JESUS. A QUE HORAS? TRÊS E

MEIA. O TIME SE CHAMA DE AVAI. QUEM É O

JUIZ? É MEU AMIGO RAFAEL.'

246

Florianópolis, 13/8/26

247

nome = Bruno

### Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu gosto mais de brincar de boneca  
e gosto de brincar de bicicleta

"EU GOSTO MAIS DE BRINCAR DE BONECA  
E GOSTO DE BRINCAR DE BICICLETA"

2

Florianópolis, 13/8/26

248

nome: Luiz de Araújo Barros Neto

### Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu vou brincar de bola na  
minha casa.

No calinho

"EU VOU BRINCAR DE BOLA NA  
MINHA CASA. NO CALINHO."

Florianópolis, 13/08/86

249

x

Nome:

Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu tenho uma casinha de boneca e brinco de casinha com as minhas amigas e brinco com meus bonecos que se chamam zezinho e Paulinho

"EU TENHO UMA CASINHA DE BONECA, EU BRINCO DE CASINHA COM AS MINHAS AMIGAS E BRINCO COM MEUS BONECOS QUE SE CHAMAM ZEZINHO E PAULINHO."

Florianópolis, 13/08/86

250

Nome: Luísa Carolina de Fátima

Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu vou na casa da minha vó e vou com ela para a feira. Eu aponto goiaba com a forquilha da minha vó e como muita goiaba no pé de goiaba.

"EU VOU NA CASA DA MINHA VÓ E VOU COM ELA PARA A FEIRA. EU APONTO GOIABA COM A FORQUILHA DA MINHA VÓ E COMO MUITA GOIABA NO PÉ DE GOIABA."

Florianópolis, 13/8/86.

nome: Leticia.

251

Redação

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto de apanhar goiaba\*.

Eu gosto de ir ao parque\*\*

Eu gosto de brincar de bicicleta.

Eu gosto de meus irmãos.

Eu gosto de brincar com minhas amigas.

Eu gosto de brincar com meu pai.

Eu gosto de brincar com meu irmão.

\* EU GOSTO DE APANHAR GOIABA.

\*\* EU GOSTO DE IR AO PARQUE.

Florianópolis, 13/08/86

252

nome: Edney 1ª série 006

Redação

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto de subir na árvore\*.

Eu gosto de jogar bola com meu papai.

Eu e meu primo brincamos de bicicleta\*.

Eu me revoô de um carinho e quase todos o dia.

Eu gosto de picar de escolinha\*\*.

\* EU GOSTO DE SUBIR NA ÁRVORE.

\*\* EU E MEU PRIMO BRINCAMOS DE BICICLETA.

\*\*\* EU GOSTO DE BRINCAR DE ESCOLINHA.



Florianópolis 13/08/86

253

nome = Rudiney

## Redação

O que me mais gosto de fazer  
 eu gosto mais de estudar com  
 meu pai de lola.

a quadra é atrás da minha  
 casa invicada da quadra  
 é tudo de telas.\*

inteiros da quadra é tudo  
 grama.

O nome do meu juiz é  
 azidinei\*\*

\* A QUADRA É ATRÁS DA MINHA CASA DA CASA DA QUADRA É TUDO DE TELAS.

\*\* O NOME DO JUIZ É SIDNEI.

254

Florianópolis 13/08/86

Nome Rodrigo Torres

## Redação

O que eu mais gosto de fazer.

O que que eu gosto de fazer é  
 estudar com meu pai de português  
 e de matemática com minha  
 mãe e as vezes com  
 minha tia Inês.

"O QUE QUE EU GOSTO DE FAZER É ESTUDAR COM MEU

PAI DE PORTUGUÊS E DE MATEMÁTICA COM MINHA MÃE

AS VEZES COM MINHA TIA INÊS."

Blumenópolis 13-08-86  
 nome: Marcelo Tonera

255

## Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu gosto muito de brincar "EU GOSTO MUITO DE BRINCAR"  
 mais na ora eu vou estudar "MAS NA HORA EU VOU ESTUDAR"  
 eu brinco na ora do lanche "EU BRINCO NA HORA DO LANCHE"  
 eu gosto de estudar "EU GOSTO DE ESTUDAR"  
 eu brinco com os colegas "EU BRINCO COM OS COLEGAS"  
 eu gosto mais mesmo de equipe "EU GOSTO MAIS MES-  
 mo de futebol" "MO DA EQUIPE DE FUTEBOL"

a equipe é legal "A EQUIPE É LEGAL"

O nome do treinador é beto "O NOME DO TREINADOR É O "BETO"  
 o nome do meu jogo é no estreito "O NOME AONDE EU JOGO É  
 estreito" "ELA É PINTADA NA MARCA DE FUTEBOL"  
 e ela é pintada na marca de futebol "E LA É PINTADA NA MARCA DE FUTEBOL"

quem joga melhor é eu "QUEM JOGA MELHOR É EU"

256

Blumenópolis, 13/8/86

nome: André Luiz

## Redação

O que eu mais gosto de fazer  
 - Eu mais gosto de brincar de bicicleta com meu ami-  
 go o lugar é na quadra de vôlei  
 como é a quadra? a quadra é grande  
 "EU GOSTO MAIS DE BRINCAR DE BICICLETA COM MEU  
 AMIGO. O LUGAR É NA QUADRA DE VOLEI, COMO É A QUADRA?  
 A QUADRA É GRANDE."

Florianópolis, 13/8/86

Nome: Marcelo Tardes  
Redação

257

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto de jogar futebol  
 de jogo com essa piada  
 a bola a cara a mar  
 a eu sou o goleiro e as  
 vezes sou o jogador a gente  
 faz o gol a gente coloca  
 grama e a gente começa a  
 jogar futebol.

COM O BOLA

258

Florianópolis, 13/08/86.

Nome: Felipe Dal Tablo

Redação

O que eu mais gosto de fazer.

Eu gosto de jogar tênis com  
 meu amigo.

Eu quando é no clube.

O meu companheiro se  
 chama Marcelo.

Meu amigo é melhor do que  
 eu porque entrou primeiro na  
 aula de tênis e o professor  
 que é o treinador a aula é  
 das 2 até as 3 horas da tarde.

\* QUORA

\*\*\* MELHOR

\*\* COMPANHEIRO

\*\*\* ENTROU

Florianópolis, 13/8/86  
 Nome Lúlia de Mello Fortes  
 Redação

259

O que eu mais gosto de fazer

Eu gosto de brincar com a minha irmã de casinha no quarto eu brinco de comidinha com minhas amigas. Eu peço minhas bonecas e faço a cama e deito as bonecas a bebê eu boto no berço e fica brincando faço muitas coisas.

Florianópolis, 13/08/86  
 Nome Renata Titeriz.

260

Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu gosto muito de brincar de boneca na minha casinha de boneca.

Eu gosto de fazer muitas coisas na minha casa.

Eu gosto de andar de bicicleta com o meu irmão.

Eu brinco de boneca rosinha.

Eu gosto de brincar de ludo com o meu primo.

Florianópolis, 13/08/86

Nome: Renata Cardoso Mado

### Redação

O que eu mais gosto de fazer

O que eu mais gosto de fazer é brincar de casinha e brincar com as bonecas e as boneca. Eu faço casidinha de brincadeira. Eu ando de bicicleta. Eu dou voltas na quadra e no quintão<sup>\*\*</sup> mais eu faço tudo sozinha porque eu sou sozinha.

\* BONECAS

\*\* QUINTÃO

Florianópolis, 13/08/86

Nome: Anna Paula

### Redação

O que eu mais gosto de fazer

Eu brinco com as minhas amigas. Depois de fazer os meus deveres e a coisa que eu gosto mais de fazer é estudar e brincar de boneca às vezes eu brinco com a minha irmã.

— Quando eu estou brincando de casinha eu brinco de videogame.

— Eu brinco quase todos os dias de atari com o meu pai.

\* SOZINHA

Florianópolis: 13/08/86.

238

nome: Flávia Borges Machado

263

Redação

O que eu mais gosto de fazer

O que eu mais gosto de fazer é brincar de boneca e andar de bicicleta.

Cos sábados e domingos eu gosto de ler uns livrinhos rento na minha cama e lio os livrinhos. Eu gosto mais de andar de bicicleta.

\* UNB

Florianópolis, 13/8/86

264

Nome: Graziela C. Camarão

Redação

O que eu mais gosto de fazer.

O que eu mais gosto é estudar, brincar com meu pai.

Eu adoro ver desenhos ver filme e outras coisas.

Mas o que eu mais gosto é estudar brincar com minha amiga de férias.

Eu gosto muito de estudar porque agente aprende muitas coisas.

Na aula de física eu adoro agente faz ginástica. faz competições.

Na aula de português eu adoro agente faz redações exercício faz testes no lanche né! brincamos.

Eu gosto mais de estudar.

\* DESENHO, ESTUDAR, BRINCAR, ... AGENTE ... EXERCÍCIO \*

Tia Marina

265

gosto muito de você, principal-  
mente quando tira dezma  
prova de português.

"... PRINCIPALMENTE QUANDO..."

Arianópolis, 6/8/86.

266

Leveres nº 3 Eliziane

Ficha de leitura

Título = Branca de neve e os sete anões  
autor

Personagem principal = Branca de neve  
Personagem que mais gostei = sete anões  
Local onde passou a história,  
na casa dos sete anões.

Resumo

A Branca de neve era uma  
linda menina com pai morto.

Ela ficou com sua madrinha e duas  
filhas. Ela queria matar Branca de  
neve e Branca de neve fugiu para  
casa dos sete anões e ficou  
morando lá.

S

Florianópolis: 6-08-86

marcelo

Dentro 43

Classe de leitura classe bom  
7.

titulo: O marinheiro.

autor: de Maria Clara Machado

Personagem principal: O marimbeiro.

Personagem que mais gostei:

O louro

Local onde se passa a estória:  
No mar.

### Resumida

Marco era um marinheiro.

Ele gostava de navegar.

Ele tinha um papagaio.

O papagaio gostava de contar  
aventuras.

O capitão acha que vai estourar

?

Então eles leram para casa

por: Mônica da Silva



Blouinópolis, 5/10/2016.

1º ano

Ficha de leitura

Título: Cinderela.

Autora: Maria Clara Machado

Personagem principal: Cinderela.

Personagem que mais gostei:

Santa Madrinha.

Local onde se passou a história:

Castelo.

Nome: Renata Titevez.

Resumo:

Cinderela era uma menina muito bonita que era maltratada pela madrasta e queria ir no baile do castelo mas não tinha roupa. Ai apareceu a Santa Madrinha e transformou numa princesa. Ai ela foi no baile e a meia noite ela saiu correndo e deixou cair um sapatinho. No outro

dia o príncipe foi na casa da madrasta e o sapatinho serviu na Cinderela. Então eles se casaram e ficaram felizes para sempre.

69 MBom: ficha de leitura  
9 ~~leitura~~

Titulo: Glória e Maria Rodrigo

Autores: Colegas e Alunos

Personagem principal: Glória e Maria

Personagem que mais gostei: João

Local onde se passou a história: no Ilhéu

Uma vez há um menino chamado João e uma menina chamada Maria. Eram irmãos e tinham amigos mais chegados. Ela era mais alta e de cabelo preto e ele era mais baixo e de cabelo castanho. Um dia foram para a praia e estavam a jogar futebol. De repente uma casa de chocolate chegou e havia muitos chocolates e bolos. Quando os dois estavam a comer, a Mariazinha ficou a olhar para o João e ele ficou a olhar para ela. Ela sentiu uma vontade de abraçá-lo e ele sentiu a mesma vontade. Ela foi até ao João e abraçou-o e ele abraçou-a. Ela ficou muito feliz e ele ficou muito feliz também. Quando os dois estavam a abraçar, os amigos chegaram e ficaram a olhar para eles. Quando os amigos chegaram, os dois já não estavam mais ali. Quando os amigos foram procurar os dois, não os encontraram. Quando os amigos foram procurar os dois, não os encontraram.

a Mariazinha empurrou a rodinha  
e os dois foram no quarto dela e  
encontraram ali no quarto da  
dois sacos de ouro e fugiram com  
o ouro e chegaram em casa muito  
contentes  
Glória

Ficha de leitura

Título: Cinderela

1º ano

268

autor: Walt Disney

10

Personagem Principal: Cinderela

Personagem que mais gostou: Cinderela

Local onde se passou a história: Castelo

Resumo:

— Era uma vez uma linda moça chamada Cinderela. Ela morava numa mansão com sua madrasta e suas filhas.

— A madrasta era uma mulher muito malvada e tinha duas filhas muito feias. Elas eram tão ruins que faziam a Cinderela trabalhar tanto como uma escrava. Além disso, elas reclamavam de tudo os amigos que Cinderela tinha na mansão eram de ratinhos.

Um dia chegou do palácio, um convite de um baile. A Cinderela pensou que foi convidada, mas elas saquearam dela. Então elas começaram a fazer tanto serviço para Cinderela fazer, enquanto elas estavam se vestindo para ir ao baile.

Cinderela teve a maior surpresa da sua vida de repente apareceu uma velhinha, era a fada madrinha que transformou Cinderela numa linda moça.

Ela foi ao baile assim que chegou chamou a atenção de todo mundo.

Ela dançou com o príncipe até a meia-noite; saiu correndo deixando o sapato de cristal.

O príncipe procurou, procurou por todos os lugares do país até que encontrou a Cinderela e Cinderela calçou o sapatinho de cristal e os dois se casaram e moraram felizes para sempre.

Florianópolis, 06/08/86

Boa tarde  
 Livro: Leões nº 3 Edney

### Ficha de leitura

Título: Pompon e Mimi

Autor: Elsa Turo

Personagem principal: Pompon e Mimi

Personagem que mais gostou:  
Pompon e Mimi

Local onde se passou a história:  
Na casa do Pompon e Mimi

### Resumo

Pompon e Mimi eram dois gatinhos, levados que só faziam tralalera e correram atrás dos pintinhos, revulbaram o quôrio meceram no erro da cachorra jogaram no chão

a caixa de costura. eis que chega alguém e dá uma boa lição. coloca um chapéu na cabeça dos dois e amarram os rabinhos e assim castigaram os dois gatos levados.

Data 14-8-86

Papai eu te adoro.

Papai meda mil.

Papai meda uma cachorrinha.

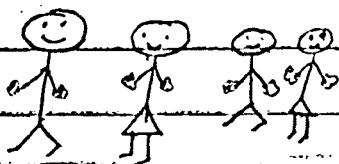
Papai se um pijama.

Papai quer testa um carro.

Papai gosta de mel.

O Papai é bonito.

Papai gosta de queijo.



PAPAI EU TE ADORO

PAPAI QUER TE DAR UM CARRO

PAPAI ME DA MIL

PAPAI GOSTA DE MEL

PAPAI ME DA UMA CACHORRINHA

O PAPAÍ É BONITO

PAPAI QUERO UM PIJAMA

PAPAI GOSTA DE QUEIJO

Data: 14/8/86

O papai é bonito

Eu amo o papai

Eu adoro o papai

O papai gosta de mim

O papai gosta de feijão\*

O papai gosta de meus irmãos gêmeos

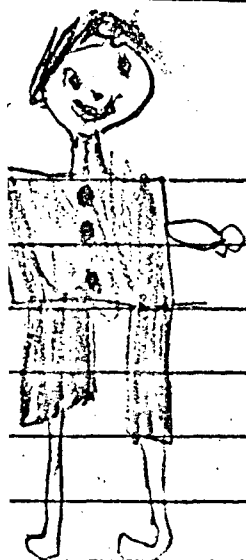
O papai gosta de sorvete

O papai gosta de sorvete

\* FEIJÃO

jisele cristiana da costta

\* RIMPOZINHO



Boa noite 11/08/86

O Papai

O Papai gosta de molhar a cabeça

O Papai gosta de rabanete

O Papai gosta de mi

O Papai gosta de organização

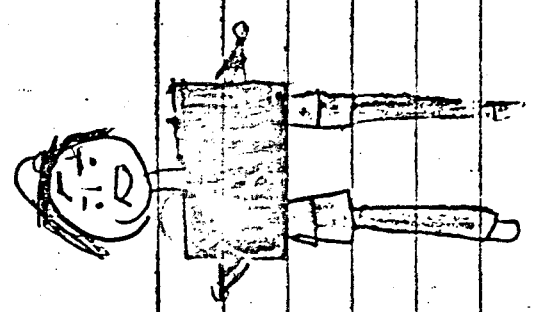
O Papai gosta de qualidade

O Papai gosta de mil bocecos

O Papai gosta de mi

O Papai gosta de filhas

Fabiano Pereira Rocha



O PAI GOSTA DE MOLHAR

GRAMA O P. GOSTA DE RABANETE.

O P. GOSTA DE MIM

O MEU PAZINHO É BOZINHO

MEU PAZINHO É QUEINHO

O MEU PAI GOSTA DE MINHA MÃE

MEU PAI GOSTA DE MIM

PAPAI MEU FILHO

Data: 14/08/86

O papai

O papai é bonito e bono.  
 O meu pai tem um carro.  
 Eu gosto do meu pai.  
 O meu pai gosta da minha  
 mãe.

Meu pai vai sair no carro.  
 O meu pai vai trabalhar.  
 Mamãe gosta do meu pai.  
 Eu gosto da minha mãe.

Graciella Mucara

1 DON

2 TEM

3 TRABALHAR

Data: 14 08 / 86

O papai

O papai gosta de mim.

O papai é bonzinho.

Eu gosto do papai.

O papai é bom e bonito.

Meu pai vai sair no comércio.

Meu pai tem um carro.

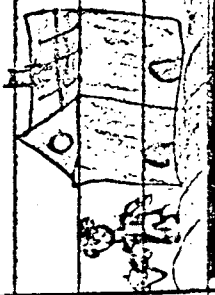
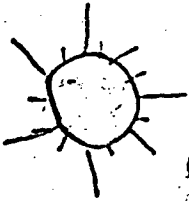
O papai gosta de mamãe.

O papai gosta de estudar.

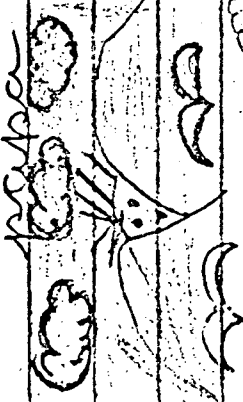
1 mim

2 bonzinho

Fernanda Elisa Cabret







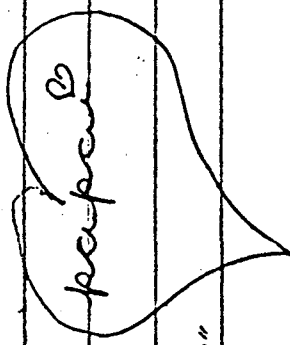
Data: 7 de setembro  
mauricio

"JOSEANE"

meu pai

meu papai adorado  
lembrar pai e do zé de polísem  
partiu uma vez que um bafinho  
mas e dimobire mãe clara

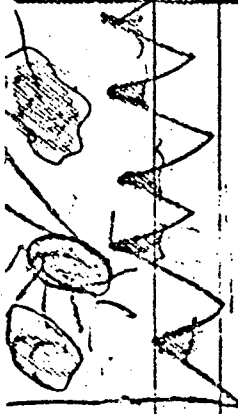
uma pelfia para papai  
para meu pai amado um pelfe e tu fui  
esforçar mas na lafe mãe carca e amã



"O MEU PAI FOOZADO FDI"  
"DADO MEU PAI AMADO UM PRESENTE

COMPRAR UMA BONEQUINHA  
FUI COMPRAR MAS NA LOJA NAO

MAS O BONEQUINHO NAO OAVA"  
HAVIA O AMOR"



DATA 14/8/86

papai

"ME BUSCAR"

Meu papai vem trabalhar  
em a parte mel papai "MEU"  
em a parte e mel papai "MEU"

Quil pai gosta de trabalhar  
no trabalho

Me pai tem um carro

Me pai tem uma moto

O meu pai deu uma bicicleta forquada

Nome do pai de Lúcia

Data: 14/8/85

O Papai é querido

O Papai ele tem um carro

O Papai gosta de balada "GOSTA"

O Papai é bonito

! Precisa saber como é o Papai

Ele é bonito, tem cabelo e ele é muito legal

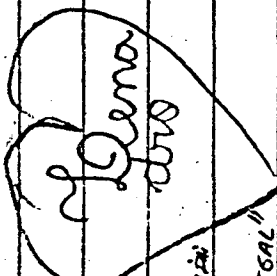
O Papai é legal como

O Papai é bonito

O Papai é querido

Leonora

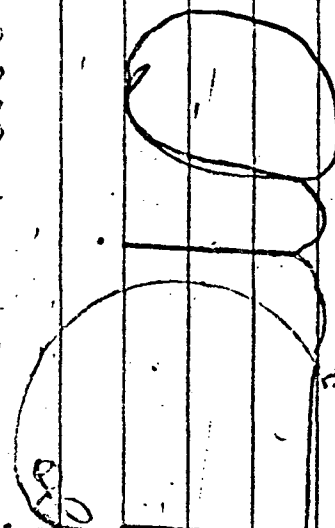
Lulluzal



VOCÊ QUIS SABER COMO É MEU PAI?

ELE É BARRIGUDO TEM BARBA...LEGAL!!

14/8/85



Data 74-08-86

Eu gosto do Papai

O meu pai tem um carro

O Papai gosta de feijão "FEIJÃO"

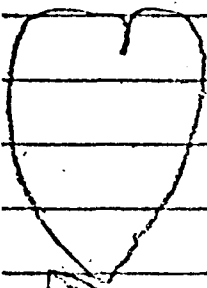
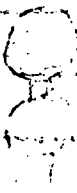
O Papai de de chera prami "O D. DIVEIRO"

O Papai é papiche "O P. É SAICINHO"

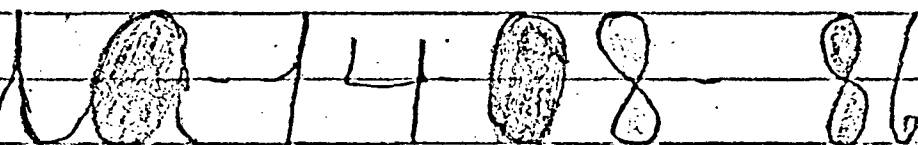
O Papai gosta de mela "O P. GOSTA DE MIM"

O Papai tem da herca "O P. TEM DOIS HERCÔS"

O Papai é legau comige "O P. É LEGAU COMIGO"

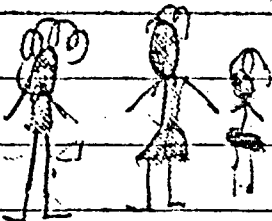


Luciano de Oliveira Silva



251

Data 74-08-86



O papai

- papai-ill

- vilho

O papai de bonito

O meu papai

"BONITO"

Eu te amo

O meu papai tem o café

Papai eu não lhe dezer

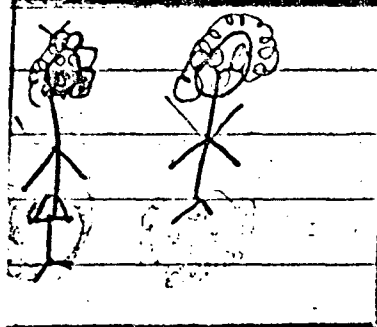
"VOU"

O meu papai me vibra

Rony Jordão dos Santos

Data: 14/8/86.

282



O papai

O papai é bonito  
 meu papai é bonito<sup>1</sup>  
 Eu amo o meu papai  
 Eu gosto do meu papai  
 Eu adoro o meu papai  
 meu papai trabalha<sup>2</sup>  
 meu papai gosta de mim<sup>3</sup>  
 Eu to amo papai

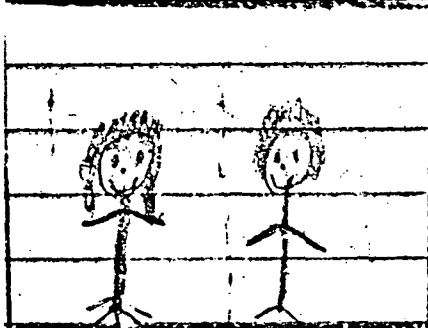
1. MEU PAPAÍ É BONZINHO<sup>1</sup>2. MEU PAPAÍ TRABALHA<sup>2</sup>3. MEU PAPAÍ GOSTA DE MIM<sup>3</sup>

Karina Almeida

E. T. ...

Data: 14/8/86

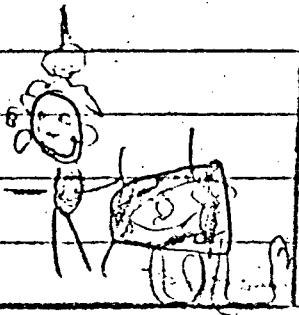
283

x  
papaix  
O papai é bonito  
O meu papai

O papai é bonito e bom  
 papai é bom  
 papai tem um burro  
 papai é minha mamãe  
 papai gosta de mim  
 papai é minha avó "tia"  
 Leandro Lessa da Silva

Data: 14/08/86

284



## O Papai

1. O Papai é bonito e bom
2. O Papai tem uma camionete
3. O Papai trabalha

Papai tem o site

Papai tem uma retulador

Papai é bonito

Papai é bom

Papai compra o ovo

1. O PAPAÍ É BONITO E BOM.

2. O PAPAÍ TEM UMA CAMIONETE.

3. O PAPAÍ TRABALHA.

4. O PAPAÍ TEM UM VENTILADOR.

5. O PAPAÍ É BOM.

o Henrique Papai

Data: 14/08/86

285



## O papai

O papai vai levar a filha a Escola

O papai vai levar a mãe no trabalho

papai é bonito e bom

papai gosta da mamãe e da filha

papai vai na praia com a mãe e a filha

papai gosta de cenoura e cebola

gosta do meu papai

papai compra uma boneca

Luís Küster

Data: 14/8/86

O papai

O papai é bonito.

O papai é querido

Eu amo o meu papai.

O meu papai é bonzinho. "BOZINHO"

meu papai gosta de mim

Eu gosto do meu papai

O meu papai do brucha para mim

O meu papai ama a minha mãe.

O meu papai me ama. "ME"

crustiana

OLHA"

O papa é amigo

O papai é um coque

me papai é um meu amigo

O papai é eli

O papai gosta de ma

O papai gosta de papai e buzin

Data 14.08.86

"O PAPAÍ É AMIGO"

"O PAPAÍ É UM COCO"

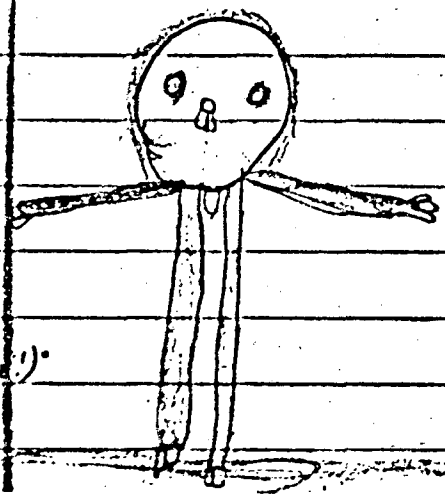
"MEU PAPAÍ É MEU AMIGO"

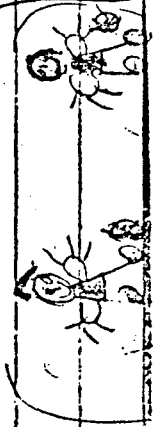
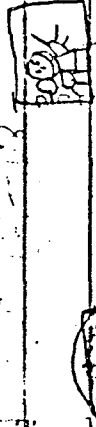
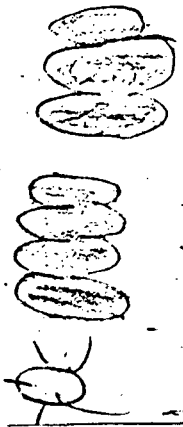
"O PAPAÍ É FELIZ"

"O PAPAÍ GOSTA DE MAMÃE"

"O PAPAÍ GOSTA DE (FALTAU...)"

"O PAPAÍ É BOZINHO"





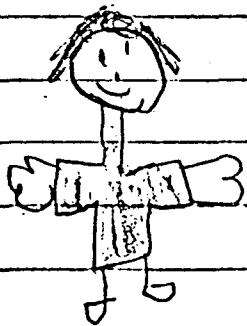
O papai é bonito  
 O papai é bonito  
 O papai é todo de carne  
 O papai tem uma luca  
 O papai vestido bonito  
 O papai é bonito  
 O papai bonito  
 O papai é bonito

"O PAPAÍ É BONITO"  
 "O PAPAÍ É BONINHO"  
 "O PAPAÍ GOSTA DE CARNE"  
 "O PAPAÍ TEM UM FUSCA"

William



Data: 14/8/86



meu querido Papai  
 O Papai querido  
 O Papai tem o carro  
 O Papai é bom  
 O Papai do satarie  
 O Papai gosta de mim  
 O Papai é mel  
 O Papai gosta de fecho

"O PAPAÍ QUERIDO"

"O PAPAÍ TEM UM CARRO"

"O PAPAÍ É BOM"

"O PAPAÍ DEU UM ATACI"

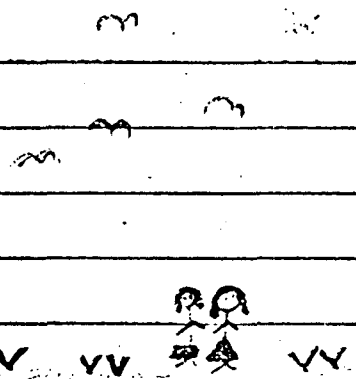
"O PAPAÍ GOSTA DE MIM"

"O PAPAÍ É MEU"

"O PAPAÍ GOSTA DE FEIÇÃO"

Rodrigo de Rabelo Matino

Data: 14.08.86



Papai eu timemo  
 O Papi gosta de passar a mamão  
 O Papi gosta de mim  
 O Papi de me bolo  
 O Papi gosta de passar no carro  
 O Papi corta meu cabelo  
 O Papi gosta de passar  
 O Papi gosta da mamão  
 O Papi gosta da cora  
 gisele e Pereira

PAPAÍ EU TE AMO

O PAPAÍ GOSTA DE PASSAR

COM MAMÃO O PAPAÍ GOS-

TA DE MIM O PAPAÍ

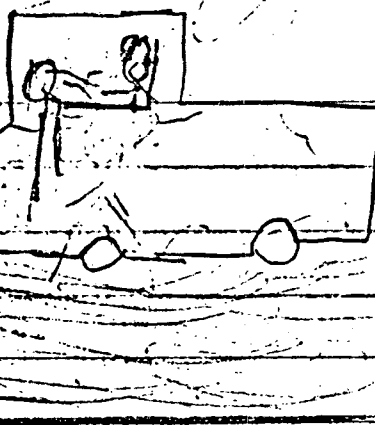
ME DEU SOLO O PAPAÍ

GOSTA DE PASSAR NA UOVA

O PAPAÍ CORTOU MEU CABELO

O PAPAÍ GOSTA DA MAMÃO

O PAPAÍ GOSTA DO CARRO



Data 14/8/86

O Papai é amor  
 O Papai gosta de comida  
 André Luiz Souza

"O PAPAÍ É AMADO"

"O PAPAÍ GOSTA DE COMIDA"

Data 14/8

292

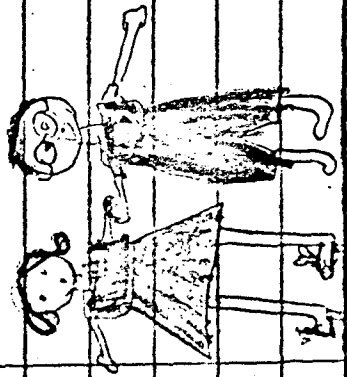
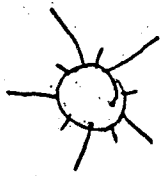
Ano "don"

"ANDERSON"

MEM

262

"HOMEN"



Data: 14/8/86

Papai

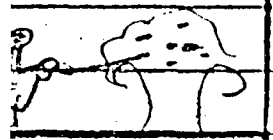
meu querido papai amado  
eu te amo papa tu queres vinte o  
estude mais porque tu m'as' estante

o anglo brijas da vovoz, quei fido pi Bô' qualle  
Girelle Fernandes da dilavira

PAPAI TU QUERES VENDER O... ESTUDE MAIS PORQUE TU NÃO VENDE O ANGLIO...

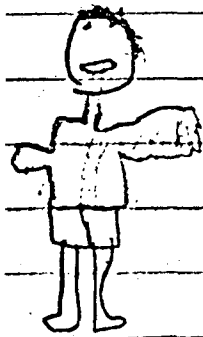
Data 14- 08 186

294



O "papai"  
 papai gosta de cenoura "GOSTA"  
 papai gosta da mamãe "GOSTA"  
 papai eu te adora  
 papai eu te amo  
 papai é bonito  
 Meu papai é amigo  
 papai gosta de feijão  
 "GOSTA"

Rafaela dos Santos



Data - 14/01/86

295

meu amigo

papai ele gosta muito de você papai eu te amo ele  
 gosta de jogar bola papai ele te abraça o nome da  
 avó dele é parati ele nunca brigou com a  
 mãe dele ele é muito bonito e ele gosta muito de jogar bola

Rafael Dias de Lima

PAPAI EU GOSTO MUITO DE VOCÊ E PAPAI EU TE AMO. ELE GOSTA DE JOGAR BOLA.

PAPAI EU TE ADORO. O NOME DO CARRO DELE É PARATI. ELE NUNCA BRIGOU COM A

MINHA MÃE E EU TE AMO MUITO E VOCÊ É BEM BONITO E ELE GOSTA MUITO DE JOGAR BOLA

Data: 14/08/86

papai manda uma lala?

1 O papai é carilho e para mimba mãe.

papai eu te amo.

papai eu te adora.

O meu pai gosta do meu avô.

graziel a dilva papai você quer comer

papai a comida está gostosa.

papai você é tão liado

papai você sempre um carro?

papai eu gosto de você?

papai e meu irmão<sup>1</sup> pai do<sup>3</sup> cisalasa

meu papai é querido.

papai eu amo você<sup>1</sup>.

meu pai dorme na cama e<sup>4</sup> minha mãe.

papai eu quero lala.

1 "CARINHO"

2 "COMPAR"

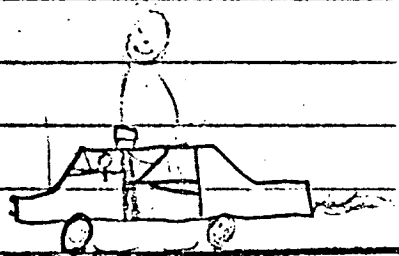
3 "D"

4 "COM A"

5 "PAPAI"

Data: 14/8/86.

x



○ Papai e amigo.

○ Papai gosta de comida.

○ Papai come nabo.

○ Papai jogou.

○ Papai

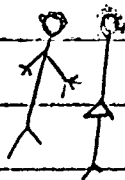
"O PAPAÍ É AMIGO"

"O PAPAÍ GOSTA DE COMIDA"

"O PAPAÍ COME NABO"

"O PAPAÍ JOGOU"

Francisco



Data: 14 de 81

298

○ papai e bonito

papai tem um carro

papai tem um chevette

papai tem um carro

papai tem fusca

Francisco do papai e bonito

O papai é bonito

"PAPAÍ TEM UM CARRO"

"PAPAÍ TEM UM CHEVETTE"

"PAPAÍ TEM UM CARRO"

"PAPAÍ TEM UM FUSCA"

Anderson Antonio Barreira "A CARRO P. É BONITA"

"O PAPAÍ É BONITO"

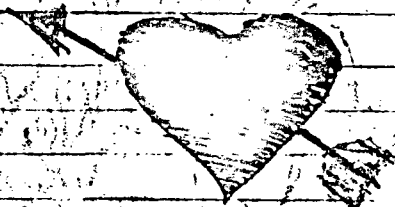
DATA 03/06/86 Dia da Semana Terça Tempo

Tia Loni

Tia Loni eu gosto muito da senhora porque voce e legal.

Tia Loni não faz mal que a senhora seja legal. Mas eu gosto muito da senhora

Beijinho da Karimny



- 1. TERÇA
- 2. SEJA
- 3. MAS



AEI  
OU

Ipolis, 06 de agosto de 1986.

Meu amigo Cunalda  
você e meu melhor amigo do mundo.

"VOCÊ É MEU MELHOR AMIGO DO MUNDO"

Epolis, 06 de agosto de 1986

301

Vanessa gosto muito de  
você.  
Beijos Murycha



"VANESSA GOSTO MUITO DE VOCE  
BEIJOS"

Epolis, 06 de agosto de 1986

302

Vito voce é meu amigo de toda vida  
assinado Carlos

"VITOE VOCE É MEU AMIGO DE TODA VIDA  
ASSINADO CARLOS"

Epolis, 06 de agosto de  
1986 Vitor

303

eu acho você muito  
legal com a gente.

EU ACHO VOCE MUITO  
LEGAL COM A GENTE  
EU LHE AGRADECO TUDO  
QUE VOCE FEZ PARA A  
GENTE. Gabriel,



Episódio Ob de agosto

304

Meu amigo Patrick

'você'

Patrick

"PATRICK"

Episódio Ob de agosto de

305

Patrick tem que trabalhar bem e ainda tem que passar de ano porque se não for que não você não para tá?

"PATRICK TEM QUE TRABALHAR BEM E AINDA TEM QUE PASSAR DE ANO PORQUE SE NÃO FOR VOCÊ NÃO PASSA TÁ?"

Episódio Ob de agosto de 1986

306

Meu amigo Patrick. Eu sempre sou bom com você.  
Rodrigo Bretzer da Luz.

'MEU AMIGO PATRICK  
EU SEMPRE SOU BOM  
COM VOCÊ.'



Rodrigo Patrick.

Vanessa

Você tem uma

amiga:

gosto muito  
de você.

brijos Munyca



VANESSA

DE

WALDACE, O PULGÃO PRECISO | - Edição Pulcinha  
de livro O PULGÃO PRECISO com ilustrações de LINDA e GIL (1974)

307

Margari

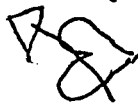
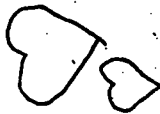
gosto muito de

você.

com carinho

brijos

Munyca



WALDACE, O PULGÃO PRECISO | - Edição Pulcinha  
de livro O PULGÃO PRECISO com ilustrações de LINDA e GIL (1974)

308

Fernanda  
eu canto  
leve a você

muito carinho



Felicidades



Munyca

WALDACE, O PULGÃO PRECISO | - Edição Pulcinha  
de livro O PULGÃO PRECISO com ilustrações de LINDA e GIL (1974)

309

Após o dia de ontem de 1986  
 Refiz minha amiga com o nome de

310

"RAPHAEL MEU AMIGO  
 CONVIDO VOCÊ PARA  
 O MEU ANIVERSÁRIO"

Thiago



Épelas, o dia de ontem de 1986  
 meu amigo - Thiago você

311

"MEU AMIGO THIAGO VOCÊ ..."

Épelas, o dia de ontem de 1986

312

meu amigo olá

Estou escrevendo esta carta  
 para você porque és meu  
 a amiga.

Espero que nossa amizade

seja para sempre

DO SEU AMIGO

"AMIGO"

"DURE PARA SEMPRE"

Sermaneida Klingoski

Epolis, 06 de agosto de 1986

313

Margarite Eutiamo  
tia  
Lina

"EU TE AMO TIA..."

314



Margarite Eutiamo  
tia

Lina

"EU TE AMO TIA"

315

Epolis, 06 de agosto de 1986  
Mária, você é minha amiga  
de peito. Com

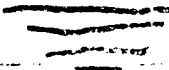
"VOCÊ É MINHA AMIGA DO PEITO"

Enchil, 06 de agosto de 1986

269

316

minha Tia Margeri sei que  
você é a maior Tia querida do mundo



neide



"MINHA TIA MARGERI SEI QUE  
VOCÊ É A MAIOR TIA QUERIDA DO  
MUNDO"

Tia Margeri.

317

Eu gosto muito da se-  
nhora e acho que a  
senhora é uma ótima  
professora.

Também acho a senhora  
muito bonita.

Quero lhe dizer que a  
senhora é muito legal  
com a gente.

E eu lhe mando um  
abrace.

Tchau.

Gabriel.

Ipelís, 06 de agosto de 1986. 318

minha querida Margiri está  
escrevendo com muito carinho

Margiri

"MINHA QUERIDA MARGIRI ESTOU ESCRE-  
VENDO COM MUITO CARINHO"

319

Ipelís, 06 de agosto de 1986  
Margiri está  
Katina Bianca

"NÃO LEU"

Ipelís, 06 de agosto de 1986. 320

minha amiga adora gostar muito de brincar com  
você. gostaria de brincar com você todo dia gosto de brincar  
no pátio e no outro pátio.



"MINHA AMIGA MARGIRI GOSTO

MUITO DE BRINCAR COM VOCE.

EU GOSTO DE BRINCAR COM VOCE

TODO DIA GOSTO DE BRINCAR NO

PÁTIO E NO ARRUMADO

OUTRO ARRUMADO

PÁTIO."

Ipoh, 06 de agosto de 1986.

321

Alexandre, meu amigo  
Amoroso e querido

"ALEXANDRE É MEU AMIGO"

322

Denise  
gosto muito da tua letra e  
também gosto de você.  
Você sabia que eu faço aniversa-  
rio dia 21 de junho?

1-6/8/86

Juanna.

Epolis, 06 de agosto de 1986

324

Arnaldo

"ARNALDO"

Vitor

"VITOR"

Epolis, 06 de agosto de 1986

325

Arnaldo você é o meu amigo. e você  
é meu amigo. eu sou o seu amigo.

Rafael

"ARNALDO VOCE É O MEU AMIGO. E VOCE É

MEU AMIGO EU SOU SEU AMIGO."

Epolis 06 de agosto 1986

326

Alzair de S. da Silva  
escrevendo

Arnaldo ~

"ESTOU ESCRIVENDO"



Ilópolis, 06 de agosto de  
1986

minha amiga gosto muito de  
sua letra e de você Vanessa o dia  
do meu aniversário é dia 21 de  
junho e sábado Luanna.

"MINHA AMIGA GOSTO MUITO DE SUA LETRA  
E DE VOCÊ VANESSA O DIA DO MEU  
ANIVERSÁRIO É DIA 21 DE JUNHO E  
SABADO."

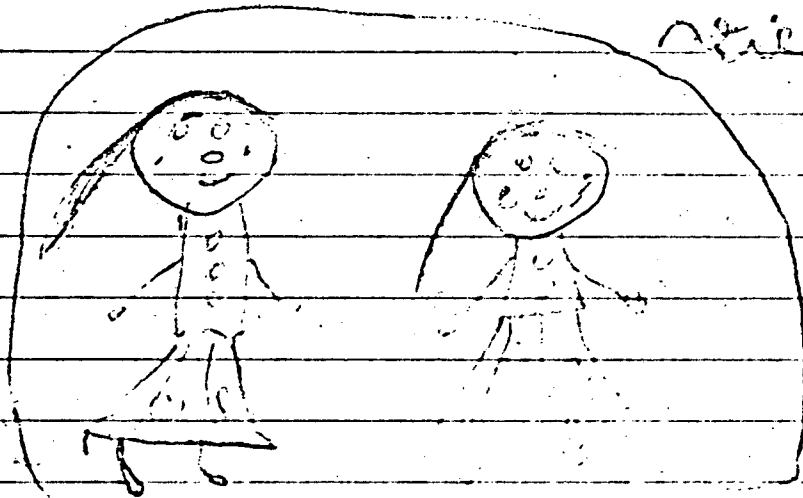
Ampeche, 15 de agosto de 1986

Luanna

Vanessa

Sebastião

Atílio



"OAMPECHE"

LUCIA

"LÚCIA"

329

Campeche 15 de agosto de 1986.

"AGOSTO"

Campeche 15 de agosto de 1986.

330

Nome: Heloisa

e c i e c i

"CE-CI-CE-CI"

Heloisa é boa.

"HELOISA É BOA"

Jane Vanilda Daniel

Campeche 15 de agosto de 1986:

331

nome: Jane

A Jane é minha amiga.

"A JANE É MINHA AMIGA"

A Jane é muito boa.

"A JANE É MUITO BOA"

Campeche, 15 de agosto de 1986.

332

Eu gostu do jimatia

"EU GOSTO DO JIMA"

333

O

Campeche, 15 de agosto de 1986.

nome cristiane

NOME: CRISTIANE

334

Campeche, 15 de agosto de 1986.

Adriano Amilton Baldança

ADRIANO AMILTON BALDANÇA

Adriano Amilton Baldança é

ADRIANO AMILTON BALDANÇA É

meu amigo.

MEU AMIGO.

José Luiz da Silva

Campelche, 15 de agosto de 1986.

276

335

Coelho

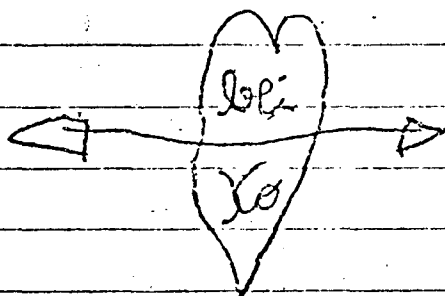
eu falei

"EU FALEI QUE EU

deu de uma carta para

deu UMA CARTA PARA VOCE"

nome: Giselle Duarte



Campelche, 45 de agosto de 1986.

336

Resolva

"RESOLVA"

Gilmar

"GILMAR"

causa

"CAUSA"

337

beijo

"BEIJO"

dinheiro

"DINHEIRO"

roupa

"ROUPA"

Campeche, 15 de agosto de 1986

338

a tia é minha

"A TIA É MINHA"

Campeche, 15 de agosto de 1986

339

Jane Ceboza

"JANE"

"CEBOZA"

Claudinei

"CLAUDINEI"

nhá - nhé - nhe - nho - nihu

"NHA - NHE - NHI - NHO - NIHU"

Campeche, 15 de agosto de 1986

279

Eu fui amaldi.  
Eu pulo e vi a fada  
eu vi coxoro  
Eu vi tatu  
Gauza magali  
a sendo golia

340

"EU FUI NA VENDA"

"EU PULO. EU VI A FADA"

"EU VI UM COXORO"

"EU VI O TATU"

"EU VI A MAGALI"

"ASSINADO GREICE"

Campeche, 15 de agosto de 1986

341

Eu jogei bola.  
"EU JOGUEI BOLA"  
Eu fui a escola.  
"EU FUI NA ESCOLA"

Campeche, 15 de agosto de 1986

342

Eu fui escola  
"EU FUI NA ESCOLA"  
Fabiana Alves.  
"FABIANA ALVES"  
eu estudei  
"EU ESTUDEI"

Campeche, 15 de agosto  
1986.

343

Eu jogador.

"EU SOU JOGADOR"

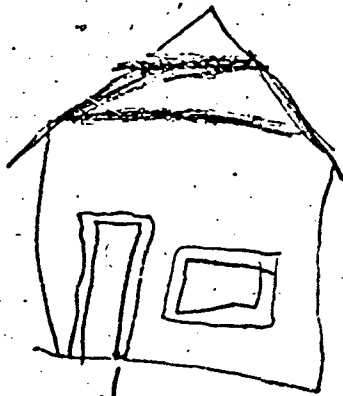
Eu jogador.

"EU SOU JOGADOR"

344

Campeche 15 de agosto

de 1986



eu vou a escola

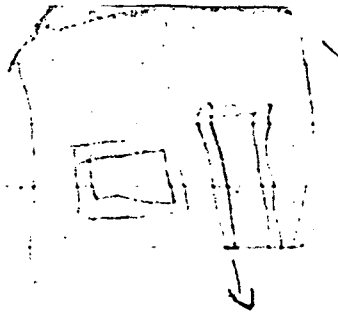
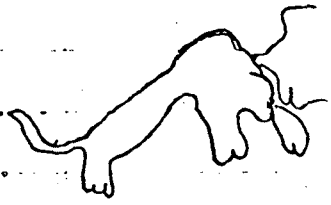
"EU VOU NA ESCOLA"

eu estou na casa

"EU ESTOU NA CASA"

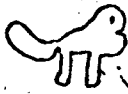


eu fui "EU FUI"



Handwritten text in a stylized script, possibly representing a name or title.

Handwritten text: "EU ESTUDO NA ESCOLA" (I study in school). Above it, there are some faint, less legible characters.

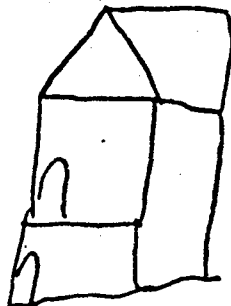
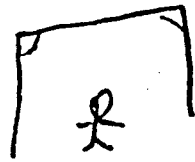
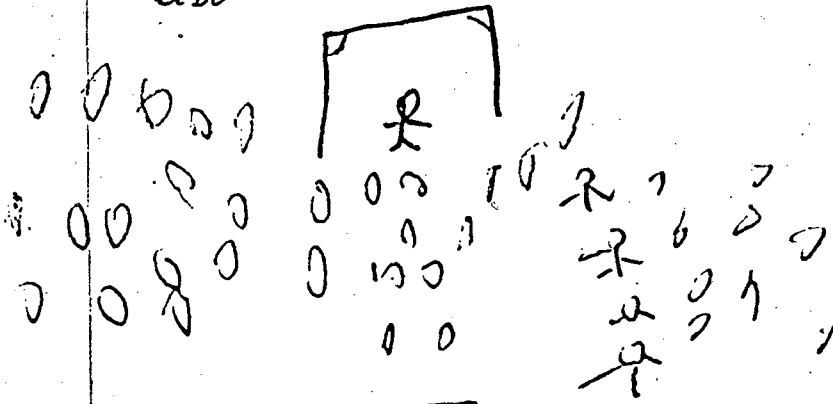


Handwritten text: "PANELA VELHA" (Old Pan) and "fada silêncio" (Silence Fairy). Below this, there is a line of text: "menino é o xale" (The boy is the shawl) and "Zebu".

Handwritten text: "FADA SILÊNCIO"

Handwritten text: "MENINO É O XALE"

Handwritten text: "ZEBU"





Campeche, 15 de agosto de 1986

346

eu bateba eu viu o tata.  
eu ve a fada e o menino.

"EU BATO BOLA" "EU VI O TATA"

"EU VI A FADA E O MENINO"

Campeche 15 de de 1986  
jogador - fada -  
tatu lua panela

347

"JOGADOR" "FADA"

"TATU" "LUA" "PANELA"

Campeche, 15 de agosto de 1986.

348

Eu vi a escola "EU VI A ESCOLA"

Eu vi o tatu e a bola "EU VI O TATU E A BOLA."

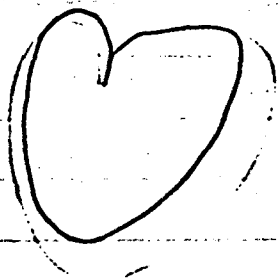
Eu vi a fada e a pipa "EU VI A FADA E A PIPA."

Eu vi o zebu "EU VI O ZEBU"

Eu vi o galo "EU VI O GALO"

Eu vi o jogador "EU VI O JOGADOR"

Eu vi o novela "EU VI O NOVELO"



  
 Campeche, 15 de agosto de 1986. 349

Eu vi o menino.

"EU VI O MENINO"

Eu vi o fada e a pipa.

"EU VI O FADA E A PIPA"

Eu vi o jogador.

"EU VI O JOGADOR"

Eu vi o papai vendendo o gato.

"EU VI O PAPAÍ VENDENDO O GATO"

Eu vi o zebu e o papai.

"EU VI O ZEBU E O PAPAÍ"

Fernanda.



350

Campeche 15 de agosto de 1986.

351

Eu jogo

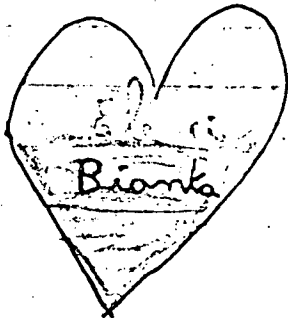
"EU JOGO"

Campecho, 15 agosto de 1986

352

Eu vi a fada e a lua

"EU HOJE VI A FADA E A LUA"



Condemen

"ANDERSON"

353

papai bita amamê e o gosto de  
lôce

ente

"PAPAI (...) MAMÃE E EU GOSTO DE VOCÊ"

Eddécio

"IDALÉCIO"

354

chocolateiro.

"MAMÃE EU TE AMO"

chocolateiro.

"PONTA DE LÁPIS"

chocolateiro.

"O VENTO"

chocolateiro.

"ÁRVORE"

Fabriso | mamãe faz coisa  
boa  
vento futebol

355

"MAMÃE FAZ COISA BOA"

"VENTO - FUTEBOL"

---

Rafael Schuh

356

Eu gosto de estudar

"EU GOSTO DE ESTUDAR"

Eu brinco de tarde

"EU BRINCO DE TARDE"

Eu brinco de bicicleta "EU BRINCO DE BICICLETA"

lá na minha casa tem uma casinha.

"LÁ NA MINHA CASA TEM UMA CASINHA"

futebol

"FUTEBOL"

---

Waltair

357

filhaugarda  
col co

"GATO"

"RATO"

Rodrigo Elias.  
 o vento balança a arvore  
 a o

358

'O VENTO BALANÇA A ÁRVORE' 'O OLHO'  
 o vento vutibou.

"UVA" "FUTEBOL"

minha mãe caminha

'MINHA MÃE CAMINHA'

o carro o carro

"CARRO" "CARRO"

o

"A"

meu pai trabalha no taxi

"MEU PAI TRABALHA NO TAXI"

Bianka Eler

O rato rone a arvore

'O VENTO BALANÇA A ÁRVORE'

O rato rone o rato

'O RATO ROE O QUEITO'

O pai trabalha na policia

'O PAI TRABALHA NO POLÍCIA'

A mãe trabalha tasse

"A MAMÃE TRABALHA NO TAXI"

359

Fabronacilols.

360

O vento balança a árvore.

O VENTO BALANÇA A ÁRVORE

Eu gosto mais de escrever

EU GOSTO MAIS DE ESCREVER

O meu papai trabalha na escola.

"O MEU PAI TRABALHA NA ESCOLA"



Dr. ...

graice

"GRICE"

361

O vento tabalorado a  
árvore.

Eu gosto mais de estudar

O meu papai cuida de galos -  
os galos são de brigas

A minha mamãe trabalha.

encara. meu pai briga com  
migo. mariachiquinha.

O rato rouba a roupa.

O carro passou na estrada.

O meu irmão se chama Alexandre.

"O VENTO ESTÁ BALANÇANDO A ÁRVORE."

"EU GOSTO MAIS DE ESTUDAR"

"O MEU PAI CUIDA DE GALOS" -

"E OS GALOS SÃO DE BRIGAS"

"A MINHA MAMÃE TRABALHA EM CASA"

"MEU PAI BRIGA COMIGO, MARIACHIQUINHA"

"O RATO ROUBA A ROUPA"

"O CARRO PASSOU NA ESTRADA"

"O MEU IRMÃO SE CHAMA ALEXANDRE"

d. Iai

coite caloto u  
edouatis ole maro

"VENTO" "BALANÇA"

362

- "TORE" - "CARRO"

ora sete rato rita thita  
papifa oos lhelo eta

"TORRA" - "REMÉ" - "BAPO" - "RIMA" - "RIMA"

"GALINHA" - "OVOS" - "OCHO" - "HOETA"

Luciane

363

Jesus fais arvores

"JESUS FAZ A ARVORE BALANÇAE"

balisa

O papai rosa

"O PAPAÍ ROSA"

A mãina fais farinha

"A MAMÃE FAZ FARINHA"

Edneia ama ams

364

De se si eu "ARVORE MOXE COM O VENTO"

ôse ius "CARRO CORRÊ" "RATO ROI"

ampicã o "AIBA" (É UM ESCRITO)

Mônica

O vento esta mexendo com a  
arvore  
O col faz a marca do dedo  
A mai fais faxina  
A mai e alta.  
A mai e gorda

289

365

'O VENTO ESTA MEXENDO COM A  
ÁRVORE'

'O COL FAZ A MARCA DO DEDO'

'A MÃE FAZ FAXINA'

'A MÃE É ALTA'

'A MÃE É GORDA'

Mônica Lucia Telia

366

alho alho alho alho alho

'ALHO' 'ALHO' 'ALHO' 'LIA' 'BOIA'

Fernanda

367

~~Arvore~~ arvore ta balanando  
tuliral domestica  
o rato rei roupa  
o gato mia caro anda

a princesa esta na  
~~na~~ torre e porque  
ela

sabiu a escada

'ÁRVORE ESTA BALANANDO' 'PÚBLICA - DOMÉSTICA'

'O RATO REI ROUPA'

'O GATO MIA' 'CARO ANDA'

'A PRINCESA ESTA NA TORRE PORQUE'

ELA SUBIU A ESCADA'



Edny Carlos Pires?

290

368

babalu.

"BABALOO"

O babalu é ratoso. "O BABALOO É GOSTOSO"

vento

"VENTO"

o avião

"AVIÃO"

Giselle Duarte. "GISELE DUARTE" 369

O vento iata baloado a noite.

O meu pai é bonito.

O meu <sup>pai</sup> pai é autu.

O meu pai é magrinho.

Ele tabalia é verdeiro.

A minha mãe tabalia na maternidade.  
dada. A minha mãe

A minha mãe é baixa e gorda

"O VENTO ESTÁ BALANÇANDO A ÁRVORE" "O MEU

PAI É BONITO" "O MEU PAI É ALTO" "O MEU

PAI É MAGRINHO" "ELE TABALIA É VERDEIRO

"A MINHA MÃE TRABALHA NA MATERNIDADE

E CHAMA DADA" "A MINHA MÃE É BAIXA E GORDA"

Fabrilis.

"OUVÓ" 3 CRIANÇAS

meu pai se chama João.

"MEU PAI SE CHAMA JOÃO"

Eli é alto.

"ELE É ALTO"

Eli é magro.

"ELE É MAGRO"

Atu.

"ALTO"

Ela fica em casa.

"ELA FICA EM CASA"

Renadi.

"ZENAI DE"

Ela vai ganhar muito dinheiro.

"ELA VAI GANHAR BEM - GORDA"

Um rato foi ao campo.

"UM RATO FOI O CAMPO"

Um rato.

"CAMPO"

O tatu é feio.

"O TATU É FEIO"

O sapato é da vovó.

"O SAPATO É DA VOVÓ"

A fada é boa.

"A FADA É BOA"

Eu sou bonita.

"EU SOU BONITA"

cristiane

371

PAPAI

"PAPAI"

MÃE

"MÃE"

MÃE -

Pa - Pe - Pi - Pe - Pa - Ru

"PA - PE - PI - PE - PO - PU"

Jane 1

372

meu pai é baixinho magro

"MEU PAI É BAIXINHO, MAGRO"

Daniel e ele é a polícia.

"DANIEL - ELE ERA POLÍCIA"

agora ele é botero da vanilda

"AGORA ELE É PORTEIRO, VANILDA"

lava roupa baixinha e gorda.

"LAVA-ROUPA, BAIXINHA É GORDA"

vento balança o cabelo.

"O VENTO BALANÇA O CABELO"

A fada é boa e bonita

"A FADA É BOA É BONITA"

O urubu é comilão.

"O URUBU É COMILÃO"

A baleia é bonita e grande.

"A BALEIA É BONITA E É GRANDE"

O camelo é feio.

"O CAMELO É FEIO"

Adriano

1958

373

meu pai se chama Amilton

"MEU PAI SE CHAMA AMILTON"

bacho magro pedreiro eu acho

'BAIÃO' 'MAGRO' 'PEDREIRO' 'EU ACHO

meu pai bonito chogo futebol

MEU PAI BONITO. "JOGO FUTEBOL

com meu tio eu apesca

COM MEU TIO". "EU SEI PISCAR

peixe chove mesmo eu tu me

PEIXE 'CHOVE' "MANÃE EU TE AMO"

o rato no queijo frito porco leitão

'O RATO NO QUEIJO' 'FRITO' 'PORCO LEITÃO'

eu nunca fui no cinema

"EU NUNCA FUI NO CINEMA"

eu acito televisão

"EU ASSISTO TELEVISÃO"

eu gosto de peixe e chove

"EU GOSTO DE PEIXE" 'CHOVE

lafora 100 ora e pitau

LA FORA "100 HORAS - "HOSPITAL"

Rafael Daniel Faustino

"RAFAEL" "DANIEL" "FAUSTINO" "DANI"

o je tá chovendo roto

"HOJE ESTÁ CHOVENDO MUITO"

meu pai se chama joze

"MEU PAI SE CHAMA JOSÉ"

baicho e magro

"BAIHO E MAGRO"

ele trabalha na eruschie

"ELE TRABALHA NA ERUSCHIE"

ospitar nome da minha mãe é uma

"HÓSPITAL - NOME DA MINHA MÃE É UMA"

ela é baicha e gorda

"ELA É BAICHA E GORDA"

de são bonitos

"ELES SÃO BONITOS"

el gosto mais de jogar bola

"EU GOSTO MAIS DE JOGAR BOLA"

el gosto de arroz

"EU GOSTO DE ARROZ"

queicho - constituinte

"QUEIHO - CONSTITUINTE"

fada - cinema - baleia

"FADA" "CINEMA" "BALEIA"

dado - mula - burro - camelo

"DADO" "MULA" "BURRO" "CAMELO"

jabuti - quibo

"JABUTI" "QUIBO"

O joão estava adado de cavalo

"O JOÃO ESTAVA ANDANDO DE CAVALO"

na beira do rio o cavalo empalou

"NA BEIRA DO RIO O CAVALO EMPALOU"

e o joão caiu na beira do rio

"E O JOÃO CAIU NA BEIRA DO RIO"

Quadrante Indas  
O gatu Tarvaide

Tau ta é ala il

"HOTÉ ESTÁ VENTANDO"

Tatu alla chosa esha pau

"TRABALHA NO HOSPITAL"

O resolmoito

"TATU" "ARARA" "MINTOCA" "COELHO" "PIPA"